



**SUN
Qiuyan**

**Provérbios e Sexismo: um estudo intercultural entre
Portugal e a China**



**SUN
Qiuyan**

**Provérbios e Sexismo: um estudo intercultural entre
Portugal e a China**

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas Universidade de Aveiro

Aos meus pais e Jerry, sempre

o júri

presidente

Prof. Doutor Paulo Alexandre Cardoso Pereira
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Larissa Latif Plácido Saré
Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará, Brasil (arguente)

Prof. Doutora Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista
Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro (orientadora).

agradecimentos

Agradeço à Prof^a. Dr.^a Maria Manuel Baptista toda a dedicação e apoio que me prestou, ao longo deste trabalho.

palavras-chave

provérbios, sexismo, mulher, subordinação, cultura tradicional.

resumo

Este estudo procura compreender o sexismo na cultura tradicional portuguesa e chinesa, através da análise dos provérbios que incluem referências à mulher, e os fatores culturais que contribuem para o sexismo na cultura portuguesa e chinesa.

Por último procurar-se á verificar as mudanças no papel da mulher portuguesa e chinesa.

keywords

proverbs, sexism, women, subordination, traditional culture.

abstract

This study aims to understand the sexism in traditional Portuguese and Chinese culture through the analysis of proverbs that include references to women and the cultural factors that contribute to sexism in Portuguese and Chinese culture.

Finally, we will try to discover the changes in the role of Portuguese and Chinese women.

Índice

Introdução.....	3
Capítulo I Género e sexo, sexismo e feminismo.....	7
1.1 Género e sexo.....	7
1.1.1 O que significam “género” e “sexo” e quais são as diferenças?.....	7
1.1.2 O género na língua e na cultura.....	8
1.2 Sexismo.....	9
1.2.1 O que é sexismo?.....	9
1.2.2. Hipótese de Sapir-Whorf.....	10
1.2.3 Feminismo.....	12
1.3. Movimentos feministas.....	13
1.3.1. História.....	13
1.3.2 A primeira onda.....	14
1.3.3. A segunda onda.....	15
1.3.4 Simone de Beauvoir e O Segundo Sexo.....	16
1.3.5. A terceira onda.....	18
Capítulo II Provérbio, língua e cultura.....	21
2.1 Relação entre provérbio, língua e cultura.....	21
2.2. Provérbios em português.....	25
2.2.1. Noção do provérbio.....	25
2.2.2. Origem dos provérbios.....	27
2.3. Provérbios em chinês.....	28
2.3.1. Noção e origem dos provérbios.....	28
Capítulo III Provérbios que incluem referências à mulher.....	31
3.1. A situação de mulher na sociedade tradicional da China e de Portugal.....	31
3.2. Provérbios sobre mulheres.....	36
3.2.1. Papéis sociais da mulher.....	36
3.2.2 Casamento e vida.....	43
3.2.3 A mulher “faladora”.....	48
3.2.4. Sabedoria de mulher.....	52

3.2.5. O pomo da discórdia.....	55
3.2.6. Temperamento da mulher.....	59
Capítulo IV Fatores culturais que contribuem para o sexismo nos provérbios chineses e nos portugueses.....	64
4.1. Patriarcado.....	65
4.1.1. O conceito de patriarcado.....	65
4.1.2. A subordinação de mulher.....	67
4.2 Religião e ideologia tradicional.....	71
4.2.1. Controlo da religião.....	73
4.2.2. Ideologia tradicional.....	76
4.3. Convenção.....	81
4.4. Papel social de género.....	84
Capítulo V As mudanças no papel da mulher portuguesa e chinesa.....	88
5.1. O despertar da mulher portuguesa e chinesa.....	89
5.1.1. As mudanças no papel da mulher chinesa.....	89
5.1.2. As mudanças no papel da mulher portuguesa.....	94
Considerações finais.....	103
Bibliografia.....	106

Introdução

A sociedade é muito machista, a mulher é como um objeto de desejo ou obrigação para um homem, sempre naquele mesmo padrão, escondidas em roupas, poucas sabiam ler, só as que tinham pais bastante ricos, elas sabiam cuidar da casa, do marido, e dos filhos, costurar, cozinhar...

Segundo Simone de Beauvoir: “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autónomo” (Beauvoir, 2009, p.15). Isso revela-se na cultura tradicional da humanidade: é vulgar as mulheres não serem consideradas indivíduos livres e autónomas.

A mulher é totalmente rebaixada, dizendo nos dias atuais, a mulher é a mesma coisa que uma empregada doméstica gratuita. Infelizmente muitas mulheres ainda não saíram desse padrão, e também muitos homens mantêm essa postura de superioridade perante as mulheres. Ou seja, a sociedade é ainda muito machista, e a mulher ainda se sujeita à vontade do homem, o de servindo o marido e dando-lhe filhos. Portanto, o marido tinha sobre a mulher até direito de vida e morte, assim também como sobre seus filhos. A mulher não tinha direitos, era criada para cuidar do lar, agradar ao marido, parir seus filhos e nada mais. Era apenas uma posse, assim como qualquer bem do marido.

Se o sexismo se apresenta em quase todos os aspetos da vida social, ele é particularmente relevante nos usos da língua. Com efeito, estes refletem configurações culturais no interior das quais se prefiguram representações que habitam não só o imaginário social como estão intimamente associados a práticas e comportamentos concretos. Como um espelho da cultura humana, os usos de uma língua mostram-nos uma imagem vívida dos costumes e valores sociais.

Sendo uma parte essencial das práticas da língua, os provérbios são, na verdade, uma das manifestações em que a cultura se tipifica em particular a cultura tradicional e popular. O sexismo e a discriminação sexista negativa, presente na cultura e nos usos da língua, não é exceção quando olhamos para os provérbios. Com efeito, os provérbios são um dos veículos mais representativos e persuasivos do imaginário

sexista e constituem, por isso, um terreno fértil para pesquisar sobre a discriminação sexual na cultura.

Tal como acontece com as diferentes línguas do mundo, o português e o chinês contam com um grande número de provérbios, passados de geração em geração, que cobrem um vasto espectro da cultura humana, indo da literatura às lendas populares e das crenças religiosas aos fenómenos naturais. Partindo de uma perspetiva cultural baseada na teoria do género, a presente dissertação visa investigar, compreender e analisar o modo como a discriminação sexual contida em provérbios portugueses e chineses acontece, tal como os fatores culturais que contribuem para o sexismo quer para o português para o chinês.

De acordo com algumas perspetivas da teoria do género, existe a ideia de que uma mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher. Esta afirmação de Simone de Beauvoir reclama que as mulheres são construídas para serem "femininas" através da doutrinação social e cultural.

Com efeito, a discriminação e a opressão das mulheres, muito mais do que por questões biológicas, dá-se por fatores de ordem social e cultural. Elas inserem-se num imaginário social e cultural, que leva a relegar as mulheres para o lugar do "outro pobre" dos homens e que se aproveita da diferença sexual para estabelecer uma hierarquia entre sexo forte (masculino) e sexo fraco (feminino). A perspetiva dos estudos culturais enfatiza que o género é uma construção social e que o desenvolvimento da identidade sexual é correlativo do processo de socialização.

O presente trabalho apresenta, num primeiro momento, uma análise geral do sexismo nos provérbios portugueses e chineses e, num segundo momento, explora os fatores históricos e culturais relevantes (como, por exemplo, a religião, a ideologia tradicional, o regime patriarcal e assim por diante), que contribuem para a presença do sexismo na utilização da língua sob a forma de provérbios.

1. Os objetivos desta pesquisa

O sexismo na língua permanece uma preocupação relevante entre os estudiosos humanistas. Embora grandes progressos tenham sido feitos desde o século XVII, a

presença do sexismo nos usos da língua melhorou pouco.

Com o desenvolvimento da sociedade humana, muitos estudiosos têm tentado compreender as razões essenciais do sexismo na cultura e as maneiras eficazes para eliminá-lo, tendo-se verificado avanços significativos noutra domínio. No entanto, o estudo relativo à China ainda está na sua infância. Com a fundação da República Popular da China e a melhoria da posição social das mulheres, os estudiosos na China perceberam gradualmente a importância de estudar o sexismo. Serem efeito como parte importante da cultura, os provérbios são, em particular, portadores de algumas das dimensões essenciais da cultura.

Através de uma análise detalhada do sexismo nos provérbios portugueses e chineses, este trabalho conclui que as culturas tradicionais são os fatores essenciais para a formação do sexismo nos provérbios portugueses e chineses, e esses fatores culturais têm efeitos na sociedade. Na verdade, a língua nunca é neutra, pois os seus usos dotam-na de valores sociais e culturais atribuídos pelas pessoas que a utilizam. O sexismo na mentalidade e comportamentos das pessoas é naturalmente incorporado nos usos da língua de que elas dependem para transmitir ideias, pensamentos, sentimentos e modos de ver.

Como consequência, e sendo uma parte importante da língua, os provérbios vêm a ser um veículo permanente de preconceitos de género na sociedade humana. A língua sexista é a encarnação da desigualdade entre homens e mulheres na vida social. Assim, o enfraquecimento ou a eliminação do sexismo nos provérbios depende essencialmente da promoção de um senso de igualdade, da realização de reformas sociais e da alteração dos quadros mentais vigentes. Quando as mulheres alcançarem real igualdade com os homens, a discriminação contra as mulheres pode enfraquecer e, até, tornar-se residual ou desaparecer, e com ela os provérbios sexistas.

2. As significações desta pesquisa

Infelizmente, a discriminação de género contra as mulheres, tanto em Portugal como na China, foi algo negligenciada no contexto dos estudos humanísticos por muito tempo. Assim, o presente estudo pode ajudar a aprofundar a compreensão das

peças sobre o impacto da cultura no discurso cotidiano, e também a apresentar a visão do sexismo ainda presente na cultura. Todas essas tentativas podem estimular a preocupação com as condições de vida das mulheres.

O sexismo na cultura é, como já referimos, uma questão séria. Esta tese visa analisar os provérbios principalmente numa perspectiva cultural porque eles são uma parte essencial da língua e são, na verdade, um veículo típico da cultura. Revelam-se, com efeito, como um dos aspectos mais representativos e persuasivos na investigação sobre a discriminação sexual na cultura.

Através desta investigação esperamos poder despertar os leitores para uma reflexão sobre a presença do sexismo na cultura tradicional e atual, ajudando as pessoas a encontrar as maneiras efetivas para o diminuir ou eliminar estas práticas sociais. Esperamos também que este trabalho contribua para uma nova perspectiva e forneça algumas novas informações para posteriores pesquisas sobre esta questão.

Capítulo I Género sexo, sexismo e feminismo

1.1 Género e sexo

1.1.1 O que significam “género” e “sexo” e quais são as diferenças?

A palavra “*género*” tornou-se popular durante a segunda onda¹ do feminismo. Passou a ser usada para distinguir da palavra "*sexo*", que definia as pessoas como machos e fêmeas, associada a significados socioculturais, como "*masculinidade*" e "*feminilidade*" (Louise e Torunn, 2000, p.111). Mais especificamente, Zhao Yanping e Li Jieli forneceram a seguinte descrição detalhada dos dois termos:

“Sexo refere-se às diferenças biológicas entre machos e fêmeas, especialmente as diferenças visíveis nos órgãos sexuais e as diferenças relacionadas no papel que cada sexo desempenha no processo reprodutivo. O género se refere à classificação social do masculino e do feminino. Toda sociedade reconhece a divisão sexual da espécie em macho e fêmea, mas as culturas diferem em termos do que consideram masculino e feminino” (Zhao e Li, 1999, p.286).

Desta forma, podemos dizer que a diferença entre o biológico e o sociocultural é o que está na origem da distinção entre "*sexo*" e "*género*".

O sociólogo Anthony Giddens define "*sexo*" como "*as diferenças biológicas ou anatómicas entre homens e mulheres*", enquanto "*género*" se refere às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres (Anthony, 1989, p.158). Estabelecido em termos biológicos, o sexo relaciona-se com genes, gónadas e hormonas. As diferenças de sexo mostram-se principalmente no aspeto dos cromossomos, das gónadas, da hormona sexual, na estrutura anatómica, na função

¹ A segunda onda feminista é reconhecida por estar compreendida no período que se estende da década de 1960 até à década de 1980. É uma continuidade da primeira onda feminista, com as mulheres se organizando e reivindicando seus direitos. Entretanto há características que distinguem as duas fases. Enquanto no primeiro momento as mulheres lutavam por conquista de direitos políticos, no segundo momento as feministas estavam preocupadas especialmente com o fim da discriminação e a completa igualdade entre os sexos.

física, na figura, na função motora e assim por diante.

Assim, e como as feministas ocidentais têm apontado, o sexo biológico é natural, enquanto o gênero social é construído pelas normas sociais e culturais. O gênero é adquirido e formado de acordo com as diferentes exigências que a nossa sociedade e cultura impõem aos diferentes sexos (Bhasin e Kamala, 2000, p.46-52).

As ideologias dominantes nas culturas tradicionais estabelecem padrões diferentes para homens e mulheres seguirem. Assim, por exemplo, em quase todas as culturas do mundo prevalece a noção segundo a qual as mulheres são fracas, enquanto os homens são fortes e poderosos. Estas ideias infiltraram-se nos pensamentos das pessoas e tornaram-se padrões de avaliação de homens e de mulheres, no que diz respeito à divisão de trabalho e ao desempenho de papéis sociais, conduzindo à discriminação e à desigualdade de homens e mulheres em todos os aspectos da vida social (Abrahams, 1996, p.768-796).

O termo "*gênero*" põe em causa a ideia de "*determinismo biológico*" e enfatiza a construção social e cultural do gênero. É a ideologia culturalmente estabelecida que determina as diferenças de gênero, bem como a desigualdade de gênero. Ou seja, a falta de participação das mulheres nas atividades sociais, por exemplo, tem menos a ver com questões de ordem biológica do que com as normas culturais lhes são impostas pela sociedade (Corbett, 1991, p.256-257). A sociedade apresenta valores diferentes para o trabalho dos homens e das mulheres, levando a diminuir a importância destas e a conferir-lhes uma posição subordinada na sociedade.

1.1.2 O gênero na língua e na cultura

Sendo um elemento essencial na sociedade, os usos da língua refletem sempre relações de poder inerentes aos funcionamentos sociais. Isso também acontece no caso do gênero, pois os usos da língua veiculam a atribuição de diferentes qualidades entre homens e mulheres. É importante não esquecer que as práticas linguísticas prefiguram uma imagem do que é ser homem e do que é ser mulher e de quais são as qualidades e atributos de uns e de outros. Dito de outro modo, essas práticas prefiguram comportamentos culturais e moldam modos de ser (Barrie e Nancy, 1975,

p.157-162). Por exemplo, falar de certos modos e usar determinadas expressões é admissível e vulgar para os homens, mas pode não ser considerado próprio para uma mulher. Assim, os próprios hábitos inerentes ao uso da língua carregam imagens predefinidas do género.

Os estudos da língua e dos seus usos, no que diz respeito ao género, incluem duas partes: os estudos das diferenças de género nos usos da língua e os estudos da discriminação de género nos usos da língua.

Através desses estudos podemos constatar que o género enquanto construção cultural está ligado aos sistemas de valores, tal como se plasmam na religião, na política, na educação e nos mais diversos planos da sociedade. Esses sistemas de valores atuam, quer apresentando modelos que servem de norma, quer vigiando o que é desvio à regra (Briere e Lanktree, 1983, p.625-632).

1.2 Sexismo

1.2.1 O que é sexismo?

O termo “*sexismo*” foi criado realizando um paralelo com a palavra “*racismo*”. Em geral, o sexismo refere-se à discriminação de elementos de um dos sexos pelos elementos do outro e, historicamente, dos homens relativamente às mulheres, alimentando a ideia de que um dos sexos é superior ao outro (Bauer, 1996, p.440). O sexismo é uma realidade muito comuns em muitos costumes. Remete para um sistema de crenças e práticas, que têm por base a convicção de que o sexo biológico determina todos os papéis sociais e económicos de homens e mulheres. O sexismo consuma-se também no ato de objetificação sexual, ou seja, quando se reduz alguém à função sexual e se trata essa pessoa apenas enquanto objeto a ser usado para a satisfação sexual. Outras manifestações típicas da mentalidade sexista são, por exemplo, estipular que a cor rosa está relacionada com o género feminino e o azul com o masculino (Kerner, 2012, p.93).

Segundo Rosemary Radford Ruether, sexismo significa que “*um sexo não é tão bom, inteligente, etc. quanto o outro, resultando isso num tratamento injusto das*

mulheres pelos homens.” (Ruether, 1993, p.65). Rosemary Radford Ruether apontou também que “o sexismo é o privilégio de género dos homens em relação às mulheres, e são sobretudo os homens que originaram essa forma de opressão, beneficiando dela e perpetuando-a legal e ideologicamente” (ibidem, p.298). A mesma visão é apresentada por feministas, que indicam que existe um preconceito na sociedade a favor dos homens. Normalmente, o sexismo está associado à posição que o machismo determina para as mulheres. Mas também pode estar relacionado com o tratamento preconceituoso da sociedade relativamente aos homens, aos homossexuais, aos transgéneros, aos que não se identificam com nenhum dos géneros, entre outras formas de representação de identidade sexual. Então, este preconceito apresenta-se na língua, sendo conhecido como o sexismo na língua. Essa é, pelo menos, a base da hipótese de Sapir-Whorf.²

1.2.2. Hipótese de Sapir-Whorf

A hipótese de Sapir-Whorf consiste na suposição de que os pensamentos e ações de um indivíduo são determinados pela língua ou línguas que o indivíduo fala. A versão forte da hipótese afirma que todos os pensamentos e ações humanas são determinados pela língua. Está hipótese é geralmente menos aceite do que a sua versão mais fraca, segundo a qual a língua apenas modela parcialmente o nosso pensamento e comportamento. Seguem-se citações dos dois linguistas que primeiro formularam a hipótese: Edward Sapir:

“Os seres humanos não vivem sozinhos no mundo objetivo, nem sozinhos no mundo da atividade social, como normalmente entendido, mas estão muito à mercê da língua particular que se tornou o meio de expressão para sua sociedade (...) O fato da questão é que o "mundo real" é, em grande medida, construído

² Edward Sapir (Lauenburg, Alemanha, hoje Polónia, 26 de janeiro de 1884 - New Haven, Connecticut, 4 de fevereiro de 1939) foi um antropólogo e linguista alemão de origem judaica. Benjamin Lee Whorf (24 de abril de 1897 - 26 de julho de 1941) foi um lingüísta norte-americano, sendo mais conhecido como um dos criadores da Hipótese de Sapir-Whorf.

inconscientemente sobre os hábitos de língua do grupo. Nenhuma das línguas são sempre suficientemente semelhantes para ser consideradas como representando a mesma realidade social (...) (Sapir, 1958, p.69).

Quanto a Benjamin Whorf:

“Nós dissecamos a natureza ao longo das linhas estabelecidas por nossas línguas nativas. As categorias e tipos que isolamos do mundo dos fenômenos que não encontramos lá porque eles olham todos os observadores na face, ao contrário, o mundo é apresentado em uma caleidoscópica. Fluxo de impressões que tem de ser organizado por nossas mentes - e isso significa, em grande parte, pelos sistemas linguísticos em nossas mentes” (Whorf, 1940, p. 247-299).

A língua está intimamente relacionada com a cultura, é uma parte essencial desta. A hipótese de Sapir-Whorf, prestando muita atenção à relação entre língua e cultura, forneceu uma base teórica para os estudos do sexismo. A apresentação desta hipótese deve-se essencialmente a Whorf, mas ele foi influenciado pelo seu professor Sapir.

O aspeto fulcral desta hipótese é o seguinte: uma língua não é só um instrumento de comunicação, mas também um universo simbólico, que comporta representações, que influenciam os pensamentos e o espírito das pessoas. A influência da língua está diretamente articulada com as visões do mundo, que as pessoas carregam, e com a compreensão e interpretação do que as rodeia.

Uma língua materna é um universo cultural presente na forma como as pessoas estruturam a sua inteligibilidade do mundo e elaboram as representações com que se orientam nele. Isso acontece a maior parte das vezes de um modo impercetível, o que torna essa influência mais eficaz, dando uma sensação da naturalidade. Esta hipótese, também chamada “*Relatividade linguística*”, tem uma grande influência nos estudos das relações mútuas entre língua e cultura. Trata-se de uma hipótese amplamente aprovada pelo domínio dos estudos linguísticos. De facto, em várias línguas a própria

língua é considerada originariamente masculina, sendo a língua da mulher algo de derivado e secundário (Chomsky, 1994, p.182).

1.2.3 Feminismo

Normalmente, "*gênero*" era apenas um termo do léxico gramatical linguístico que se referia ao feminino ou masculino. Mais tarde, as feministas ocidentais adotaram esta palavra e transformaram-na num conceito-chave relativo aos homens e às mulheres, tendo-se tornado hoje num conceito central do feminismo (Alves, 1981, p.261).

Originado nos movimentos feministas ocidentais, o feminismo acredita que as mulheres devem ter direitos iguais aos dos homens em todos os aspetos. O feminismo envolve vários movimentos, teorias e filosofias, que têm em comum a centralidade atribuída às questões das diferenças de género, reclamando a igualdade de direito e de facto entre homens e mulheres (McRobbie, 2009, p.63).

A maior parte das feministas considera que as mulheres são um grupo oprimido e diferente dos homens, sustentando que as mulheres devem ser donas do seu próprio destino. Consideram ainda que a sociedade atual foi estabelecida com base em conceções que beneficiam o homem e que tal pode ser encontrado nos sistemas de valores, leis, casamento e diferentes regulações morais. Os homens estão sempre no centro da sociedade humana e são o género dominante, enquanto as mulheres ficam na região marginal e são sempre acessórias e menos importantes. Como as mulheres são vistas em segundo plano e numa posição de inferioridade relativamente aos homens, elas interiorizam muitas vezes inconscientemente essa inferioridade (ibidem, p.81-95). Por essa razão torna-se fundamental a desconstruir toda a ideologia machista que, apesar de discursos que promovem o igualitarismo, acabam na prática por serem formas de dominação masculina (Matos, 2008, p.333-357). Em suma, elas defendem que se devem operar mudanças no sistema social de modo a que seja vencida a opressão sobre as mulheres é que a paridade efetiva de género seja efetivamente alcançada.

1.3. Movimentos feministas

1.3.1. História

Os estudiosos do feminismo dividiram a história do movimento em três "ondas". A primeira onda refere-se principalmente aos movimentos que clamam a inclusão das mulheres nos sufrágios do século XIX e início do século XX (principalmente no que diz respeito ao direito de voto das mulheres). A segunda onda refere-se às ideias e ações associadas ao movimento de libertação das mulheres, iniciado na década de 1960 (o qual se bate pelos direitos legais e sociais das mulheres, reivindicando para as mulheres um estatuto de paridade relativamente aos homens). A terceira onda representa uma continuação e, simultaneamente, uma reação às falhas percebidas no feminismo da segunda onda. Teve início por volta da década de 1990 (Basu, 1995, p.18).

O feminismo alterou as perspetivas predominantes num amplo espectro de áreas da sociedade ocidental, com destaque para a cultura e às leis. As ativistas feministas lutaram pelos direitos legais das mulheres (direitos de contrato, direitos de propriedade, direitos de voto); pelo direito à integridade física e à autonomia das mulheres; pelos direitos ao aborto e à procriação (incluindo o acesso à contraceção e a cuidados pré-natais de qualidade); pela proteção das mulheres e das raparigas contra violência doméstica, assédio sexual e violação; pelos direitos de trabalho, incluindo a licença de maternidade e a remuneração igual; contra a misoginia; e contra outras formas de discriminação de género (ibidem, p.45-48).

Durante a sua já longa história, a maioria dos movimentos e teorias feministas tiveram como líderes principalmente mulheres brancas e de classe média da Europa Ocidental e do norte da América. Entretanto, pelo menos desde o discurso em 1851 de Sojourner Truth³ às feministas americanas, mulheres de outras etnias propuseram feminismos alternativos.

“E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei

³ Sojourner Truth, ativista dos direitos civis, ativista dos direitos da mulher (1797-1883).

e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?” (Sojourner, 1981, p.62).

Esta tendência acelerou-se na década de sessenta do século XIX com o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos e o colapso do colonialismo europeu em África, no Caribe, em partes de América Latina e do sudeste Asiático. Desde então, as mulheres das antigas colônias europeias e do Terceiro Mundo propuseram os feminismos “*pós-coloniais*” e do “*Terceiro Mundo*” (Brownmiller, 2000, p.109-110). Algumas feministas pós-coloniais, como Chandra Talpade Mohanty⁴, e feministas negras, como Angela Davis⁵ e Alice Walker⁶, criticam o feminismo ocidental acusando-o de ser etnocêntrico.

1.3.2 A primeira onda

A primeira onda do feminismo refere-se a um longo período de atividade feminista durante o século XIX e início do século XX, no Reino Unido e nos Estados Unidos. Originalmente, ela focou-se na promoção de contratos iguais, de direitos de propriedade para as mulheres e na contestação do casamento escravo, que fazia da mulher casada (e seus filhos) uma propriedade dos seus maridos (Freedman, 2003, p.71-76).

⁴ Chandra Talpade Mohanty (Bombaim, 1955) é um sociólogo indiano, proeminente na teoria feminista, especializada em feminismo transnacional e pós-colonial.

⁵ Angela Yvonne Davis (Birmingham, 26 de janeiro de 1944) é uma professora e filósofa socialista estado-unidense que alcançou notoriedade mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos e por ser personagem de um dos mais polêmicos e famosos julgamentos criminais da recente história dos Estados Unidos.

⁶ Alice Walker, autor, ativista dos direitos civis, dos direitos da mulher (1944-agora).

No entanto, no final do século XIX o ativismo estava principalmente concentrado no acesso ao poder político e, em particular, na obtenção do direito ao sufrágio por parte das mulheres. Entretanto, as feministas como Voltairine de Cleyre⁷ e Margaret Sanger⁸ continuavam na luta pelos direitos nos domínios da sexualidade, da maternidade e da economia. Em 1854, Florence Nightingale⁹ destacou-se como a primeira enfermeira ajudante de militares. Na Inglaterra, as Sufragistas fizeram campanha pelo voto feminino. Em 1918, “*the Representation of the People Act 1918*” passou, concedendo o voto às mulheres com mais de 30 anos que possuíam os direitos de propriedade (por exemplo, casas). Em 1928, esta foi alargada a todas as mulheres com mais de 21 anos. Nos Estados Unidos, os líderes deste movimento, como Lucretia Mott, Lucy Stone, Elizabeth Cady Stanton e Susan B. Anthony, fazem primeiro crescer a campanha pela abolição da escravidão e depois defenderam o direito das mulheres ao voto (Dana, 2015). A primeira onda do feminismo americano incluiu uma vasta gama de mulheres. Algumas delas, como Frances Willard, pertenceram a grupos cristãos conservadores como a União de Temperança Cristã da Mulher. Outras, como Matilda Joslyn Gage, foram mais radicais e expressaram-se elas próprias dentro da Associação Nacional de Sufrágio Feminino. No final, através dos esforços incansáveis, as mulheres americanas adquiriam direitos eleitorais (Freedman, 2003, p.95-112).

O termo “*primeira onda*” foi criado retrospectivamente depois de surgir o termo “*segunda onda*”, o qual começou a ser usado para descrever o movimento feminista mais recente, que se concentrou tanto na luta contra desigualdades sociais e culturais como também em desigualdades políticas (ibidem, p.136).

1.3.3. A segunda onda

⁷ Voltairine de Cleyre (17 de novembro de 1866 - 20 de junho de 1912) foi uma ativista anarquista americana. Voltairine de Cleyre é uma das mulheres que se destacaram durante a chamada primeira onda do feminismo.

⁸ Margaret Sanger(1879-1966) foi uma das primeiras feministas e ativistas dos direitos da mulher que cunhou o termo "controle de natalidade" e trabalhou para a sua legalização.

⁹ Florence Nightingale, enfermeira britânica.

A segunda onda do feminismo refere-se ao período de atividade que se inicia com a década de sessenta do século XIX e vai até ao final da década de oitenta do mesmo século (Gardiner e Glenn, 2001, p.213). A investigadora Imelda Whelehan¹⁰, sugere que “*a segunda onda foi uma continuação da fase anterior do feminismo, nela incluindo as sufragistas no Reino Unido e dos Estados Unidos*” (Imelda, 1995, p.62). A segunda onda do feminismo surgiu desde a referida década e coexistiu com a chamada a terceira onda do feminismo. Outra estudiosa, Estelle Freedman¹¹, compara a primeira onda com a segunda, dizendo que a primeira se concentrava no acesso ao direito a votar, a participar nos sufrágios eleitorais, enquanto a segunda se preocupava principalmente com outras questões da conquista da igualdade, como por exemplo a eliminação da discriminação sexual (Gardiner e Glenn, 2001, p.248-263).

Carol Hanisch¹², uma ativista feminista e também uma escritora, criou o slogan “*Pessoal é Político*”, que se tornou um slogan da segunda onda. As feministas da segunda onda consideravam que as desigualdades culturais e as políticas estavam inextricavelmente ligadas e encorajaram as mulheres a entender os aspetos das suas vidas pessoais como profundamente políticos.

1.3.4 Simone de Beauvoir¹³ e O Segundo Sexo

A autora e filósofa francesa, Simone de Beauvoir escreveu romances, monografias sobre filosofia, política e questões sociais, ensaios, biografias e uma autobiografia. Hoje em dia, ela é a mais conhecida pelos seus romances metafísicos, nos quais se incluem *Ela veio para ficar* e *Os Mandarins*, e pelo seu tratado *O Segundo Sexo*, uma análise detalhada da opressão exercida sobre as mulheres e uma obra fundamental do feminismo contemporâneo.

¹⁰ Imelda Whelehan é uma estudiosa literária feminista com especializações em adaptação literária, feminismo e cultura popular.

¹¹ Estelle Freedman (1947-) é uma historiadora americana na esfera da história feminina e dos estudos feministas.

¹² Carol Hanisch é uma jornalista e ativista do feminismo radical.

¹³ Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Teve relacionamento amoroso duradouro com o filósofo Jean-Paul Sartre. Sua obra mais conhecida é o livro *O Segundo Sexo*. É considerada uma das maiores representantes do pensamento existencialista francês.

Tal como acontece com outros filósofos, o pensamento de Beauvoir estão diretamente relacionados com o contexto social em que viveu e, particularmente, com a situação das mulheres ocuparam posições muito baixas na sociedade e serem sempre consideradas como dependentes do homem.

Depois da Revolução Francesa, Napoleão Bonaparte subiu ao palco político e começou a elaborar “Código Napoleónico”. Neste código, no artigo 213, havia a explicitação, em forma de lei, da seguinte prescrição: o homem deve à sua mulher proteção e ela deve a ele respeito e a obediência. Neste singelo enunciado legal está estabelecido o regime de assimetria entre os géneros, atribuindo-se ao dominador a função de proteger e relegando-se a protegida para uma posição de submissão e de explícita obediência e sujeição (Túlio, 2015). Ou seja, as mulheres têm de obedecer aos seus maridos, pelo que têm nitidamente uma posição subalterna. Por longo tempo, as mulheres têm de cumprir os três passos que lhes estão destinados: namorar, casar e tornar-se uma mulher virtuosa e uma boa mãe. É suposto ficarem em casa e na cozinha, tomarem conta dos filhos e do marido e não faltar às tarefas femininas. Assim, as mulheres nunca têm poder para mudar os seus destinos (Flandrin, 1992, p.211-216).

Foi com o objetivo de quebrar esta condição que Beauvoir compôs *O Segundo Sexo*.

A primeira edição, publicada em 1949, em França, logo se tornou popular em Portugal. No entanto, em 1956, o livro entrou no índice, a lista de livros proibidos criada pela igreja católica para controlar as leituras dos fiéis. *Os Mandarins*, que Beauvoir lançou em 1954, também entrou na lista no mesmo ano. E, em 1956, *O Segundo Sexo* foi proibido em Portugal. Este livro estabelece um existencialismo feminista para descrever uma revolução moral. Como existencialista, ela aceitou o preceito de Jean-Paul Sartre “a existência precede a essência”, e logo apresentou uma ideia “*não se nasce uma mulher, mas torna-se uma*”. Além disso, ela argumenta que ao longo da história, a mulher foi definida como “o Outro”, uma aberração do macho “*natural*” e “*normal*”. Como as mulheres sempre foram consideradas como afastadas do normal, elas tentam aproximar-se dele (isto é, os machos) mantendo-se num estado

de diminuição. Beauvoir acredita que, quando a sociedade abandonasse essa concepção em que o homem é o modelo que a mulher deve seguir, o feminismo poderia avançar.

O Segundo Sexo está dividido em dois volumes. No primeiro, “*Fatos e Mitos*”, Beauvoir narra a história do sexo feminino, apresentando perspectivas biológicas, psicanalíticas e históricas, expandindo-se na segunda quando descreve a história de “*papel da mulher*”. O segundo volume, *Experiências de Vida*, é um estudo de caso das mulheres contemporâneas em várias fases da vida (*O Segundo Sexo*, 2016).

1.3.5. A terceira onda

A partir da década de noventa do século XIX, depois do fim da segunda onda do feminismo e das lutas pela emancipação sexual feminina, a terceira onda do feminismo começou com uma mistura de feministas descontentes e inseguras e de feministas nascidas num mundo onde o feminismo sempre existiu. A terceira onda pode ser caracterizada como a mais diversa e individualista. O movimento da terceira onda do feminismo focou-se menos no direito, leis ou processo político e mais na identidade individual. Trata-se de um movimento surgido com a consciência de que as mulheres são de diversas cores, raças, nacionalidades, religiões e têm diferentes panos de fundo históricos e culturais. Nesta onda de feminismo constata-se o desejo de desafiar ou evitar a hipótese de que há uma identidade feminina universal, a qual está padronizada pela experiência da mulher branca da classe média-alta (Purvis, 2004, p.93-123).

Considerando os sucessos das duas primeiras ondas do feminismo, entre os quais se destacam o direito ao voto, o direito ao trabalho, um maior direito ao próprio corpo e um maior direito à educação, as feministas da terceira onda acharam que havia necessidade de novas mudanças nos estereótipos relativos às mulheres, nomeadamente no retrato social dos media mas, também, na língua usada para definir as mulheres. Nessa defesa, as feministas argumentaram que a língua tem sido usada para criar sistemas binários (como masculino/feminino ou heterossexual/homossexual,

etc.). As feministas pós-estruturalistas¹⁴ consideram esse sistema binário como uma construção artificial criada para manter o poder dos grupos dominantes (Cameron, 1998, p.15-18).

Além disso, as feministas da terceira onda querem transformar as noções tradicionais de sexualidade e aceitar sentimentos próprios das mulheres sobre a sexualidade, noções que incluíam os tópicos do “*vagina-centrada*”, tais como: orgasmo, nascimento e estupro.

Baumgardner e Richards, as autoras de *Manifesta* (Baumgardner, Jennifer e Amy, 2000) disseram: “*Não é o propósito do feminismo controlar a fertilidade de qualquer mulher, apenas para libertar cada mulher a controlar a sua própria*” (*ibidem*, p.276). Algumas feministas preferem mudar as conotações de uma palavra ou de palavras que são sexistas, em vez de censurar a sua fala. Foi essa ideia de mudar a conotação das palavras palavra que inspirou a primeira Marcha das Galdérias¹⁵ em Toronto, Canadá, em 2011. A polícia advertiu para que “*as mulheres evitassem de se vestir como prostitutas, para não serem vítimas*”:

“Às vezes as mulheres com certos tipos de comportamento não são bem vistas pela sociedade, como algumas que bebem muito ou falam alto. Não tem só a ver com a sexualidade esse rótulo. As pessoas separam mulheres em 'decentes' e 'não decentes'. Decente deve ser uma pessoa honesta, e não uma que tem comportamento 'x' ou 'y'. O que é ser vadia? Por que as mulheres são divididas em santas e vadias? Por que a sexualidade recebe rótulos?”

¹⁴ O feminismo pós-estrutural, também conhecido como feminismo francês, utiliza as percepções de vários movimentos epistemológicos, incluindo a psicanálise, a linguística, a teoria política (teoria marxista e pós-marxista), teoria da raça, teoria literária e outras correntes intelectuais para as preocupações feministas. Muitas feministas pós-estruturais sustentam que a diferença é uma das ferramentas mais poderosas que as mulheres possuem em sua luta contra a dominação patriarcal e que equiparar o movimento feminista apenas com a igualdade é negar às mulheres uma infinidade de opções, porque a igualdade ainda é definida a partir da identidade masculina ou patriarcal.

¹⁵ A manifestação, chamada “*Slutwalk*”, realiza-se pela segunda vez em Portugal e é motivada pelo facto de em janeiro de 2011 um polícia canadiano ter justificado uma agressão sexual da mulher pela forma como ela estava vestida. Esta afirmação causou uma onda de indignação e levou já a manifestações um pouco por todo o mundo.

Além disso, as feministas da terceira onda não terminaram as lutas políticas e elas lidam hoje com os problemas de pagamentos desiguais, teto de vidro¹⁶, assédio sexual, licença de maternidade, falta de apoio às mães solteiras, etc..

¹⁶ De acordo com o Instituto Ethos (2013), mesmo com uma participação maior da mulher no mercado de trabalho e em posições hierárquicas, ressalta a existência de um afinilamento hierárquico, ou seja, as mulheres são encontradas em menores proporções conforme aumentam as atribuições de liderança e comando nas organizações. Os motivos que revelam essa observação são barreiras subtis e impercetíveis, impeditivas de oportunidades de carreira ao gênero feminino, bem como de progresso profissional, denominado de efeito teto de vidro (glass ceiling) e mais atualmente cunhado de “*labirinto organizacional*”.

Capítulo II Provérbio, língua e cultura

2.1 Relação entre provérbio, língua e cultura

Podemos comparar os provérbios a folhas, a língua a ramos e a cultura a uma árvore. Contudo, é difícil definir o termo "*cultura*" e existem várias propostas e tentativas de definição.

Na área da antropologia, foi Taylor¹⁷ quem inicialmente avançou com uma tentativa de definição. Assim, escreveu que *aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes, e qualquer outro hábito e capacidade adquirida do homem (Tylor, 1871, p.31)*. Do facto, esta definição de Taylor enfatiza três características da "*cultura*": em primeiro lugar, cultura não é hereditariedade biológica, ou instinto de humanidade, não é inata mas algo de adquirido; em segundo lugar, a cultura não é propriedade da humanidade, não pertence a uma suposta essência humana, mas é um fenómeno intrínseco à vida em sociedade; em terceiro lugar, cultura não é simplesmente constituída por elementos isolados, mas tem um carácter estrutural e universal. Ainda que não sendo uma definição exata do termo "*cultura*", as três características de Taylor são aceites e reconhecidas de um modo generalizado (ibidem, p.55-62).

Nos círculos académicos há um consenso quanto à dupla perspectiva com que podemos olhar para a da cultura: podemos considerá-la em sentido amplo e em sentido estrito. No nosso caso, ou seja, no âmbito deste trabalho, tomamos o termo "*cultura*" num sentido lato e amplo. Ela é "*a soma da riqueza e do espírito material durante a história da sociedade humana*" (Yang, 2008, p.36).

A noção de cultura em sentido amplo pode ser repartida por três planos: cultura material, cultura institucional e cultura psicológica. A cultura material designa as civilizações materiais criadas pelo género humano como, por exemplo, instrumentos de produção, meios de transporte e ferramentas, etc. É um tipo da cultura explícita

¹⁷ Edward Burnett Tylor (Londres, 2 de outubro de 1832 - Wellington, 2 de janeiro de 1917) foi um antropologista britânico, considerado o pai do conceito moderno de cultura.

que relacionada com os objetos e recursos associados a certas práticas e formas de viver. A cultura institucional refere-se às várias regras vigentes no sistema social, o que inclui todo o sistema jurídico-constitucional mas, também, hábitos de alimentação, meios de diversão, formas de casamento, educação, moralidade, religião e outros aspetos relacionados com as ideologias e com as práticas dominantes reconhecidas como legítimas. A cultura psicológica inclui formas de sentir e de pensar socialmente padronizadas e abrange todo o domínio da axiologia e dos valores em uso (Denys, 1999, p.33-48).

A cultura é um fenómeno histórico e cada sociedade possui a sua cultura, que se adapta e desenvolve ao ritmo da produção material e imaterial. Tendo uma forte componente ideológica, a cultura não só está intimamente ligada às situações políticas e económicas como tem, também, um impacto global na sociedade e nos modos de vida (José, 1996, p.7-11).

Com o objetivo de fazer uma discussão mais aprofundada sobre a relação entre provérbios e cultura convém, em primeiro lugar, retomar alguns aspetos para adensar a definição do termo "*cultura*" e, também, a relação entre cultura e língua.

O termo cultura, como já vimos, refere-se a toda a riqueza material e espiritual criada e acumulada pelos seres humanos no decurso do desenvolvimento social. A cultura material e espiritual desempenham um papel importante nos modos de pensar e agir das pessoas. De forma simples, a cultura é uma maneira de vida de um grupo das pessoas e é desenvolvida e transmitida de geração em geração (ibidem).

É consensualmente reconhecido que cultura e língua estão intimamente ligadas. Por um lado, a língua é uma parte essencial da cultura e é considerada como uma portadora e uma das representantes da cultura. De acordo com Robert:

“A língua não se desenvolve no vácuo. A língua é uma parte da cultura das pessoas e o principal meio pelo qual os membros de uma sociedade comunicam. Portanto, a língua é tanto um elemento da cultura como um instrumento central através do qual outros elementos do contexto cultural são expressos e simbolizados” (Robert, 1964, p.23).

Do referido pelo autor pode depreender-se que a cultura é muito influenciada pela língua, o que está de acordo com a hipótese de Sapir-Whorf.

No entanto, este tipo de influência não é uma espécie de determinismo, tal como o linguista *He Ziran* realça: “*língua tem um tipo de interação influente na cognição, não é uma determinação categórica*” (*He, 2006, p.76*). Segundo a opinião do professor *He Ziran*, os conhecimentos são considerados como algo de intermédio entre língua e cultura. A realidade cultural exerce influência na forma de produzir conhecimentos, ao mesmo tempo língua influencia muitos aspetos da cultura, tais como: padrões de pensamento, estilos de vida e valores das pessoas (*ibidem, p.78-79*).

Vejam, agora, a relação entre provérbios e cultura. Como referido acima, a língua e a cultura têm relação íntima. Por um lado, a língua é influenciada pela cultura e é considerada um veículo central, bem como a representação da cultura. Por outro lado, a língua exerce uma interação que influencia a cultura (*Chianca, 2010, p.21*). Visto que os provérbios possuem uma posição essencial na língua, é claro que os provérbios também têm uma relação íntima com a cultura. Também eles são considerados como um reflexo da cultura. Diferentes nações têm diferentes crenças, valores, tradições e estilos de vida, e essas diferenças expressam-se nas suas línguas. É esta diferenciação que leva à singularidade dos provérbios em cada cultura (*Fiorin, 1997, p.67-94*).

Vejam exemplos. Portugal é um país costeiro e tem bastante terra lavrada, por isso os portugueses vivem, ou pelo menos viveram até a integração europeia, principalmente de pesca e agricultura (*Luís, 2012, p.55*). Portanto, há os provérbios abundantes relativos a estes sectores de atividade, tais como:

«A Deus e à ventura, botou a nadar»

«O peixe deve nadar três vezes: em água, em molho e em vinho»

«A verdadeira caridade não é dar um peixe, mas ensinar a pescar»

«A azeitona e a fortuna: às vezes, muita; às vezes, nenhuma»

«O campo fraco, lavrador forte»

«Ano de ameixas, ano de queixas».

Por seu turno, a China é um grande país agrícola, por isso os provérbios chineses são na maioria sobre a agricultura (He, 2000, p.34), como por exemplo:

«A chuva da Primavera é cara como óleo»

«Se chove muito em junho, a terra vai criar ouro»

«A seara depende totalmente de estrume»

«Cu-cu, Cu-cu, semeie um terreno mais cedo»¹⁸.

O provérbio é um ditado que expressa uma verdade comum. Ele revela-se as verdades simples e concretas, também dando uma lição às pessoas, ajudando a entender um tipo de cultura. Ao mesmo tempo, pode-se ajudar a entender o que é desejado e não desejado, bem como o que é considerado correto ou errado na cultura. Em quase todas as culturas, os provérbios comunicados na língua colorida e viva, oferecem um importante conjunto das instruções para as pessoas seguirem. Essas “*palavras de sabedoria*” insistem em deixar cada geração aprender o aspeto mais significativo da cultura (Parafita e Fernandes, 2007, p.51-69).

. Como Seidensticker observa: “*Eles dizem as coisas que as pessoas consideram importantes, em maneira de lembrarem pelas pessoas. Eles expressam as preocupações comuns*” (Seidensticker, 1987, p.64). Portanto, “*Os provérbios são tratados compactos sobre os valores da cultura*” (ibidem). Então, se um símbolo da cultura é uma palavra ou um objeto, que representa algo na cultura, podemos considerar o provérbio como um tipo de símbolo de cultura. Ou seja, os provérbios revelam as variedades da cultura, no entanto, as igualdades das várias culturas apresentadas pelos provérbios (Parafita e Fernandes, 2007, p.46). Os provérbios mostram que cultura e provérbios se iner-relacionam e se influenciam reciprocamente.

Em suma, língua pertence à esfera da cultura e é uma condição básica de vida e

¹⁸ «春雨贵如油»;«六月下连阴遍地出黄金»;«庄稼一枝花全靠粪当家»;«布谷布谷,赶快种谷».

de comunicação do género humano. Por um lado, língua é um comportamento cultural do género humano, e também, é um fenómeno cultural. Por outro lado, língua é um veículo e um instrumento de desenvolvimento da cultura. Ao mesmo tempo, à medida que se vai desenvolvendo a cultura, a língua deixa marcas culturais em certos modos e formas de expressão. Uma dessas formas são os provérbios. Eles dizem respeito não apenas a funções comunicativas da língua mas, mais importante do que isso, eles condensam modos de vida sintetizados numa espécie de sabedoria popular reveladora de modos de pensar e de ver o mundo. Eles tanto podem dizer respeito a conhecimentos como a conselhos, a questões estéticas como a morais, tanto podem ser jocosos como prescritivos. Seja como for, eles têm geralmente o traço comum de exprimirem máximas ligadas a uma sabedoria prática, vivida e generalizada numa determinada época. Muitos dos provérbios, embora desprovidos de cientificidade, são todavia incluídos - como máximas oriundas de uma sabedoria ancestral - no conhecimento prático ligado ao agir e ao fazer e podem funcionar como um auxiliar de orientação na vida. A sua concisão presta-os a essa função e o seu uso revela muito dos modos de pensar, viver e agir das populações (Monteiro, 1944, p.17-25).

2.2. Provérbios em português

2.2.1. Noção do provérbio

Para caracterizarem os provérbios, os linguistas geralmente apontam três traços a levar em consideração. O primeiro é que o provérbio deve ser engraçado. O segundo é que deve refletir a sabedoria popular. O terceiro é que deve ser fácil de lembrar. Embora os linguistas deem ênfase ao aspeto da sabedoria popular, estes três traços são igualmente importantes (Amaral, 1948, p.15).

Em português, o termo “*provérbio*” é geralmente considerado uma sentença de carácter prático e popular, que expressa de forma sucinta, e não raramente figurativa, uma ideia ou pensamento. Mais exatamente, conforme o *Dicionário Aurélio*:

“Um provérbio é uma máxima ou sentença de carácter prático e popular,

comum a todo um grupo social, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens. Também são comumente conhecidos como adágios, ditados, anexins, refrões, refrém, e rifão, etc. Citam-se alguns exemplos como: “Casa de ferreiro, espeto de pau”, “quanto maior a nau, maior a tormenta” (Aurélio, 2010, p.426).

De acordo com J. Almeida & e Melo e A. Sampaio Costa, “o provérbio é o ditado, máxima ou sentença de caráter e popular, comum a todo um grupo social, expresso em forma sucinta e geralmente rica em imagens”. Ex.: “Casa de ferreiro, espeto de pau” (Almeida, Melo e Costa, 1998, p.677). Semelhantemente, no *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*, o provérbio é uma sentença moral ou conselho da sabedoria popular, adágio.

Segundo o Houaiss¹⁹, *provérbio = ditado*: frase curta, ger. de origem popular, freq. Com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral. Ex.: Deus ajuda a quem madruga.

Vejamos quais são as definições segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa*:

Provérbio (Dicionário da Língua Portuguesa), s.m. 1. Máxima breve e popular, adágio, anexim, ditado, rifão. 2. Pequena comédia que tem por entrecho o desenvolvimento de um provérbio;

Rifão (Dicionário da Língua Portuguesa), s.m. Adágio, anexim, provérbio. Pl.: rifões e rifães;

Adágio (Dicionário da Língua Portuguesa), s.m. Sentença breve, rifão, provérbio (Silva, 1977, p.375-666).

Com base no *Dicionário da Língua Portuguesa*, podemos descobrir que não há nenhuma diferença entre estas definições. O que importa é a ideia contida. Além disso, os provérbios são usados sobretudo pelo povo que não distingue uns dos outros. De

¹⁹ Antônio Houaiss (Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1915 - Rio de Janeiro, 7 de março de 1999) foi um destacado intelectual brasileiro - filólogo, crítico literário, tradutor, diplomata. O Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

acordo com Fernando Pires de Lima, citado por *LEAL VILARINHO* “*para o povo português provérbio, adágio e rifão são sinónimos*” (Vilarinho 1985, p.7).

Os provérbios derivam tanto de traços folclóricos dos povos (as fábulas, as lendas, os mitos, as superstições, as canções, etc.) como são fruto da experiência quotidiana individual ou grupal. As compilações mais antigas de provérbios em Portugal datam do século XVII, realizadas pelos padres António Vieira e Bento Pereira. Têm características semânticas, sintáticas, fonológicas e lexicais muito distintas das frases comuns (Amaral, 1950, p.33).

Com base nestas explicações dos peritos podemos concluir que os provérbios são ditos populares, geralmente usados para dar conselhos ou para ensinar experiências úteis às pessoas. Por exemplo: «*Volta-se o feitiço contra o feiticeiro*» ou «*Não há mel sem fel*». De alguma forma eles condensam, sob a forma de uma conclusão propícia a ser facilmente decorada, uma lição que remete para a experiência de vida.

Acreditamos que, na segunda metade do século XVI e no início do século XVII, os provérbios alcançaram o seu apogeu. Eram usados como figuras básicas da retórica, serviam para ampliar um argumento ou de ornamento estilístico (Reis, 1995, p.71-76).

Com base nas várias definições oferecidas pelos diferentes dicionários e estudiosos, podemos desenhar uma conclusão: o provérbio é um tipo de ditado tradicional que normalmente exprime a verdade baseada no senso comum e numa experiência acumulada, que se transformou em sabedoria prática com algum grau de autoridade. Por isso é popularmente conhecido e repetido por pessoas de geração em geração.

2.2.2. Origem dos provérbios

A origem dos provérbios está, indubitavelmente, na sabedoria popular. Eles fazem parte do folclore dos povos, tal como as fábulas, as lendas, os mitos, as superstições e até as canções, as quais geralmente espalham conhecimentos e expressam crenças.

Nas fábulas, a construção simbólica do enredo sintetiza-se em uma lição moral, escrita no fim da fábula, que geralmente reproduz um provérbio, quer seja expresso

explicitamente no final, quer suscite implicitamente uma conclusão a tirar posteriormente por parte dos leitores. Eles são uma manifestação vívida das experiências dos antepassados (Teixeira, 2000, p.11).

Sendo folclóricos, os provérbios são enunciados anónimos. Excecionam-se os provérbios bíblicos, que se encontram no *Livro dos Provérbios (ibidem)*, no *Antigo Testamento*²⁰, assim chamados apesar de serem atribuídos ao Rei Salomão. A cultura dos provérbios provém eminentemente da tradição oral, transmitida de boca em boca, de geração em geração, e assim continua nos nossos dias, mesmo se os media têm um papel preponderante na nossa sociedade. É fruto da experiência quotidiana individual ou grupal e remete para a vivência de determinadas verdades.

Embora muitas pessoas não tenham grandes oportunidades no que diz respeito à educação, os ditados populares como «*A mentira tem perna curta*» e «*Pela boca morre o peixe*» representam, ainda assim, a forma literária de uma sabedoria fundada na experiência de vida (Reis, 1995, p.85-90).

2.3. Provérbios em chinês

2.3.1. Noção e origem dos provérbios

Antes do nascimento da escrita, os provérbios já corriam de boca em boca entre as classes populares. Na China, os provérbios vêm de muito longe. Há cerca de dois mil anos, na dinastia Qin, surgiram já provérbios como: «*Crónica de Zuo*», «*Registros do Historiador*», «*História da antiga Dinastia Han*», etc. Nos grandes romances clássicos, também se citam abundantemente provérbios e as monografias de provérbios deram à luz muito cedo. Embora alguns provérbios sejam muito antigos, eles ainda permanecem no quotidiano popular (Qian, 1993, p.34-38).

A maioria dos provérbios são do grupo étnico *Han*²¹. Porém, a China possui

²⁰ O Antigo Testamento, também é conhecido como Escrituras Hebraicas, tem 46 livros (39 livros na versão usada pelos protestantes) e constitui a primeira grande parte da Bíblia cristã.

²¹ *Han* é o maior grupo étnico da China, que representa quase 91% da população chinesa, ou mais de 1260 milhões de pessoas (cerca de 17% da população mundial, equivalente à população da Índia). O termo han foi usado pela primeira vez no século XIX para distinguir a maioria dos chineses da minoria

vários grupos étnicos e cada grupo possui as suas próprias características, as quais incluem: ambiente de vida, forma de produção, tradição histórica e cultural e psicologia nacional. Por isso, foi possível criar numerosos provérbios com diversas características nacionais. Por outro lado, cultura exótica também tem influências no desenvolvimento dos provérbios chineses, por exemplo, *budismo*²² (Qian, 1993, p.47-51).

Com o desenvolvimento social, foram nascendo novos provérbios, revelando a mentalidade de novas épocas. Depois da reforma e da abertura da China, a situação de mulher tornou-se melhor, o que originou o aparecimento de novos provérbios que valorizam novas imagens, respeitando e elogiando as mulheres (Qin, 2015, p.76). Por exemplo, «*As mulheres sustentam metade do céu*», «*Quem disse que mulheres são piores do que homens?*».

Os provérbios chineses são ricos e variados e não se puderam desenvolver sem o fruto da experiência popular, do peso das tradições e as culturas exóticas. Eles são sabedoria condensada e expressam uma vitalidade forte (Cui, 2013, p.166).

Em suma, independentemente de onde vêm ou por quem eles são criados, os provérbios são a nata de sabedoria condensada por muitas gerações. Ou seja, os provérbios são um património coletivo, que não pertence a nenhum autor em particular porque nascem do peso das tradições, dos usos e dos costumes das coletividades sociais.

Nesta breve comparação, podemos dizer que tanto em chinês como em português, os provérbios comungam as características de estarem ligados à língua popular e coloquial, terem estrutura sintética e desempenharem uma função prática, educativa e moral.

Manchu que governava a China. O nome vem da dinastia Han, que governou as partes da China de onde os chineses Han têm origem. Mesmo hoje, muitos chineses chamam-se "*pessoas Han*". O termo chinês Han é por vezes usado simultaneamente com "*Chineses*" sem respeito pelos outros grupos étnicos minoritários chineses. Este uso é visto com desdém pelos chineses. Os Han são a maior etnia do mundo, e sua etnogênese envolveu migrações variadas, durante longo período, do norte para o sul da China: sua origem está nas comunidades Huaxia, localizadas no norte da China.

²² O Budismo surgiu na Índia por volta do século 4 a.C e se espalhou pelo oriente, sendo muito difundido na China, no Japão.

Capítulo III Provérbios que incluem referências à mulher

*“A mulher nada pode decidir,
por estar submetida a três obediências: solteira, deve obedecer aos pais,
casada ao marido,
e viúva ao filho” (Filho, 2016, p.431).*

3.1. A situação de mulher na sociedade tradicional da China e de Portugal

Ao longo da história da vida quotidiana, deparamos com uma representação da mulher como dona de casa, mãe e esposa, cabendo ao homem o papel de chefe de família e trabalhador. Como Xue diz: *“Os homens querem uma mulher que seja uma esposa virtuosa, uma boa mãe e consiga fazer todo o trabalho doméstico, tal qual uma criada”* (Xue, 2007, p.59). Deparamos também com noções como *“os homens não choram”* e *“as mulheres são sensíveis”*. Destes exemplos pode-se concluir que existem estereótipos de género que funcionam como crenças tácitas sobre o que é característico ao homem e à mulher (Oakley, 1972, p.125-127). Todavia, a psicologia encara estes estereótipos como *“preconceitos”*, e o sexismo é um tipo de estereótipo de género, ou seja, um preconceito que discrimina homens e mulheres em função do sexo. Por um lado, temos o machismo, que se refere aos preconceitos relativos à mulher e a subalternizam relativamente ao homem. Por outro lado, temos o feminismo, que denomina uma forma de preconceito relativo ao sexo masculino, sendo as mulheres proclamadas superiores e considerando-se o sexo oposto como inferior e inútil (Álvarez, 2002, p.25). Inevitavelmente, o sexismo refletiu-se nas diferentes línguas e na literatura. Aqui o estereótipo em relação às mulheres é um preconceito de género, ou seja, crenças erróneas e simplificados sobre as mulheres. Por exemplo, *«Não confie no cão mancando ou na mulher choramingona»* ou *«A mulher e a mula, o pau as cura»*.²³

²³ «不要相信瘸腿的狗和哭泣的女人», «棒子会让女人和骡子听话».

Embora haja apenas essas comparações nos provérbios chineses e portugueses, a mulher foi constringida por um conjunto rígido de padrões espirituais na sociedade feudal, entre as quais figuram as três obediências (o pai antes de ela se casar, o seu marido depois do casamento e o seu filho após a morte do seu marido) e as quatro virtudes femininas (a moralidade, a palavra apropriada, as maneiras modestas e adequadas e a diligência) (Si, 2003, p.3144). Os provérbios consideram as mulheres como a propriedade do homem. Ela deve ser submissa, dócil e fiel ao marido. Ao mesmo tempo, ela deve ter mãos hábeis para cozinhar, costurar e cuidar de crianças. Não há necessidade de ler muito ou ter outras competências, exceto ser perfeita na sua dedicação à família (Jaschok, 1994, p.165-171).

Portugal é um país devoto da catolicidade e por isso a Bíblia é considerada como uma escritura sagrada e os provérbios de mulher tal como é representada Bíblia são geralmente aceites e englobadas no senso comum (Ruether, 1993, p.66). Algumas regras religiosas limitam-se a indicar “razões básicas” que propagam uma imagem negativa da mulher. Há um provérbio difamatório para mulher segundo o qual «*A mulher é um demónio em carne*»; há um outro de maldição que diz «*A beleza, como a dor, faz sofrer*» (*ibidem*). Finalmente, veja-se esta breve conversação entre mãe e filha:

-Mãe, o que é casamento?

-Filha, é fiar, dar à luz e chorar.

Ou seja, quando esta mulher se casou, ela tornou-se uma propriedade do marido e deixou-se dominar por ele.

Com objetivo de prevenir que a esposa tenha um amante, o marido não permite à esposa sair de casa à sua vontade. É o que está expresso, por exemplo, em «*Mulher honrada em casa, de perna quebrada*». Esta psicologia da prevenção aplica-se também à menina solteira. Os pais, sobretudo o pai, exigem que ela fique em casa, não saia e nem sequer pense em conversar com os meninos estanhos (Li, 2001, p.75-90). Mesmo depois do casamento, esse tipo de pensamento feudal, que sobrevaloriza a virgindade (tornou-se a fidelidade para marido depois do casamento) da mulher, não tem tendência de diminuir. “*Para as mulheres chinesas, o corpo nu é*

objeto de vergonha, não de beleza” (Xue, 2007, p.22). A esposa não pode, frequentemente, debruçar-se à janela ou falar com os homens estranhos, porque vai considerada como mulher dissoluta. O que é mais importante é que este comportamento vai desenvolver as violências do marido: «À mulher que se debruça à janela, torce-lhe o pescoço se a quiseres boa».²⁴

A mulher tem de assumir responsabilidades como: ficar em casa, lavar roupa e cuidar dos filhos. Durante longo tempo, as mulheres portuguesas e chinesas tiveram de se limitar a esta condição.

Na China antiga, igualmente, as mulheres ficaram numa situação miserável e até mais grave do que em Portugal. A China sempre foi uma sociedade patrilinear e de regime patriarcal. Como se sabe, a sociedade chinesa enfatiza a importância da família e da hierarquia dentro da família (Li, 2001, p.160-193). A superioridade do homem e a inferioridade da mulher estão profundamente enraizadas na cultura chinesa desde há mais de dois mil anos e refletem-se em muitos aspetos da vida social. Geralmente, as mulheres têm menos direitos legais e oportunidades de emprego do que os homens. Olhando para o mundo de hoje, muitas conquistas nos direitos da mulher têm ocorrido desde o século passado. No século XX, as mulheres na maioria dos países ganharam o direito de votar e viram aumentadas as suas oportunidades de educação e trabalho (Zhang, 2005, p.57-66).

Na cultura tradicional, a sociedade chinesa era centrada no homem e as mulheres eram privadas de todos direitos e, principalmente, serviam os homens. Casamentos arranjados pelos pais deixaram as mulheres quase sem voz na sociedade. Elas não tinham direitos e privilégios e ocupavam uma posição baixa e degradada. Eram habitualmente enviadas para os trabalhos mais insignificantes e ocupavam as posições mais desprezadas. A criança do sexo masculino é considerada como uma "graça" dos deuses e é criado com mais cuidados (Jaschok, 1994, p.110-117). Quanto à criança do sexo feminino, ela tem de suportar mais dificuldades e tormentos, por exemplo, pés de lótus. É o fenómeno mais representativo e óbvio da discriminação as mulheres na

²⁴ «若让成天把头探出窗外的女人变好, 就把她的脖子拧断».

sociedade da China antiga.

“Essa tradição teve origem na China Imperial entre os séculos X e XI, e era uma prática comum entre as mulheres mais ricas. Eventualmente, a tradição dos “pés-de-lótus” se espalhou por todo o império, e séculos mais tarde até mesmo as famílias mais pobres praticavam a tradição, então isso era praticamente obrigatório para as mulheres terem um marido. Quem não tinha um pé pequeno, geralmente ficava solteira toda a vida.

O procedimento, é claro, era torturante, e começava ainda na infância. Aos 3 anos, os dedos das meninas eram fraturados e os pés firmemente amarrados com tiras de linho para impedir o crescimento e cicatrizar as fraturas naquela posição. Os dedos quebrados eram dobrados em direção a sola do pé, criando um formato côncavo.

Obviamente, as meninas passavam a ter muita dificuldade para caminhar, tendo quedas frequentes. Por isso, elas permaneciam sentadas durante a maior parte do tempo, e precisavam da ajuda de outras pessoas para se levantar. Viver assim desde a infância, o que em breve deformar os ossos do quadril e da coluna, aumentando também riscos de fraturas do fêmur.

O governo chinês banuiu a prática em meados do século XX, mas ela continuou em segredo por vários anos, até ser totalmente abolida. Hoje, no entanto, é possível encontrar algumas senhoras idosas que exibem orgulhosamente seus pés deformados. (Lucas, 2016)”

Na história chinesa, quer na dinastia Tang, que era uma época mais aberta e próspera, quer na dinastia Qing, no século XIX, as mulheres eram tratadas como bonecas dos homens, mais especificamente dos imperadores. Elas tinham pouca voz para se defenderem. As mulheres eram obedientes perante o poder machista. Presas pelos princípios morais, as mulheres chinesas eram submetidas a um controle rígido (Margery e Roxane, 1995, p.27-35).

De acordo com os tópicos a seguir, é possível perceber um pouco sobre a posição

das mulheres chinesas na antiguidade:

1. *Os homens podiam ter concubinas, mas a mulher divorciada era discriminada pelos outros;*
2. *A sociedade era mais crítica ao tratar de uma mulher adúltera do que de um homem adúltero;*
3. *As mulheres não tinham acesso a ensino;*
4. *Quando crianças, as mulheres eram obrigadas a ter os pés envolvidos em panos e assim ficavam deformados. Isso era feito porque, na visão dos homens, os pés pequenos eram mais bonitos. Essa prática causava muitas dores;*
5. *As mulheres não conseguiam casar novamente após se tornarem viúvas (Liu, 1994, p.99-111).*

A posição social tem ligação direta com a economia. Sendo uma sociedade cuja atividade principal era agricultura, a sociedade antiga chinesa precisava de mais obra de mão para a economia se desenvolver (Ondina, 1991, p.84). Entretanto, as mulheres não têm como competir fisicamente com os homens. A dependência das mulheres chinesas no campo econômico era o principal ponto que resultava na desvalorização das mulheres. Os homens eram os responsáveis por sustentar a família e as mulheres existiam para servir aos homens e manter a família de geração a geração. Mesmo que muitas coisas variassem de dinastia a dinastia, a situação geral das mulheres mudava pouco (Margery e Roxane, 1995, p.175-192).

No facto, por detrás das regras e das restrições para mulher, está o machismo egoísta. Como o provérbio chinês diz: *“O homem vai dedicar a sua vida para quem entende o valor dele, e a mulher vai maquilhar-se para quem entende a beleza dela.”* As mulheres precisam de maquilhar-se e de se porem bonitas para satisfazer aos seus maridos. No entanto, se elas viverem para a beleza, vão ficar com má fama na sociedade. Aliás, os homens não querem casar com as mais bonitas, o que parece ser contrário ao sentido estético. Mas, na realidade, isso não acontece por causa do problema do sentido estético, antes evidencia uma psicologia egoísta e ávida. Como

as suas esposas bonitas vão atrair os olhares dos outros homens, os maridos preferem que elas fiquem em casa. Isso é uma representação machista (Louro, 1997, p.60-78). A seguir, vamos analisar os provérbios de mulheres dos ambos países e averiguar as causas do sexismo.

3.2. Provérbios sobre mulheres

3.2.1. Papéis sociais da mulher

Na maior parte das sociedades dominadas pelo homem, as mulheres são consideradas como acessório e propriedade do homem. Os papéis sociais delas são desqualificados e memorizados. Tomando a China como exemplo, podemos constatar que as mulheres foram sempre chamadas “夫人²⁵”, “内人²⁶”, “孩子他娘²⁷”, etc., indicando todos estes nomes uma posição de dependência e de inferioridade da mulher na sociedade antiga (Margery e Roxane, 1995, p.35).

De facto, estas designações provam que os valores próprios da mulher se cingiam apenas, de um ponto de vista social, às atividades domésticas. Elas não têm qualificação para participar noutra tipo de atividades sociais, devendo ficar restritas às lides da casa. As normas socioculturais estabeleceram diferentes papéis sociais para homem e mulher. Ou seja, os homens devem participar e liderar nos trabalhos sociais importantes e produtivos, enquanto as mulheres devem assumir as responsabilidades domésticas (ibidem).

O livro de Mêncio²⁸ assinala as diferenças entre marido e esposa quando afirma que, “há afeto entre pai e filho; há fidelidade entre monarca e os seus súbditos; há desigualdade entre marido e esposa; há ordem entre velho e jovem; há crença entre os amigos” (ibidem). Aqui, “há desigualdade entre marido e esposa” sugere que há

²⁵ “pessoa do marido”.

²⁶ “pessoa fica dentro de casa”.

²⁷ “mãe do filho”.

²⁸ Mêncio é, tal como o seu Mestre, Confúcio, uma das estrelas permanentes da Alma chinesa. Nasceu no ano de 372 a. C., no dia 11 de março do calendário ocidental, o dia 2 de quarta lua. Faleceu no dia 10 de dezembro do ano de 289 a. C., é o maior filósofo Chinês. Mêncio, Capítulo XIII.

diferenças entre eles relativamente às suas responsabilidades. Ou seja, as mulheres não devem participar nas atividades sociais relevantes, apenas tomam conta dos assuntos domésticos da família. As responsabilidades são claramente divididas: o marido é sempre considerado como a pessoa que assegura o ganha-pão e o sustento para toda a família, enquanto a esposa se deve ocupar das responsabilidades domésticas, incluindo limpeza de casa, refeições, cuidados com as crianças e assim por diante (David e Vera, 1960, p.67).

A fim de manter a harmonia desta divisão do trabalho, em tempos passados os meninos iam à escola para adquirir os conhecimentos importantes para a vida, mas as meninas não podiam ir e eram forçadas a receber um treino completo para comportamento feminino, o qual incluía tarefas domésticas como: cozinhar, bordar, fiar, etc. Assim,

“De acordo com a Enciclopédia da Sexualidade: “Na sua história mais antiga, China era uma sociedade matriarcal, até que Confúcio e Mêncio definissem a relação superior-inferior entre os homens e as mulheres como ordenados por Deus há mais de dois mil anos anterior. Na sociedade tradicional chinesa, as mulheres devem observar as Três Obediências e as Quatro Virtudes. As mulheres deveriam ser obedientes ao pai e aos irmãos mais velhos quando jovem, ao marido quando casada e aos filhos quando viúvas. Assim, as mulheres chinesas eram controladas e dominadas por homens de berço a sepultura”²⁹.

Portanto, nos tempos antigos da China, o homem era reconhecido e respeitado na sociedade por causa do importante papel que ocupa na esfera social, enquanto a mulher era discriminada e relegada para uma cidadania de segunda classe, devido à sua irrelevante contribuição para os assuntos sociais importantes. Além disso, como as mulheres não tinham renda para se sustentarem, dependiam economicamente dos

²⁹ Zhonghua Renmin Gonghe Guo, Fang-fu Ruan, M.D., Ph.D., and M.P. Lau, M.D. Encyclopedia of Sexuality hu-berlin.de/sexology. Tradução da autora.

seus maridos.

Em chinês, há muitos provérbios relacionados com as posições sociais baixas das mulheres e com a irrelevância dos seus papéis sociais:

1. 娶到的媳妇买到的马，由人骑来由人打。

A mulher casada e o cavalo comprado são usados para bater e montar.

2. 人凭田地虎凭山，女人凭里男子汉。

O camponês depende de terra, o tigre depende de floresta e a mulher depende de homem.

3. 夫贵妻荣，母凭子贵。

Um bom marido faz uma boa esposa, um bom filho faz uma boa mãe.

4. 出嫁从夫，夫死从子。

A esposa obedece ao seu marido, a viúva obedece ao seu filho.

5. 兄弟如手足，妻子如衣服。

Os amigos são como irmãos, as mulheres são como roupas.

6. 打老婆，骂老婆，手内无钱卖老婆。

Bata na esposa, maldiga a esposa, venda a esposa se não tiver dinheiro.

7. 菜刀不磨成死铁，女人不打成妖孽。

Uma faca oxidará se não for afiada, uma mulher deixa de ser fiel se não levar porrada.

8. 少年新妇年年有，独怕铜钱不凑手。

O homem rico pode casar-se com qualquer mulher à sua vontade, só tem de que escolher o que quer comprar.

9. 女儿是朵花，总在灶前爬;男人生得丑，总在外边走。

A mulher bonita tem de ficar em casa, mas o homem feio pode sair de casa.

10. 大米不算饭，女人不算人。

Arroz não é considerado comida, mulher não é considerada pessoa.

11. 女子本是菜子命，肥土瘦土一般生。

A mulher é como semente, quer na terra estéril, quer na terra fértil, vai crescer.

12. 女子上不了战场。

Mulher nunca vai ao campo de batalha.

13. 妻跟夫走，水随沟流。

Esposa tem de seguir marido, a água tem de seguir o rio.

14. 饿死事小，失节事大。

Morrer-se de fome é mau, perder-se a castidade é péssimo.

15. 男怕失足，女怕失身。

O homem tem medo de fracassar, a mulher tem medo de perder a castidade.

Durante o século XIX, segundo o Direito Português, a situação da mulher na família era frágil. Só o marido detinha o poder, tendo autoridade para maltratar a mulher, que lhe devia obediência. Só ao chefe de família, ou seja, ao homem, competia a autoridade sobre os filhos. O Código Civil de 1867 melhorou um pouco este quadro ao conceder à mãe o poder sobre os filhos quase em equivalência com o pai, mas todo o resto permaneceu. A mulher casada não podia assumir qualquer compromisso de tipo profissional e, no caso de ter uma ocupação fora do lar, não lhe era permitido dispor do seu salário. Ou seja, na cultura tradicional portuguesa, o único papel atribuído à mulher era cuidar de casa e dos filhos, não podia trabalhar, não podia opinar, não podia desobedecer às ordens do marido. A mulher era completamente desvalorizada e tinha um papel secundário e subordinado (Dulce, 2016).

Eis alguns exemplos de atitudes extremas de discriminação feminina:

- *As filhas (meninas) eram totalmente excluídas da sucessão e das heranças;*
- *A prática do sexo era sempre vista com o objetivo único da procriação ou satisfação masculina;*
- *Uma mulher não podia entrar numa igreja de cabeça descoberta;*
- *Nenhuma mulher professora podia casar sem a autorização do governo, nem podia ganhar mais que o futuro marido;*
- *As enfermeiras e hospedeiras de bordo não podiam casar (Ana, 2017, p.16).*

A mulher era considerada como uma empregada doméstica, e o que ela achava era errado ou insignificante. Apenas importava o que o homem dizia. A mulher tinha de obedecer às ordens do marido sem questionar ou dar opiniões. Não tinha direito à educação, à liberdade de expressão, nem a qualquer tipo de emprego que fosse minimamente “importante”. Para além disso, “*A mulher deve aprender em silêncio e ser submissa - Não é admitido que a mulher dê lições ou ordens ao homem. Esteja calada, pois. Adão foi criado primeiro e Eva depois. Adão não foi seduzido; a mulher foi seduzida e cometeu a transgressão*” (Monges, 2001, p.1761).

Assim, é claro que os homens também mantêm uma discriminação contra as mulheres, tomando-as como propriedade. Isso pode já encontrado nas descrições da Bíblia. De acordo com a Bíblia, a primeira mulher foi feita de uma costela do primeiro homem, Adão, criado por Deus. Ela foi criada apenas como uma ajudante para o primeiro homem. Esta afirmação serve como evidência para a superioridade dos homens sobre as mulheres e também sugere que as mulheres são o acessório e a propriedade privada dos homens. Elas não podem decidir e controlar o seu próprio destino. Elas são apenas ornamentos para servir o gosto do homem. As mulheres estão na dependência no homem: “*Esposas, sejam submissas a seus próprios maridos, como se fosse ao Senhor. Pois o marido é a cabeça da esposa, assim como Cristo é o cabeça da igreja. A igreja é o corpo de Cristo, e Cristo é o Salvador do corpo. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as esposas sejam em tudo submissas a seus maridos*”³⁰.

As frases citadas acima reforçam a posição subordinada das mulheres nas sociedades ocidentais, o que acontecia também em Portugal, um país fielmente católico. Eis alguns provérbios portugueses que descrevem os papéis sociais de mulher:

1. A mulher de César está acima de qualquer suspeita.

³⁰ Novo Testamento, Ephesians 5:22.

凯撒大帝的妻子是毋庸置疑的。

2. A mulher do cego para quem se enfeita?

盲人的妻子为谁梳妆？

3. À mulher, roca, e ao marido, espada.

给女人纺轮，给男人剑。

4. A sombra de um homem vale mais que cem mulheres.

一个男人的影子赛过百个女人。

5. Homem governado pela mulher nunca dá carreira certa.

被女人统治的男人永远没有合适的职业。

6. Mulher e horta não querem mais de um dono.

女人和菜园只能有一个主人。

7. Mulher honrada em casa, de perna quebrada.

女人应该像打断腿那样待在家里。

8. Mulher honrada não tem ouvidos nem olhos.

好女人既没耳朵又没双眼。

9. Mulher, mula, muleta, tudo se escreve com a mesma letra.

女人、骡子、棍子都有相同的字母。

10. Mulher que sabe obedecer, em casa reina a valer.

懂得服从的女人，在家里有被征服的价值。

11. Mulher sem marido, barco sem leme.

女人没有丈夫，船没有舵。

12. Onde a mulher reina e governa, raras vezes mora a paz.

女人治天下，永无安宁日。

13. Quem te ama, te faz chorar; quem te odeia, te faz rir.

爱你的人让你哭；恨你的人让你笑。

14. Quando há homens, nunca se confessam mulheres.

男人永远不会认同女人。

15. Os trabalhos são para os homens.

男人才能工作。

16. Os homens fazem as leis; as mulheres, os costumes.

男人制定了法律；女人养成习惯。

17. Não há geração sem rameira ou ladrão.

妓女和小偷断子绝孙。

18. Não há puta sem alcoviteira.

没有妓女就没与拉皮条的。

19. Entre dez homens, nove são mulheres.

十个男人中，九个都是女人。

20. A marido, serve-o como amigo, e guarda-te dele como inimigo.

要像对待朋友那样侍奉丈夫，要像对待敌人那样保护他。

21. Aos cavalos e às mulheres, é guardá-los de alugueres.

马和女人，养来收租。

22. Casa com lar e mulher a fiar.

家里要有暖炉和缝缝补补的女人。

23. A mulher e a mula, o pau as cura.

女人和骡子，都得用棒子。

24. À mula e à mulher, o pau se quer.

骡子和女人不打不听话。

25. A casa é das mulheres e a rua é dos homens.

家是女人的，路是男人的。

26. O que o marido proíbe a mulher o quer.

丈夫禁止的事，就是妻子想做的。

27. Dia de Santo André, quem não tem porco mata a mulher.

到了圣安德烈节，谁家没猪就杀妻子。

28. Bate todos os dias na tua mulher, se não souberes porquê, ela sabe.

如果你没理由天天打你媳妇，她知道原因。

29. Homem de palha vale mais que mulher de ouro.

稻草人比黄金的女人更有价值。

30. Mulher, fogo e mares, são três males.

女人，火和海浪是三大灾祸。

31. A mulher formosa tira o nome a seu marido.

再漂亮的女人也得跟老公姓。

32. A mulher é a cura do lar doméstico.

女人是处理家务事的良方。

Inferindo dos provérbios acima referidos, verifica-se que nos tempos anteriores, os papéis sociais de mulher nunca foram importantes, quer na China quer em Portugal. Elas eram a propriedade privada dos homens e tinham de depender economicamente dos seus maridos que possuíam direitos absolutos para controlá-las. Maus-tratos físicos e vituperações eram rotinas diárias para as mulheres que não satisfizessem os maridos, originando muitas situações de violência familiar.

3.2.2 Casamento e vida

O casamento é algo de culturalmente importante. Há vários provérbios sobre o casamento que mostram as diferenças na forma de encarar os dois géneros. Antes de aprofundarmos esta questão, vejamos alguns provérbios sobre casamento em ambas as línguas: chinês e português.

Chinês:

1. 嫁出去的女，泼出去的水。

As mulheres casadas parecem água atirada.

2. 养儿防老，养女赔钱。

Crie o filho para prover contra a velhice, crie a filha só para gastar dinheiro.

3. 沙子打不了墙，女儿养不了娘。

Areia não pode perfurar a parede, filha não pode sustentar os pais.

4. 女大不中留。

As filhas têm de casar-se na idade adequada.

5. 娶媳不忙嫁女易速。

Não é necessário casar o filho com pressa, mas case imediatamente a filha.

6. 嫁鸡随鸡，嫁狗随狗。

Siga o homem que se casou.

7. 郎才女貌，赖汉配丑妻。

O génio merece a beleza, o preguiçoso merece a feia.

8. 好马不配双鞍，好女不嫁二夫。

Nem o cavalo pode usar dois pares de selas, nem a mulher pode casar duas vezes.

9. 再嫁无好妇。

A mulher que se casa novamente não é boa.

10. 男子回头金不换，女子回头落臭名。（形容出轨后）

Um pródigo que retorna é mais precioso do que ouro, uma mulher que retorna é pior do que madeira podre.

11. 忠臣不侍二主，烈女不跟二夫。

Nem o súbdito pode servir dois patrões, nem a mulher inflexível se casa novamente.

12. 无冤不成夫妻，无债不成父子。

O casal relaciona-se por ódio, o pai e o filho relacionam-se por dívida.

13. 要知家中妻，先看丈夫衣。

Se quiser conhecer a esposa, dever ver as roupas do marido.

14. 臣为君死，妻为夫亡。

Súbdito morre pelo seu senhor, esposa morre pelo seu marido.

15. 姑娘大了不可留，留来留去反成仇。

Case-se a filha na idade exata, senão vai excitar ódios.

Português:

1. À filha casada, saem-lhe genros.

嫁出去的女儿就是婆家人了。

2. A mulher chora antes do casamento, o homem depois.

女人婚前流眼泪，男人婚后悔流泪。

3. A mulher de boa vida não teme o homem de língua má.

何谓女人的幸福生活？不怕男人的冷嘲热讽。

4. Ao peixe fresco, gasta-o cedo; e sendo tua filha crescida, dá-lhe marido.

鱼趁新鲜吃；女趁年少嫁。

5. Amizade de sogra e de nora, só dos dentes para fora.

婆婆和儿媳间的友谊，只是说说而已。

6. Aquela é bem casada, que não tem sogra nem cunhada.

没有婆婆和妯娌的婚姻才幸福。

7. Casal feliz: marido surdo e mulher cega.

夫妻幸福的秘诀：丈夫听不见，妻子看不见。

8. A mulher casa-se para entrar no Mundo; o homem para sair dele.

女人结婚是为了融进你世界；男人是为了逃出去。

9. Corno de véspera casa-se com mulher bulida³¹.

和不忠贞的女人结婚，每天都处在被戴绿帽子的前夕。

10. Filha casada, filha apartada.

嫁出去的女儿，泼出去的水。

11. Mãe, que é casar? Filha, é fiar, parir e chorar.

-妈妈，什么事婚姻？-女儿，结婚就是纺织，生孩子，流眼泪。

12. Mal casada é a mulher que não pare.

娶个不会生孩子的女人是祸害。

13. Melhor parece filha mal casada do que amancebada.

对于女儿来说，失败的婚姻也比姘居好。

14. Mulher só chora, quando se casa, porque isso não foi há mais tempo.

女人结婚的时候哭泣，因为婚姻并不长久。

15. Pela cara da minha filha já sei o genro que hei de ter.

女儿的脸蛋儿让我知道会有个什么样的女婿。

16. Cabe à mulher casar-se quanto antes e ao homem ficar solteiro o maior tempo que puder.

女人结婚要趁早，男人越单身越好。

A partir destes provérbios, que escolhemos de entre outros do mesmo tipo,

³¹ Diz-se da mulher que não é mais virgem. Gíria usada no Nordeste.

podemos ver que, na cultura tradicional, as mulheres não tinham nenhuma importância na vida familiar. Elas eram discriminadas desde o momento do nascimento até à morte. Antes do casamento, eram consideradas como património dos seus pais. Portanto, é fácil entender que os provérbios portugueses comparem as filhas (mulher não casada) aos peixes. «*As filhas têm de casar-se na idade adequada*». Para quem cria as filhas, é um gasto de grão e de comida. As meninas crescidas não trazem nenhum benefício para os pais e, por isso, delas se espera o casamento a que estão destinadas (David e Vera, 1960, p.75-80).

Especialmente nas culturas portuguesa e chinesa mais tradicionais, o casamento desempenhava um papel muito mais importante na vida das mulheres do que na dos homens. Como as mulheres tinham pouco acesso ao trabalho fora de casa, elas eram consideradas incapazes de participar nos assuntos sociais. Não tinham rendimento fixo e precisavam de depender economicamente dos seus maridos. Assim, elas estavam subordinadas a eles. Além dos trabalhos domésticos, o que a mulher precisava de fazer era aceitar o seu marido, admirá-lo, adaptá-lo e apreciá-lo (Engels, 2002, p.77-81).

Nos países ocidentais, os homens podiam possuir várias amantes, mas segundo as regras católicas, eles tinham de praticar a monogamia. Na cultura tradicional chinesa não se proibiu explicitamente, e até se encorajou, a poligamia (Sin e Yau, 2004, p.42-44). Na China, aos homens era tolerado casar com várias mulheres, mas só uma era a esposa, as outras eram chamadas “*concubinas*”. Aliás, somente os homens da classe média e alta podiam arcar com as despesas que decorriam dessa situação. Ao contrário, se uma mulher tinha vários amantes, ela tinha não só má fama, como podia ser até condenada à morte (Pearson, 1995, p.1159-1193). Além disso, havia diferença de atitude quanto ao segundo casamento relativamente aos dois géneros. Antigamente, um marido poderia divorciar-se da mulher por qualquer pretexto, havendo, especificamente, “*as sete regras para divorciar*,” designadas “*七出*³²” em chinês. Nestas regras incluíam-se os seguintes “*pecados*”:

³² “*七*” significa sete, “*出*” significa sair. Este termo significa: as sete regras para divorciar.

1. *Não ser obediente aos sogros.*
2. *Não poder dar à luz.*
3. *Cometer adultério.*
4. *Ter ciúme.*
5. *Ter doença grave.*
6. *Ser tagarela.*
7. *Roubar.*(Phada, 2015)

Era fácil e natural tornar a casar para o homem, mas a mulher não tinha tal possibilidade.

Entretanto, as mulheres portuguesas também sofreram muito com a mesma condição. Na cultura tradicional, a mulher só tinha duas escolhas, ou casava a mando do pai ou com quem ela nem conhecida ou gostava ou seguia o celibato e a religião. O casamento era uma forma de contrato com validade eterna. A esposa não se podia divorciar. Para ela o casamento era para a vida inteira, ou seja, “*até que a morte nos separe*” (Maria, 2012, p.37).

Há um provérbio português que expressa mesma desta ideia: «*Para quem perde a mulher e um tostão, a maior perda é a do dinheiro*». Este provérbio é a melhor expressão da desvalorização das mulheres. O casamento era benéfico para os homens em todos os aspetos, mesmo quando se tratava de voltar a casar. Para as mulheres, o casamento não significava nada, exceto uma mudança de dono. Antes do casamento, ela era a propriedade do seu pai; depois do casamento, torna-se criada do seu marido.

Assim, de um modo geral, o casamento tem diferentes significações para os dois géneros, especialmente nas sociedades mais tradicionais. Para o homem, casar significa que ele vai possuir uma dona de casa, uma criada e uma “*máquina*” de parir e, ao mesmo tempo, de satisfazer o seu apetite sexual. Para a mulher, o casamento parece um jogo obrigatório e perigoso que vai decidir o futuro dela. Ela tem de assumir a dependência relativamente ao homem, não só no plano económico, mas também no espiritual e físico. Sobretudo, ela deve ser disponível, submissa e

obediente. Não é, por isso, de estranhar que esta situação degradante e não digna causasse muito sofrimento às mulheres.

3.2.3 A mulher “faladora”

A comunicação verbal é uma atividade comum entre as pessoas. Aliás, quando mencionamos as comunicações verbais das mulheres, faz-se uma associação com palavras como “长舌妇”³³, “婆婆妈妈”³⁴, “饶舌”³⁵ e assim por diante, uma vez que há a ideia generalizada de que as mulheres sempre falam demais, ou seja, o estereótipo da tagarelice feminina está profundamente arraigado na mentalidade ocidental. Regra geral, a mulher é considerada como frágil, mexeriqueira e tagarela (Jones, 1990, p.242-251).

Circula uma piada segundo a qual um homem queria divorciar-se da mulher com base no fato de não falar com a esposa há dois anos. Quando o juiz lhe perguntou as razões, ele respondeu: “*não quero interrompê-la!*”. Esta piada mostra o estereótipo profundamente arraigado segundo o qual as mulheres são faladoras. Se surgisse a pergunta “*Quem fala mais?*”, ou uma ideia de rotular os dois gêneros escolhendo “*faladora*” contra “*ouvinte*”, a maioria de nós apostaria em mulheres como “*faladora*” (ibidem, p.237-248). Segundo Camilo:

“O homem pensador é necessariamente taciturno. A mulher faladora não consegue atordoar-lhe o espírito, mas faz-lhe nos ouvidos a traquinada intolerável de uma matraca. A matraca afugenta do coração todas as quimeras do amor. Não vos caseis com homem pensador, mulheres que falais um momento antes de pensar o que direis. O amor - se vo-lo pode inspirar tal homem - fará que não fecheis olhos velando-lhe a doença; fará que lhe sacrifiqueis os haveres, a reputação e a vida; fará tudo que humanamente pode fazer um anjo de sacrifício, mas não vos fará calar. O feudo mais pesado que uma tal mulher pôde impôr a um homem é - a

³³ “a mulher com uma língua comprida”.

³⁴ “a mulher fala muito como sogra e mãe”.

³⁵ “faladora”.

obrigação de ouvi-la” (Camilo, 2012, p.75).

Há vários provérbios portugueses que mostram esse estereótipo:

1. A língua das mulheres é a sua espada.

女人的舌头就是她的利剑。

2. A mulher andeira diz de todos, e todos dizem dela.

腿勤的女人爱说闲话，大家也爱议论她。

3. A mulher e a cachorra, a que mais cala, é a mais boa.

女人和狗，谁更安静，更乖。

4. À mulher e à galinha não se deixa passear: a galinha o bicho come, a mulher dá que falar.

女人和母鸡闲不住：一个吃虫，一个说话。

5. A mulher e a meloa – só a calada é que é boa.

寡言的女人，尝过的甜瓜才是好的。

6. A mulher honrada sempre deve ser calada.

伟大的女人都是沉默寡言的。

7. Zangam-se as comadres, descubrem-se as verdades.

泼妇吵架兜家底儿。

8. Quem tiver segredo, não conte para mulher casada: ela conta para o marido, e o marido, para o seu camarada.

有秘密的人，绝不能告诉已婚妇女：她会告诉她丈夫，然后她丈夫会告诉同事们。

9. Segredo em mulher, não pode ser.

女人守不住秘密。

10. Segredo em boca de mulher, é manteiga em focinho de cão.

女人嘴里的秘密就像狗嘴里的黄油。

11. Com menino e com mulher, orelha em pé.

小孩和女人总是竖起耳朵偷听。

12. Em casa, nem fumo, nem goteira, nem mulher tarameleira.

待在家里，没有臭气，屋顶不漏雨，没有爱唠叨的女人。

13. Mulheres, quando se juntam a falar da vida alheia, começam na lua nova e acabam na lua cheia.

女人一旦谈起别人的生活，能从新月说到满月。

14. Quando a mula fala, o homem cala.

女人开口，男人沉默。

15. Quando vires uma mulher, fala, mas não escutes.

当你看到一个女人说话，但你不会去听。

16. Se teu segredo confias a uma mulher, em breve será público.

如果你将秘密托付给一个女人，很快就会人尽皆知。

17. Segredo em boca de mulher é o mesmo que escrever em papel.

女人嘴里的秘密就像写在纸上一样。

18. Três mulheres e um pato fazem uma feira.

三个女人一只鸭，组成个集市乱哄哄。

19. Três mulheres fazem um mercado e quatro uma feira.

三个女人能成市，四个女人能过节。

20. Mulher de bom recado enche a casa até o telhado.

八卦的女人能填满屋子。

21. Guarda-te do traseiro de mula, da dianteira do frade, dos requebros da freira, e da língua de mulher.

当心驴子的后蹄，修女的献媚和女人的舌头。

22. Fevereiro tem 28 dias, é o mês em que as mulheres falam menos.

2月份有28天，是女人说话最少的一个月。

23. O Diabo não pode atar uma língua de mulher.

魔鬼管不住女人的舌头。

24. Quem quiser fazer uma viagem em paz, não leve mulher, nem cão, nem rapaz.

想安静地去旅行，千万别带女人，狗和孩子。

25. Fumo, goteira e mulher faladora põem os homens da porta para fora.

浓烟，漏雨和长舌妇会让男人逃出家门。

Tanto na China como em Portugal, as pessoas têm um padrão diferente para comentar as palavras de homens e de mulheres. Ao contrário da discriminação exercida sobre as mulheres, os homens têm o direito absoluto de falar. O pior é que, nas culturas tradicionais, isso podia ser um pretexto para o divórcio, caso se reconhecesse que a mulher era tagarela. Além disso, as mulheres eram controladas no modo de falar, devendo-o fazer só quando solicitadas, em voz baixa e com palavras refinadas e gentis. Quanto ao homem, não havia nenhuma imposição (Rhim, 1982, p.35-37). É o que também podemos constatar através dos seguintes provérbios chineses:

1. 妇女们嘴长，男人们手长。

A mulher tem língua comprida, o homem tem mãos compridos.

2. 小姑多，舌头多，大姑多，婆婆多。（两姑之间难为妇）

Não é fácil ser uma mulher entre as cunhadas.

3. 三姑六婆，争少嫌多。（爱议论别人）

A mulher sempre fala das outras pessoas.

4. 妯娌多了是非多，小姑多了麻烦多。

As cunhadas sempre provocam uma rixa.

5. 三个女人一台戏。

Três mulheres podem fazer uma peça de teatro.

6. 三个老太婆，赛过敲锣鼓。

Três mulheres fazem mais barulho do que os tantãs e tambores.

7. 女人舌头上没骨头。

Mulher não tem ossos na língua.

8. 女人话是枕边风³⁶，不听也得听。

O marido tem de seguir os conselhos de mulher (As palavras de mulher podem confundir e iludir os pensamentos ou as decisões de homem).

³⁶ “*uma conversa privada entre marido e esposa*”.

9.男子饶舌一日，女子饶舌一年。

O homem pode falar por um dia, a mulher pode falar por um ano.

10.妇有长舌，唯厉之阶。（长舌妇是惹祸的事端）

A mexeriquice é uma origem de desgraça.

11.妇人口大舌长，男儿家败人亡。

Se uma mulher tem boca grande e língua comprida, vai estragar a família.

12.有鸡鸭的地方粪多，有女人的地方话多。

Tem menos cocó no aviário, do que palavras na boca da mulher.

13.晴天的日头，女人的舌头。

O sol do dia brilhante é semelhante à língua de mulher.

14.妇人之言不可听。

Não se segue todos os conselhos de mulher.

15.寡妇门前是非多。

Há mais língua afiada à porta de viúva.

Em suma, através dos provérbios, podemos ver que o estereótipo da mulher faladora estava profundamente radicado. Não só porque as mulheres tradicionais não tinham trabalho que não fosse o de casa como, também, porque não tinham direito a rejeitar os padrões da educação que lhes eram impostos. As bagatelas domésticas não podiam preencher o vácuo do espírito, portanto, elas passavam dias e anos sem outros horizontes e mexericavam histórias alheias para chamar atenção e se distraírem.

3.2.4. Sabedoria de mulher

Na cultura mais tradicional, os chineses eram da opinião de que as mulheres eram estúpidas e tinham falta de inteligência. Isso é uma coisa que está patente no provérbio «女人头发长见识短»³⁷; os portugueses também tinham mesma ideia: «A mulher é um animal de cabelo comprido e entendimento curto» — eram consideradas menos inteligentes do que os homens. Do ponto de vista social, as mulheres eram consideradas incapazes e ignorantes. A China é um país muito influenciado pelos

³⁷ «A mulher é um animal de cabelo comprido e entendimento curto».

pensamentos tradicionais de Confúcio e alguns desses pensamentos apresentam sexismo e discriminação para contra a mulher (Yang, 1959, p.89-101). Por exemplo: *“Entre todas as pessoas, mulher e pessoa vil são as mais difíceis para conviver. Se você está familiarizado com eles, eles perdem a sua humildade; Se você mantém-lhes à distância, eles ficam zangados”* (James, 1983). Aqui, Confúcio compara a mulher ao vilão e isso revela a forma degradada como a mulher é vista.

Tudo isto podemos encontrar nos provérbios chineses que a seguir:

1. 女子无能，打孩子骂人。

A mulher incapaz sempre bate nos filhos e maldiz os outros.

2. 头发长，见识短。

A mulher é um animal de cabelo comprido e entendimento curto.

3. 女子无才便是德。

A ignorância é a virtude de mulher.

4. 男子痴，一时迷;女子痴，没药医。

O homem vive a paixão louca só por um momento, mas uma mulher por toda vida.

5. 男子心，海一样深，女人心，一枚针。

O coração de homem é tão profundo como o mar, mas o coração de mulher é tão fino como a agulha.

6. 谗言误国，妒妇乱家。

As calúnias fazem mal ao país, as mulheres invejosas fazem mal à família.

7. 十个女人九个妒。

Se houver dez mulheres, nove delas são invejosas.

8. 痴人畏妇，贤女畏夫。

O doido tem medo da mulher, a mulher sábia tem medo do marido.

Os provérbios anteriores apresentam ideias extremas: as mulheres são estúpidas; têm vista curta; têm alma pequena; provocam problemas, etc. Se derem algumas

ideias ou opiniões, são logo consideradas “*妇人之见*”³⁸. Por um lado, os homens não deixavam que elas fossem à escola ou tivessem ideias próprias e independentes. Por outro lado, os homens consideram-nas como animais estúpidos. Trata-se de uma representação típica do machismo. Estes provérbios dão uma visão desprezada e difamada da mulher. Tudo isto é injusto e errado. Nos provérbios portugueses, temos também vários exemplos:

1. A mulher é um animal de cabelo comprido e entendimento curto.

女人头发长见识短。

2. As mulheres são crianças crescidas.

女人是大孩子。

3. A mulher consegue-se com o desdém.

女人天生看不起人。

4. A mulher, sem pôr o pé faz pegada.

女人脚下无根。（不脚踏实地）

5. Palavras são fêmeas e fatos são machos.

女人靠说，男人靠做。

6. Mulher que em jura de homem se fia, chora de noite e de dia.

轻信男人的女人，日夜哭泣。

7. As mais lindas cabeças raras vezes são das mulheres.

女人头脑不灵光。

8. Toma o primeiro conselho de uma mulher, não o segundo.

采纳女人的第一个建议，而不是第二个。

9. A mulher não muda fê.

女人不能改变信仰。

10. Sabedoria de mulher, sabedoria de macaco.

女人的智慧，等同于猴子。

11. Com inveja e com ciúmes, é áspide a melhor mulher.

³⁸ “*Vista de mulher*”, significa que as mulheres têm vista curta, é uma expressão negativa. Menglong Feng, Aforismo de Tang dinastia, Capítulo 25.

嫉妒会让女人比毒蛇更恐怖。

3.2.5. O pomo da discórdia³⁹

Na história da China, bem como na de Portugal, as mulheres eram consideradas “*troublemakers*”: são vistas como focos de problemas. Elas foram consideradas como a encarnação do mal, acreditando-se serem causa de infortúnios. Na cultura tradicional chinesa, as mulheres foram privadas dos direitos de decisão e participação social. Como as mulheres, especialmente as mais belas, eram consideradas como as causas de desastre, os chineses tinham a superstição de que as mulheres eram diabos que levavam à destruição do homem e até da toda nação. Portanto, na China, temos uma expressão «红颜祸水»⁴⁰. Para definir as mulheres, ao mesmo tempo, a beleza de mulher sempre causa algo de infelicidade para o seu destino, por isso, também temos a expressão «自古红颜多薄命»⁴¹ para referir essas ideias (Rhim, 1982, p.18-20). Por exemplo:

1. 红颜祸水。

Helena de Tróia.

2. 美色从来都是祸胎。

O encanto de mulher é sempre a desgraça.

³⁹ Esta expressão advém de um famoso mito grego. Os perdidos Poemas Círios encontram originalmente que, numa dada altura teve lugar o casamento de um mortal com uma deusa, Peleu com Tétis, que acabaria por gerar Aquiles. Todos os deuses foram convidados, com exceção da Discórdia (i.e. "Éris"). Esta, para se vingar, fez entregar no local uma maçã de ouro, na qual estava inscrito "Para a mais bela". Afrodite, Atena e Hera disputaram o invulgar fruto, o que levou depois ao Julgamento de Páris e à Guerra de Tróia. O "pomo da discórdia" é então esta invulgar maçã, um metafórico fruto ou elemento que gera algum tipo de incompatibilidade entre aqueles que o disputam, sejam eles as deusas do Olimpo ou simples mortais.

⁴⁰ «*Helena de Troia*». Helena era a mulher mais bonita na Grécia e que foi mais conhecida por ser a causa da Guerra de Tróia. Na mitologia grega, Helena de Tróia, também conhecida como Helena de Esparta, era a filha de Zeus e Leda, e era uma irmã de Castor, Pollux, e Clitemnestra. Nos mitos gregos, ela foi considerada a mulher mais bonita do mundo. Pelo casamento, ela era rainha de Laconia, uma província dentro Grécia homérica, a esposa do rei Menelau. Seu rapto por Paris, príncipe de Tróia, provocou a Guerra de Tróia.

⁴¹ «*As mulheres bonitas foram de triste destino ao longo da História*».

3. 哲夫成城，哲妇倾城。

O homem sábio estabelece o castelo, mas a mulher sábia destrói-o.

4. 牝鸡司晨，惟家之索。（母鸡在清晨打鸣，这个家庭就要破败。比喻女性掌权，颠倒阴阳，会导致家破国亡）

Se a galinha⁴² canta de manhã, a família vai abrir à falência.

5. 家有贤妻丈夫不遭横事。

Se a esposa é virtuosa, a vida do marido vai correr bem.

6. 男人心肠易测，女人诡谲难防。（女人善变）

É fácil saber os pensamentos de homem, mas é difícil adivinhar as ideias de mulher.

7. 天下最毒妇人心。

O coração de mulher é o mais cruel e malévolo.

8. 世间三件休轻惹，黄蜂老虎狠家婆。

Três coisas no mundo é melhor não provar: abelha, tigre e mulher.

9. 美丽的姑娘也不一定心肠好，漂亮的弓箭不一定射着鸟。

As raparigas bonitas não são definitivamente de bom coração, os arcs lindos não acertam as aves com precisão.

10. 丑妇家中宝。

Uma mulher feia é o tesouro na família.

11. 英雄难过美人关。

O herói torna-se o prisioneiro da mulher formosa.

12. 才子多薄情，红颜多薄命。

O génio é sempre inconstante no amor, a mulher formosa é sempre de fado infeliz.

Nos países ocidentais, a mulher foi vista como um nada, diabólico, imperfeita, culpada por todos os males da humanidade e origem do mal. As pessoas tinham medo da mulher por uma longa tradição, não só por causa da sexualidade feminina, mas também por causa do pensamento religioso. Para os gregos, foi Pandora quem abriu a

⁴² Aqui, *galinha* é uma metáfora de mulher. Se a mulher dominar o país, vai destruí-lo.

caixa que Zeus tinha proibido de ser aberta, lançando o mal no mundo, “*um mal em que todos, no fundo do coração, se deleitarão em rodear de amor sua própria desgraça*” (Nogueira, 1991, p.104). Assim, ele foi a responsável pela introdução de todos os males do mundo (ibidem, p.101-108). Sendo um país católico, Portugal é influenciado muito pela bíblia sagrada, da qual faz parte o mito da criação. Os católicos creem que Eva foi seduzida pelo diabo, levando o primeiro e mais puro dos homens a pecar:

“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o senhor Deus tinha formado, ela disse à mulher: É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda a árvore do jardim? A mulher respondeu-lhe: Podemos comer os frutos das árvores do jardim, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais. - Oh, não! - tornou a serpente - vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal. A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspeto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente”⁴³.

Em muitos provérbios portugueses aparece também a metáfora da mulher como diabo:

1. A beleza depressa acaba.

容颜易老。

2. A beleza é um bem frágil.

美丽易碎。

3. A formosura é um engano mudo.

美貌是无声的圈套。

4. A formosura é uma tirania de pouco tempo.

⁴³ Gênesis, Capítulo 3: 1, 6.

美貌是短期的暴政。

5. Ao diabo e à mulher nunca falta que fazer.

没有魔鬼和女人做不到的。

6. A mulher é a mais bela criação da natureza, mas é também a mais perigosa.

女人天生丽质最美丽，但也最危险。

7. À mulher nenhum espelho chamou feia.

没有镜子的女孩就是丑。

8. Antes filha feia que por demais janeleira.

丑女多作怪。

9. Bem toucada, não há mulher feia.

没有丑女人，只有懒女人。

10. Casa de mulher feia não precisa de fechadura.

丑女家门不用锁。

11. Formosura de mulher não enriquece o homem.

妻子的美貌不能使丈夫富有。

12. Marido de mulher feia sempre acorda assustado.

丑女的丈夫害怕醒来。

13. Moça bonita é farofeira.

漂亮的女孩沾沾自喜。

14. Moça louçã, cabeça vã.

漂亮的女孩没脑子。

15. Mulher bonita nunca é pobre.

漂亮女孩永远不会贫穷。

16. Mulher feia é casta por natureza.

丑女人天性善良。

17. Mulher formosa, doida ou presunçosa.

美丽的女人，不是傻就是自大。

18. Mulher sardenta, mulher rabugenta.

满脸雀斑的女人，泼辣的女人。

19. Quem casa com mulher feia, não tem medo de outro homem.

娶了丑妻不怕人惦记。

20. Mulheres são como as serpentes, formosas, mas venenosas, insignificantes, mas traiçoeiras.

女人像蛇，美丽却有毒；微不足道却狡诈阴险。

21. Onde há cães, há pulgas; onde há pães, há ratos; onde há mulheres, há diabos.

有狗的地方跳蚤多；有面包的地方老鼠多；有女人的地方魔鬼多。

22. Que Deus se fez homem, seja, porém o diabo se fez mulher!

上帝创造了男人，但魔鬼创造了女人！

23. Naquilo que o Diabo não sabe fazer, pede conselho à mulher.

魔鬼不会做的事，可以去请教女人。

24. A mulher é um demónio em carne.

女人是魔鬼下凡。

25. Diante do espelho a mulher esquece a panela.

女人在镜子前会忘了锅子。

26. A mulher é o defeito mais belo da natureza.

女人是大自然最美丽的缺陷。

27. A graça da mulher é enganadora, e a sua virtude confunde-se com o vício.

女人的可爱是骗人的，她的美德与恶习并存。

28. Homem tendo mulher feia tem a fama segura.

丑媳妇维护好名声。

3.2.6. Temperamento da mulher

Quanto ao temperamento da mulher, é comumente aceite que as mulheres são fracas e caprichosas. Quando Shakespeare fez um retrato da mulher no seu famoso drama “*Hamlet*”, ele estabelece uma relação próxima entre mulher e fragilidade: “*Oh céus! Recordá-lo-ei? Pendia dele como se seus desejos aumentassem com a saciedade. E um mês depois... Paremos. Fragilidade, nome de mulher...*” (William, 1947, p.21).

Sendo consideradas do sexo fraco, as mulheres são sempre metaforizadas como, porcelana, vidro ou outras coisas fáceis de quebrar. Além disso, as pessoas têm

frequentemente a opinião de que as mulheres têm tendência para mudanças súbitas e imprevisíveis nos seus comportamentos e atitudes. Assim, reformou o estereótipo de que nunca se deve acreditar nas palavras e nos comportamentos da mulher. Também é aconselhável que não se confie nas lágrimas de mulher (Muraro, 1992, p.110). Quando lemos alguns provérbios, podemos encontrar alguns reflexos destas ideias:

Chinês:

1. 女人都是水做的 (爱哭)。

Mulher é feita de água (Sempre chorar).

2. 男儿有泪不轻弹。

O homem não chora à sua vontade.

3. 少女嫩脆，瓷杯易碎。

O vidro e as moças são mercadorias frágeis.

4. 阴晴圆缺月，易变女子心。

A lua pode ser turva ou brilhante, cheia ou minguante, e o mesmo aconteceu com os pensamentos da mulher, que mudam facilmente.

5. 易干不过女子泪。

Nada seca tão rápido como as lágrimas de mulher.

6. 男子火性，女子水性。

O homem tem característica do fogo, a mulher da água.

7. 少女的心，天上的云。

O coração da menina é como nuvem do céu.

8. 最毒不过妇人心。

O coração de mulher é o mais venenoso do mundo.

9. 婊子无情，戏子无义。

Prostituta nunca revela o seu coração verdadeiro, ator dramático não tem integridade verdadeira.

De mesmo modo, também podemos conhecer bem, através deste género de provérbios portugueses:

1. Para as lágrimas de mulher não há casa forte.

女人的眼泪会破财。

2. A mulher e a galinha são bichos interesseiros: a galinha pelo milho e a mulher pelo dinheiro.

女人和母鸡都是自私的：母鸡迷恋玉米，女人迷恋钱。

3. A mulher e o cristal, se se quebram uma vez, não se podem mais soldar.

女人似水晶，打破一次便不能复原。

4. A mulher e o vidro estão sempre em perigo.

女人和玻璃一样脆弱。

5. A mulher é um cata-vento: anda ao sabor do vento que soprar.

女人是个风向标，风往哪儿吹她往哪儿跑。

6. A mulher ri quando pode e chora quando quer.

女人想笑时便笑，想哭时便哭。

7. Amor de puta e fogo de murta, luz muito e pouco dura.

婊子的爱和桃木树的火焰，都转瞬即逝。

8. As lágrimas são os melhores memoriais das mulheres.

眼泪是女人最好的回忆。

9. As mulheres têm a seu manda as lágrimas, para chorarem quando e quanto quiserem.

女人的眼泪有开关，不想哭时便止住。

10. Lágrimas de mulher são tempero de malícia.

女人的眼泪狡猾又邪恶。

11. Choro de viúva é água de chuva.

寡妇的泪是雨水。

12. Chuva de verão e lágrima de puta, quando caem ao chão, ficam logo enxutas.

夏日的雨，婊子的泪掉在地上就干掉。

13. De uma lágrima de mulher nasce o perdão.

女人的眼泪是请求原谅的良方。

14. Em manqueira de cão e lágrimas de mulher não há que crer.

瘸腿的狗和女人的眼泪，一样都不能相信。

15. Inconstância, teu nome é mulher.

女人喜怒无常。

16. Lágrimas de mulher, fonte de malícia.

女人的眼泪是邪恶的源泉。

17. Lágrimas de mulher valem muito e costumam-lhe pouco.

女人的眼泪，付出少，收获多。

18. Mulher arrenegada é pior que víbora assanhada.

被背叛的女人比被激怒的毒蛇更可怕。

19. O homem deve cheirar a pólvora, e a mulher, a incenso.

男人应该火气十足；女人应该香气迷人。

20. Há sempre uma mulher junto a uma dor.

总有一个女人与痛苦相伴。

21. Mulher, vento e ventura são de pouca dura.

女人、风、财富都是昙花一现。

22. O cão é fiel, a mulher não.

狗是忠诚的，女人不是。

A língua é sempre considerada como um dos elementos decisivos na distinção entre as etnias. No entanto, tal como a dimensão económica que os seres humanos compartilham o sexismo também está presente em ambos os provérbios, portugueses e chineses. Como sabemos, a língua chinesa pertence à família das línguas sino-tibetanas, enquanto a língua portuguesa pertence à família das línguas indo-europeias. Elas têm muitas diferenças no aspeto de vocabulário, gramática e sintaxe, pois têm uma história e tradições culturais diferentes. No entanto, nelas se encontra a mesma atitude em relação às mulheres, ou seja, as mulheres são consideradas inferiores aos homens, sendo assim discriminadas (Hu, 2002, p.63-71).

Segundo investigações feitas na esfera linguística, a língua é considerada como um fenómeno social e está intimamente relacionado com a sociedade e a cultura. A estrutura social e a dimensão cultural exercem a influência sobre a língua e, da mesma

forma, as mudanças sociais também influenciam, mais ou menos, as mudanças da língua (ibidem, p.104). Tal como a língua e a sociedade têm uma relação estreita, os provérbios e a cultura, também. Os provérbios são portadores de uma representação da vida diária das pessoas e da sociedade ao longo da história. Eles podem fornecer-nos as pistas para conhecermos melhor a história do cotidiano de popular e da cultura tradicional, a organização social, as visões sociais e as atitudes das pessoas. Os provérbios que analisamos, tanto em português como em chinês, assemelham-se a um espelho que reflete o preconceito a desfavor das mulheres (Mieder, 1993, p.71-85). Portanto, sendo um componente da língua e um produto da cultura, os provérbios, sem dúvida, refletem a desigualdade entre homens e mulheres nas nossas sociedade e cultura.

Os linguistas consideram, igualmente, que a língua também exerce uma influência sobre a cultura. Esta regra linguística também se aplica aos provérbios. Os provérbios são o produto da experiência social e, ao mesmo tempo, influenciam a sociedade. Como os provérbios têm componentes filosóficas e ensinamentos morais expressos muitas vezes com linguagem simples e metafórica, é fácil que sejam fixados e passem de geração em geração (ibidem). Por consequência, a influência dos provérbios na sociedade e cultura é importante para a compreensão desta.

No próximo capítulo, vamos investigar os fatores culturais que contribuem para o sexismo nos provérbios portugueses e chineses.

Capítulo IV Fatores culturais que contribuem para o sexismo nos provérbios chineses e nos portugueses

No capítulo anterior, procurámos fazer uma análise detalhada do sexismo nos provérbios portugueses e chineses. Como os provérbios são uma parte essencial da língua, o estudo do sexismo nos provérbios permite que se perceba como é que ele está presente tanto na língua como nas relações sociais. Tendo uma existência objetiva, o sexismo nos usos da língua encontra as suas raízes em contextos sócio-culturais. Portanto, é necessário estudar o sexismo nos usos da língua através de perspetivas culturais, perseguindo assim as raízes profundas, culturais, em que mergulha. Somente desta maneira, podemos chegar a uma compreensão profunda do preconceito de género patente tanto na cultura como na sociedade.

Neste capítulo, pretendemos analisar as causas do sexismo a partir de uma perspetiva cultural baseada na teoria de género. Segundo esta perspetiva teórica, o sexismo nos provérbios e na língua não é apenas um fenómeno linguístico, mas também um produto das tradições sociais e culturais. Se o sexismo biológico pretende marcar uma “*inferioridade natural*” da mulher, há contudo que observar, com Beauvior que “*há, de fato, uma diferença biológica, e que não deveria, mas é utilizada como base da diferença sociológica*” (Beauvoir, 2009, p.18). Com efeito, as mulheres são oprimidas e discriminadas principalmente devido a fatores culturais, também biológicos.

“É, portanto, à luz de um contexto ontológico, económico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através

da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana” (ibidem, p.57).

Sendo um todo complexo, cultura inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo ser humano como membro de uma sociedade. Por um lado, como língua tem as características culturais, dizemos que cultura inclui a língua e a influência. Por outor lado, língua é um espelho da cultura, que se reflete realmente em todas as coisas. Por isso, elas são ligadas e têm efeitos mútuos (Laraia, 1986, p.25). Ao recolher os provérbios chinês e português sobre as mulheres, encontrei provérbios que podem ser compreendidos através de quatro conceitos ou grande categorias culturais: o patriarcado, o controlo da religião e ideologia tradicional, a convenção e o papel de género, os quais contribuem para o sexismo, quer nos provérbios chineses, quer nos portugueses. Analisemos, também nós, estas diferentes dimensões.

4.1. Patriarcado

4.1.1. O conceito de patriarcado

A palavra "*patriarcado*" significa literalmente a regra do pai ou do "*patriarca*" e originalmente foi usada para descrever um tipo específico de "*família dominada pelos homens*", ou seja, a grande família do patriarca, que incluía mulheres, adolescentes, crianças, escravos e empregados domésticos, todos eles sob o domínio masculino. Atualmente, é geralmente usado "*para referir-se à dominação masculina, às relações de poder pelas quais os homens dominam as mulheres e a caraterizar um sistema pelo qual as mulheres são mantidas subordinadas em várias maneiras*" (Bhasin, 1960, p.3).

"*Patriarcado*" refere-se ao domínio masculino, tanto nas esferas públicas, quanto nas privadas. As feministas usam o termo "*patriarcado*", principalmente para descrever o relacionamento de poder entre homem e mulher. Assim, o patriarcado não é apenas um termo. As feministas usam-no como um conceito e, como todos os outros

conceitos, é um instrumento que ajuda a entender as situações reais das mulheres (Coward, 1983, p.17).

O conceito de patriarcado foi definido por diferentes pensadores de várias maneiras. Mitchell, um psicólogo feminista, usa a palavra patriarcado “*para referir-se a sistema de parentesco em que os homens trocam as mulheres*” (Mitchell, 1971, p.24). Walby⁴⁴ define “*patriarcado como um sistema de estruturas e práticas sociais, que os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres*” (Walby, 1990, p.20). Ela explica o patriarcado como um sistema social, o que nos ajuda a rejeitar a noção de determinismo biológico (homem e mulher são naturalmente diferentes por causa de sua biologia ou corpos, mas não é realmente por isso que lhes são atribuídos papéis diferentes) ou seja, isso não explica “*em qualquer nação, que cada homem individual esteja sempre na posição dominante, e cada mulher na posição subordinada*” (*ibidem*).

O patriarcado, na sua definição ampla, significa a manifestação e institucionalização do domínio masculino sobre as mulheres e as crianças da família e, em geral, a extensão do domínio masculino sobre as mulheres, em termos sociais. Isso implica que “*os homens dominam o poder em todas as instituições importantes da sociedade*” (Lerner, 1989, p.239) e “*as mulheres são privadas de acesso a este poder*” (*ibidem*, p.247). No entanto, isso não significa que “*as mulheres sejam totalmente incapazes ou privadas aos direitos, influências e recursos*” (*ibidem*, p.261).

Assim, o patriarcado descreve o sistema institucionalizado do domínio masculino. Podemos, pois, definir o patriarcado como um conjunto das relações sociais entre homem e mulher que, tendo uma base material e embora ela seja hierárquica, estabelece ou cria uma independência e solidariedade entre os homens, que lhes permite a dominar as mulheres (Jagger, 1984, p.56-70). A ideologia patriarcal exagera as diferenças biológicas entre homem e mulher, assegurando-se de que os homens sempre têm os papéis dominantes, ou masculinos, e as mulheres sempre têm os

⁴⁴ Sylvia Theresa Walby, sociolinguísta britânica.

subordinados ou femininos. Essa ideologia é tão forte que “*geralmente, os homens conseguem obter o consentimento aparente das mulheres oprimidas*” (Millett, 1977, p.35). Eles fazem isso “*através das instituições, tais como: academia, igreja e família, cada uma das quais justifica e reforça a subordinação das mulheres aos homens*” (ibidem). O sistema patriarcal é caracterizado por poder, domínio, hierarquia e competição. Assim, o patriarcado é o sistema que estrutura a prática social, através da qual os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres.

4.1.2. A subordinação de mulher

O patriarcado, que supõe a superioridade natural do homem sobre a mulher, mantém a dependência e subordinação da mulher ao homem em todos os aspectos da vida. Consequentemente, todo o poder e a autoridade dentro da família, da sociedade e do Estado permanecem inteiramente nas mãos do homem. Assim, devido ao patriarcado, as mulheres foram privadas dos seus direitos e dos benefícios legais, bem como da propriedade, o que naturalmente limita a sua liberdade.

Subordinação significa que “*algo é menos importante do que outra coisa*” (Cobuild, 2010, p.1559), ou seja, tem menos poder ou autoridade do que alguém num grupo ou numa organização. O termo “*subordinação da mulher*” refere-se à posição inferior das mulheres, à sua falta de acesso aos recursos e à tomada de decisão, etc., e à dominação patriarcal a que as mulheres estão sujeitas na maioria das sociedades. Assim, a subordinação da mulher significa uma posição inferior à dos homens. O sentimento de impotência, a discriminação, a falta de auto-estima e de auto-confiança, todos os esses fatores contribuem conjuntamente para a subordinação de mulher. Assim, a subordinação das mulheres é uma situação em que existe uma relação de poder no sentido em que a mulher se vê na situação de dominada. A subordinação de mulher é uma característica central de todas as estruturas de dominação, mas as feministas apontam diferentes localizações e causas de subordinação (Saffioti, 2004, p.101-121).

A teoria feminista contemporânea parte da tese de Beauvoir, segundo a qual os homens consideram as mulheres fundamentalmente diferentes, sendo reduzidas à

posição do segundo sexo e, portanto, à posição subordinada (Beauvoir, 1980, p.175). Por seu lado, a teoria da subordinação de Kate Millet argumenta que as mulheres são dependentes do domínio patriarcal (Millet, 1977, p.66). Como vimos, o patriarcado é o sistema pelo qual as mulheres são mantidas em papéis subordinados em vários aspetos. As mulheres sofrem diariamente subordinações de vários modos: discriminação, desrespeito, insulto, controlo, exploração, opressão, violência, e tudo isto dentro da família, no local de trabalho ou na sociedade em geral. Por exemplo: a preferência pelos rapazes; a discriminação contra as meninas na distribuição de alimentos; o peso do trabalho doméstico das mulheres e das meninas; a falta de oportunidades educativas e de liberdade; o controlo sobre as mulheres e meninas; o assédio sexual no local de trabalho; a ausência de herança ou de direitos de propriedade para as mulheres; o uso dos corpos, da sexualidade e da fertilidade ou dos direitos reprodutivos das mulheres. Assim, o patriarcado engloba todos os tipos de domínio masculino em torno de mulher. Nesta mentalidade, os homens são superiores às mulheres e elas são propriedade dos homens, de modo que as mulheres devem ser controladas pelos homens, o que conduz à subordinação da mulher (Flandrin, 1992, p.60).

Neste sistema patriarcal, os homens e as mulheres comportam-se, pensam e aspiram de maneira diferente, porque foram ensinados a pensar de forma masculina e e feminina. O sistema patriarcal assevera que os homens têm, ou deveriam ter, um conjunto de qualidades e características. São as chamadas qualidades "*masculinas*" (força, coragem, destemor, dominância, competitividade etc.), que se opõem às qualidades "*femininas*" (carinho, amor, timidez, obediência etc.) (ibidem, p.34-37).

O patriarcado é o sistema de domínio masculino e de subordinação feminina — na economia, sociedade e cultura — que caracterizou uma grande parte da história humana até os dias de hoje. As instituições patriarcais e as relações sociais são responsáveis pela posição inferior ou secundária das mulheres no mercado capitalista. O primado da divisão do trabalho baseado no sexo e dentro da família tem várias consequências para as mulheres que buscam os empregos.

A maioria das civilizações agrícolas, incluindo China e Portugal, reduziu a

posição e a potência das mulheres, pelo menos de acordo com os padrões modernos ocidentais e com as normas implícitas das sociedades de caça e coleta:

“Além da cultura da pedra lascada, uma das características mais marcantes do Período Paleolítico foi o regime econômico baseado na caça e na coleta. Em outras palavras, isto implica dizer que os grupos humanos do Paleolítico sobreviviam exclusivamente da caça e da coleta. Essa característica era uma imposição da fase técnico-cultural em que aqueles homens se encontravam; desconheciam as mais rudimentares formas de agricultura e de domesticidade de animais, os quais pudessem lhes servir de alimento. Neste sentido, organizavam-se de forma a atender essas atividades imprescindíveis e vitais. Por força da natureza, aos homens cabia a caça e a pesca, às mulheres a coleta de frutas, folhas e raízes silvestres. Se, por um lado, a necessidade econômica exigia ação coletiva e colaborativa, por outro, resultava na prática distributiva comum do fruto do trabalho, cabendo a cada um dos membros do grupo uma porção do que foi arrecadado no trabalho comum” (Marcelo, 2012).

As civilizações agrícolas eram caracteristicamente patriarcais, ou seja, eram dirigidas por homens e baseavam-se na suposição de que os homens dirigiam a vida política, econômica e cultural. Além disso, à medida que as civilizações agrícolas se desenvolveram ao longo do tempo e se tornaram mais prósperas e organizadas, a posição das mulheres deteriorou-se, ao contrário a posição importante que tinham no início, ou seja, na sociedade matriarcal.⁴⁵

Na cultura tradicional, as famílias individuais eram, normalmente, criadas numa base patriarcal. O marido e o pai determinavam as condições fundamentais e tomavam as decisões-chave e a mulher obedecia à autoridade masculina com humildade. A estrutura patriarcal da família dependia do controle masculino de toda propriedade, começando pelos próprios bens; o casamento baseava-se em relações de

⁴⁵ *Sociedade matriarcal* é um termo aplicado às formas ginecocráticas de sociedade, nas quais o papel de liderança e poder é exercido pela mulher e, especialmente, pelas mães de uma comunidade. A etimologia de matriarca deriva do grego mater ou mãe e archein (arca) ou reinar, governar.

propriedade e de subordinação ao homem. Essa era a condição normal para a grande maioria das mulheres (Paulo, 2007, p.30).

Em suma, a formação da sociedade patriarcal centrada no homem representava o símbolo do desenvolvimento económico. Durante o longo tempo da dominação da sociedade patriarcal, é um facto indesmentível que as mulheres tinham as posições mais baixas, eram controladas pelos homens e sofriam tratamentos desiguais. Assim se formaram preconceitos relativamente às mulheres, o que originou o aparecimento do sexismo. Segundo um linguista britânico: *“língua reflete realmente a história inteira e a cultura de uma nação; isso também reflete os vários jogos e divertimentos, crenças e preconceitos”* (Frank, 1992, p.96). Os provérbios, sendo um concentrado da cultura popular, não podem deixar de refletir o sexismo. Vamos ver alguns exemplos:

Português:

1. Mulher sem marido, barco sem leme.

女人没有丈夫，船没有舵。

2. O que o marido proíbe a mulher o quer.

丈夫禁止的事，就是妻子想做的。

3. A mulher do cego para quem se enfeita?

盲人的妻子为谁梳妆？

4. Mulher que sabe obedecer, em casa reina a valer.

懂得服从的女人，在家里有被征服的价值。

5. Os homens fazem as leis; as mulheres, os costumes.

男人制定了法律；女人养成习惯。

6. A casa é das mulheres e a rua é dos homens.

家是女人的，路是男人的。

Chinês:

1. 人凭田地虎凭山，女人凭里男子汉。

O camponês depende de terra, o tigre depende de floresta e a mulher depende de

homem.

2. 出嫁从夫，夫死从子。

A esposa obedece ao seu marido, a viúva obedece ao seu filho.

3. 妻跟夫走，水随沟流。

Esposa tem de seguir marido, a água tem de seguir o rio.

4. 要知家中妻，先看丈夫衣。

Se quiser conhecer a esposa, dever ver as roupas do marido.

5. 夫贵妻荣，母凭子贵。

Um bom marido faz uma boa esposa, um bom filho faz uma boa mãe.

6. 臣为君死，妻为夫亡。

Súbdito morre pelo seu senhor, esposa morre pelo seu marido.

De acordo os provérbios anteriores, podemos ver que as mulheres são sempre subordinadas dos homens, e as características sobre este fator cultural são: as relações de poder masculinas, casa e subordinação. Pai, marido e filho são as relações determinantes para as mulheres, ou seja, todas elas sob o domínio masculino. Elas são definidas como dependentes dos homens, o que elas fazem é principalmente para os homens e em função delas.

4.2 Religião e ideologia tradicional

Nas diferentes fases de desenvolvimento da história, as religiões e as ideologias tradicionais desempenham papéis importantes na vida humana. Eles funcionam como guias para os seres humanos. Não é, assim, de estranhar que o sexismo também apareça nas religiões e nas ideologias tradicionais. Aliás, devido à sua ampla influência, isso proporciona uma forte evidência no que concerne a discriminação contra as mulheres. Em muitas religiões, as mulheres são deixadas numa posição inferior, estão sempre relacionadas aos males, o que constitui uma evidência inquestionável do sexismo, inculcando os princípios religiosos que as mulheres são uma encarnação do mal. Como uma parte da cultura, esses dois elementos também

exercem uma influência tanto na língua quanto nos provérbios (Bilezikan, 2006, p.131-133). Segundo a “teoria de género⁴⁶”, o sexismo nos provérbios é uma representação da discriminação contra as mulheres apresentada nas religiões e nas ideologias tradicionais. Ou seja, o sexismo retratado nos provérbios é também o produto do controle religioso e das influências da ideologia tradicional. Os dois elementos mantêm uma parte da responsabilidade pela construção cultural da desigualdade de género, bem como pelo preconceito de género.

O controlo religioso e a ideologia tradicional chinesa (trata-se principalmente das filosofias de Confúcio e Mêncio) exercem influência sobre o povo português e chinês, e até o controlam. Por exemplo, há provérbios portugueses que dizem assim: «A mulher virtuosa é coroa de honra para seu marido, mas a de atitudes vergonhosas é como podridão nos ossos dele»; «Quem encontra uma esposa descobre algo excelente: recebeu uma bênção especial do SENHOR»; «Sim, durante essa minha busca, ainda inconclusa, entre mil homens encontrei apenas um que considero justo; todavia, entre as mulheres não achei uma sequer». Estas afirmações revelam-se a subordinação da mulher ao homem (Steffen, 2010, p.46-48). Na cultura tradicional chinesa e portuguesa, religião e ideologia tradicional foram usadas como um pilar da sociedade pelos homens dominantes, portanto, formou-se o conceito de sexismo, incutindo a discriminação contra a mulher. Há provérbios chineses que também dizem assim: «女人头发长，见识短⁴⁷»; «男人心似海深，女人心似根针⁴⁸». A seguir, analisemos

⁴⁶ Teoria de género é um campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar que procura compreender as relações de género - feminino, transgeneridade e masculino - na cultura e sociedade humanas. A área de estudos surge nos EUA como desenvolvimento dos estudos feministas e pós-estruturalistas nos anos 1960, influenciados por Judith Butler e Michel Foucault, e a partir dos anos 1980 passa a agregar questões além do estudo da mulher, como masculinidade e identidade LGBT.

As discussões teóricas sobre género podem ser divididas entre as relacionadas às características sexuais biológicas, supostamente fixas ou geneticamente determinadas na diferença entre homem e mulher, ou culturalmente determinadas, de onde se infere que a identidade de género masculino ou feminino é uma construção cultural, determinada por padrões de uma sociedade. Este segundo eixo está relacionado ao pensamento pioneiro de Simone de Beauvoir, que afirmava, no livro *O segundo sexo*, de 1949, que “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

⁴⁷ «A mulher é um animal de cabelo comprido e entendimento curto».

⁴⁸ «O coração de homem é tão profundo como o mar, mas o coração de mulher é tão fino como a agulha».

detalhadamente estes dois fatores culturais.

4.2.1. Controlo da religião

Sendo um país religioso, Portugal foi muito influenciado pela religião católica durante um longo tempo:

“Reconhecendo que o espaço geográfico de Portugal foi marcado, pelo menos até ao século XV, por uma certa pluralidade religiosa e que a cristianização sistemática começou apenas a partir do fim da Idade Média ou da Contra-Reforma, podíamos afirmar que a suposta “idade dourada” do catolicismo português corresponde, grosso modo, às décadas depois do início da expansão portuguesa até à era pombalina (Almedia, 1974, p.19). A Igreja católica portuguesa controlou a prática religiosa especialmente a partir do Concílio de Trento (1545-1563) e durante o Antigo Regime, sendo detentora de um vasto poder económico, de uma autoridade ideológica e de “um papel importante na moldagem das mentalidades e na orientação dos comportamentos e atitudes” (Neto, 1993, p.265-283). Neste caso, não existe a mínima dúvida de que a Igreja influenciou profundamente, pelo menos durante mais de trezentos anos, as questões éticas ou sociais e as decisões políticas ou económicas da sociedade portuguesa. Durante este período, a Igreja católica conservou as crenças e costumes tradicionais e estabilizou (ou criou) a identidade nacional” (Steffen, 2010, p. 132-140).

Observamos que as crenças religiosas são muito importantes na vida dos portugueses. Nos clássicos da religião ocidental, a Bíblia Sagrada tem uma função canónica mas, inevitavelmente, carrega a marca dos tempos em que foi escrita. Como é sabido, a Bíblia Sagrada foi escrita por cerca de 40 homens durante um período histórico dominado também por homens, ou seja, de patriarcado (França, 1981, p.72). Por consequência, isso reflete os interesses e os modos de pensar dos homens. Assim, na Bíblia, os homens são sempre retratados como poderosos e bem sucedidos e eles são uma encarnação de todos os assuntos espirituais. Ao contrário, é claramente

observado que as mulheres são, frequentemente, discriminadas ou retratadas negativamente. Portanto, a Bíblia Sagrada possui uma grande parte da responsabilidade pela presença do sexismo nas sociedades ocidentais, seja por causa de sua importância na vida pessoal, seja pela também pela força da sua influência (Dix, 2008, p.60-84).

Muitas pessoas não estão conscientes dos males do sexismo nem da sua relação com as crenças religiosas (Phoebe, 1991, p.88-95). De acordo com o mito da criação bíblica, a mulher foi criada de uma costela do homem:

“21. Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne.

22. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a trouxe a ele.

23. Disse então o homem: "Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada”⁴⁹.

Isso levou à visão de que as mulheres são inferiores aos homens, o que é confirmado por páginas do Novo Testamento, como por exemplo:

“11. A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição.

12. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio.

13. Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva.

14. E Adão não foi enganado, mas sim a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora.

15. Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos — se elas permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso”⁵⁰.

⁴⁹ Gênesis. 2:21-23.

⁵⁰ I Timóteo. 2:11-15.

No entanto, Rosemary Radford Ruether (1993, p.66), uma autora feminista, aponta que na outra história da criação bíblica no Gênesis, os homens e as mulheres foram criados com igualdade: *“Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”*⁵¹.

Essas versões diferentes têm consequências negativas no que diz respeito às concepções de gênero baseadas na teologia. Os textos bíblicos e a teologia cristã remetem para um território de homens e foram usados para defender e reforçar a sociedade patriarcal. No entanto, nas últimas décadas, as mulheres esforçaram-se por desafiar o patriarcado e as estruturas da igreja dominadas pelos homens. Essas feministas mostraram que os símbolos do cristianismo estavam carregados de estereótipos androcêntricos e as mulheres eram desvalorizadas e vitimizadas na sociedade ocidental. Segundo o livro de Weaver, uma autora feminista, ela criticou o cristianismo por causa do sexismo, mas, como cristã, considera que a tradição cristã não professa fundamentalmente do sexismo (Weaver, 1985, p.163). Segundo Ruether:

“As imagens teológicas tradicionais de Deus como pai foram a santificação do sexismo e da hierarquia, precisamente, definindo essa relação de Deus como pai para a humanidade em um modelo de dominação-subordinação, permitindo que os machos da classe dominante se identifiquem de tal maneira com essa paternidade divina, com o fim de estabelecer-se no mesmo tipo de relação hierárquica com as mulheres e classes mais baixas” (Ruether, 1975, p.65).

Ruether é de opinião que Jesus derrubou a relação hierárquica com sua insistência no papel de serviço para o líder da comunidade e no tratamento para as mulheres no seu ministério (ibidem, p.66). Porém, Paulo criou uma nova relação hierárquica entre homem e mulher. Ele estabeleceu a relação de Deus ou Cristo com a Igreja como o modelo para as relações entre homem e mulher (Paul, 1988, p.97-102): *“Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da*

⁵¹ Gênesis. 1:27.

*mulher é o homem, e o cabeça de Cristo é Deus*⁵².

Em suma, a Bíblia Sagrada ajudou a construir a discriminação contra as mulheres nas sociedades cristãs e católicas, que se articula com alguns dos provérbios. Como o cristianismo é uma religião tão poderosa nos países ocidentais, não é possível negar a sua contribuição para construir e consolidar a posição de inferior das mulheres.

4.2.2. Ideologia tradicional

O conceito de gênero tem uma presença geral e fundamental nos pensadores chineses. *Yin e yang*⁵³, os dois elementos centrais da cosmogonia chinesa, incluem aspetos relativos a "escuro e leve", "feminino e masculino" e "macio e duro". As mulheres são de "yin" e os homens são de "yang". *Yin* é macio, submisso, recetivo, passivo, reflexivo e tranquilo, enquanto *yang* é duro, ativo, assertivo e dominante. De facto, dia e noite, inverno e verão, nascimento e morte, todos os processos naturais ocorrem através da interação entre *yin* e *yang*. Em termos dos dois elementos, as diferenças conceptuais entre homem e mulher fazem parte da ordem natural do universo e das instituições sociais criadas pelos seres humanos. Na teoria de *yin e yang*, as duas forças são complementares, mas não da maneira estritamente igual. A relação natural entre *yin* e *yang* é o fundamento teórico para o sexismo. Se *yin* toma uma posição superior de modo antinatural, a ordem de ambos, cósmica e social, estará em perigo. Reconhecemos a necessidade de interação entre essas forças diferentes na

⁵² I Coríntios. 11: 3.

⁵³ *Yin Yang* são conceitos do taoísmo que expõem a dualidade de tudo que existe no universo. Descrevem as duas forças fundamentais opostas e complementares, que se encontram em todas as coisas: o *yin* é o princípio feminino, noite, Lua que precisa de fogo para iluminar e aquecer na escuridão fria noturna, a passividade, absorção. O *yang* é o princípio masculino, Sol que precisa de Água (refrescar o calor insuportável), o dia, a luz e a atividade. Segundo esta ideia, cada ser, objeto ou pensamento possui um complemento do qual depende para a sua existência. Esse complemento existe dentro de si. Assim, se deduz que nada existe no estado puro: nem na atividade absoluta, nem na passividade absoluta, mas sim em transformação contínua. Além disso, qualquer ideia pode ser vista como seu oposto quando visualizada a partir de outro ponto de vista. Neste sentido, a categorização seria apenas por conveniência. Estas duas forças, *yin* e *yang*, seriam a fase seguinte do "tao", princípio gerador de todas as coisas, de onde surgem e para onde se destinam.

geração e no avanço do mundo, associando-se as noções a conotações de género enraizadas (Shen, 2017).

A sociedade chinesa tradicional foi constituída por um sistema de valores essencialmente masculinos, desenvolvido ao longo de milhares de anos. Um elemento-chave deste sistema era a rígida hierarquia de autoridade baseada no chamado “*Wu Lun*⁵⁴”, ou “*cinco relações*”. Havia uma relação binária de desigualdade, na qual o elemento masculino era dominante. A família era patriarcal e patrilinear. O sistema patriarcal era dominado pelas gerações mais velhas e a autoridade era investida no chefe masculino da casa. As mulheres eram vistas como os membros temporários das suas famílias natais e não tinham direitos de propriedade ou herança. Esses direitos baseavam-se na preferência do sangue patrilinear e da autoridade patriarcal. Somente os filhos (do sexo masculino) podiam continuar a genealogia e tomar conta dos pais velhos. Na sociedade de clã, quando uma filha se casa, ela tem de deixar a sua aldeia e família e juntar-se à casa do seu marido (Chu, 2010, p.52).

A característica central da estrutura patriarcal na divisão do trabalho por género é um dos princípios de Confúcio: “*os homens estão principalmente fora da casa, e as mulheres estão principalmente dentro da casa*”⁵⁵. Este princípio significa que as mulheres ficam “*dentro*” como “*uma declaração espacial da feminilidade virtuosa*” (Rofel e White, 1994, p.235). Às mulheres não era permitido o acesso aos conhecimentos do mundo exterior. A família de parentesco familiar aglutinou todas as estruturas e relações do sistema: estrutura do clã, direitos e relações parentais, formações de casamento, estrutura de género, posição das crianças e assim por diante. A classe de *funcionário escolar*⁵⁶ dominou a sociedade tradicional da China, ocupando os camponeses, operários e comerciantes da posição muito baixa (Jaschok, 1994, p.80).

⁵⁴ *Wu-lun*. Na China feudal, isso significa as cinco relações básicas, incluindo monarca e os seus súbditos, pai e filho, marido e mulher, e irmãos e amigos.

⁵⁵ «*男主外, 女主内*».

⁵⁶ Eles eram os funcionários públicos nomeados pelo imperador da China para executar os assuntos quotidianos, durante dinastia Han até o fim da dinastia Qing em 1912, a última dinastia imperial da China.

A ideologia confucionista é mais forte e influente nas famílias mais ricas e com educação superior, pertencendo a uma classe superior, podiam colocar a ideologia confucionista em prática. Na família, os jovens mostram obediência aos seus anciãos (particularmente do sexo masculino) e as mulheres mostram submissão aos maridos. Significa isto, por conseguinte, o estabelecimento de uma posição central conferida ao masculino (Davin, 1975, p.457-469).

A ética confucionista aceitou a submissão das mulheres aos homens porque as mulheres eram geralmente consideradas indignas ou incapazes de educação. Fundamentam-se aqui as “*Três Obediências*”, que deveriam governar o comportamento de mulher: *como uma menina solteira, ela deve obedecer ao seu pai e aos irmãos; como uma mulher casada, deve obedecer ao seu marido; como uma viúva ela deve obedecer aos seus filhos*. O sistema familiar, exigindo-lhes cegamente obediência ao homem de qualquer idade, causou numerosas tragédias familiares e pessoais. Wolf concluiu que: “*na cultura tradicional chinesa, o nascimento de filha causa uma decepção aos seus pais; o nascimento de segunda filha traz tristeza e talvez a morte ao bebê; o nascimento de terceira filha é uma tragédia, e a mãe é certamente culpada*” (Wolf, 1985, p.11). Infelizmente, as filhas são desvalorizadas, porque elas nunca foram capazes de provar o seu valor. A criação de filha é vista basicamente como semelhante a “*regar o jardim de outro homem*” (Rai, 1992, p.20) e é um esforço desperdiçado. Quando uma menina é enviada para a outra família, por causa do casamento, a sua família natal tem de gastar muito dinheiro no seu dote⁵⁷.

Além disso, as mulheres não tinham nenhum direito para decidir do seu destino e foram gravemente oprimidas sob a hierarquia social e moral das relações de género na sociedade tradicional da China.

A identidade de mulher chinesa foi definida em termos da sua obediência sem hesitação, de deferência à autoridade do chefe familiar e do apego eterno ao seu marido. Uma poeta clássica do século XVIII revelou o lado sombrio da experiência da mulher: “*se tiver sorte, ela dormirá com o marido toda a vida, de acordo com os*

⁵⁷ Bens que a mulher casada possui mas não pode alienar, salvo em certos casos previstos por lei, e administrados pelo marido com a condição de restituí-los no caso de dissolução do casamento.

papéis adequados do marido e da esposa. se tiver azar, o seu marido morrerá quando for jovem, e ela promete manter a sua castidade para sempre” (Mann, 1994, p.37). Segundo o provérbio chinês, *«se você se casa com um galo, siga-o; se você se casa com um cão, siga-o; se você se casa com um macaco, tem de seguir o macaco, correndo por toda a montanha»*⁵⁸. Portanto, os conceitos tradicionais de gênero relativos às mulheres, que se leem no confucionismo, tais como; *"esposa virtuosa e boa mãe"* e *"exalta os machos e humilha as mulheres"*, eram os princípios fundamentais para limitar o comportamento e as aspirações da mulher e da sua posição relativamente ao homem. Chang descreve um retrato interessante da relação entre uma esposa e um marido: *“Uma mulher virtuosa deve suprimir as suas emoções e não desejar nada, excepto da responsabilidade para o seu marido. É bom adorar o seu marido, isso é ser virtuosa, mas não deve reclamar... Na verdade, uma boa mulher não deve ter nenhum ponto de vista, se ela tem, não deve ser tão descarada que fala sobre isso” (Chang, 1993, p.45).* Ou seja, *“as mulheres foram presas em ambos os reinos por discursos de pureza feminina, enquanto os homens podem explorar ou transcender fronteiras morais / imorais e míticas / miméticas” (Edwards, 1990, p.415).*

O sistema soberano do confucionismo considera que as mulheres devem viver em sujeição social, e as suas relações são definidas em função dos homens (mãe, irmã, esposa) e, portanto, as mulheres são definidas como secundárias dentro dos coletivos da família e da comunidade. Segundo a doutrina confucionista, a liberdade não implica direitos legais, nem as noções psicológicas de auto-expressão e de escolha pessoal. A pessoa é fundamentalmente enquadrada num conjunto maior e, por isso, a ordem social e a harmonia coletiva exigem que os indivíduos cultivem o dever de assumir responsabilidades pelos outros. Enquanto a obediência social é absoluta, a unidade na estrutura hierárquica depende da manutenção do relacionamento de poder dominante e das responsabilidades dos membros superiores da classe dominante. Como Nathan disse: *“na visão confucionista, um homem nasce na sociedade e não*

⁵⁸ «嫁鸡随鸡，嫁狗随狗».

consegue prosperá-lo por si próprio, ou seja, o indivíduo depende da harmonia coletiva e da força do grupo” (Nathan, 1986, p.138).

Para a maioria das pessoas, é difícil aceitar a existência de uma discriminação contra as mulheres, que tem origem logo nos grandes sábios chineses como *Confúcio*⁵⁹ e *Mêncio*⁶⁰. No entanto, elas esquecem o facto de que Confúcio e Mêncio foram seres humanos e viveram em determinados períodos historicamente determinados. Como outros grandes pensadores da história humana, eles têm as suas limitações. Uma atitude séria em relação às doutrinas de Confúcio e Mêncio exige uma reflexão crítica sobre eles. Isso levará não só à busca dos grandes pensamentos na sua filosofia, mas também a uma avaliação crítica da forma como colocam os problemas, do modo com lhes respondem e dos pressupostos que adotam nessas respostas (José, 2013).

⁵⁹ Pouco se sabe acerca de Confúcio (Kung-fu-tzu). O sábio terá nascido em 551 a.C., e morrido em 479 a. C., no antigo principado de Lu, na moderna Xantum, descendente do clã dos Kong. Sabe-se que a família era de origem nobre, mas por circunstâncias desconhecidas sua família era bastante humilde. Nessa época o regime imperial entrava em decadência. Era conhecido como um jovem educado, cortês e justo. Viajou muito e estudou durante vários anos na capital imperial de Zhou, onde teve oportunidade de conhecer Lao Zi, o fundador do Daoismo. Confúcio troca a vida política pelo ensino, tornou-se famoso como professor. Com a idade de 35 anos, viu a sua carreira de professor interrompida por uma prolongada e sangrenta guerra, conduzida pelo Duque Chao do estado de Lu. Terá sido durante esse período que Confúcio foi chamado a exercer funções políticas, por um breve período, como conselheiro político do Duque Chao. Confúcio começou a divulgar seus ensinamentos com a idade de 50 anos. Empreendeu longas viagens. Viajando e conversando, atraiu muitos discípulos, impressionados com a sua sabedoria e a elevação do seu carácter. Suas ideias expandiram-se pelo país e logo por toda a China. A partir da dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.), diversos governantes passaram a inspirar-se nas ideias de Confúcio para a organização da sociedade. O filósofo, porém, não deixou uma obra escrita sua: através dos seus discípulos, as suas meditações foram recolhidas. Durante a dinastia Han foram compilados os chamados clássicos de Confúcio. Entre eles estão vários livros importantes da tradição cultural da China, como o "I-King" ou "I-Ching", "O Livro das Mutações", o "Chu-King", "O Cânone da História", o "Chi-King", "O Livro das Canções" e o "Li-King", "O Livro dos Rituais". O Templo de Confúcio, na cidade de Qufu, atual província de Xantung, tornou-se, através dos séculos, local de veneração. Sua filosofia ainda exerce imensa influência sobre o pensamento e a mentalidade chinesas nos dias de hoje. Confúcio é, ainda, o mais influente filósofo chinês. Os adeptos de Confúcio estão espalhados por Taiwan, Japão, Singapura, Coreia do Sul, Malásia e República Popular da China. Estimam-se em mais de 400 milhões o número dos seus seguidores.

⁶⁰ Mêncio (372 a. C. - 289 a. C.) foi proclamado o “segundo sábio” em honra do seu carácter e conhecimento. Sua filosofia é considerada um confucionismo ortodoxo.

Em suma, o controlo da religião e da ideologia tradicional em Portugal e na China têm grande peso na construção da desigualdade de género e na discriminação das mulheres quer portuguesas, quer chinesas, sendo plausível considerar que os provérbios que estamos a analisar tenham também a influência nestas conceções.

4.3. Convenção

Em geral, o termo convenção refere-se às práticas estabelecidas e amplamente aceites que são típicas de um grupo particular das pessoas. As convenções costumam assumir a forma de costumes não escritos, que são as componentes importantes da cultura compartilhada por toda a comunidade. Por exemplo, é uma convenção em muitas sociedades que os homens apertam as mãos quando se encontram. Reconhecemos que as convenções são sempre aprendidas e aceites pelos indivíduos de forma inconsciente e formam-se inquestionáveis. Assim como Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet afirmam: “*o poder da convenção, ou costume, existe no facto de que aprendemos simplesmente maneiras de ser e maneiras de fazer as coisas sem considerar quaisquer razões por trás delas*” (Penelope e Sally, 2003, p.366).

Por exemplo, dizemos automaticamente "Senhor e Senhora Fernando", mas não "Senhora e Senhor Fernando". Da mesma forma, é convencional, para mencionarmos um casal, dizer "marido e esposa", não "esposa e marido". Apesar de ser uma questão de convenção, a convenção explicitamente estabelece que os homens devem ser mencionados antes das mulheres, com base na superioridade masculina (Lei, 2006, p.90). Assim, é óbvio que as convenções também contêm desigualdade de género. Elas têm, sem dúvida, contribuído para a construção da desigualdade de género e para a expressão do sexismo na língua e, dentro desta, nos provérbios. Por exemplo, «男怕失足, 女怕失身»⁶¹ em chinês, e «*A mulher formosa tira o nome ao seu marido*» em português. Portanto, podemos concluir que muitas convenções também estão cheias da dominação masculina. Em muitas práticas convencionais, os homens estão na posição mais vantajosa. No entanto, para as mulheres, as convenções são apenas

⁶¹ «O homem tem medo de fracassar, a mulher tem medo de perder a castidade».

representações da sua posição secundária, sempre feita a partir do reflexo do homem. Além disso, as convenções também parecem apontar para o facto de que as mulheres são propriedade do homem. Tomando a mulher casada, por exemplo, em algumas sociedades elas são consideradas como propriedade e posse do seu marido, por isso, elas são simplesmente chamadas como “a esposa do homem”, tais como: *Mrs. Jonh* na língua inglesa, *Madame Jean* na língua francesa e *张氏* na língua chinesa. Aqui, *Jonh*, *Jean* e *张* são os apelidos, ou seja, os nomes de família do marido. Portanto, podemos inferir que esta convenção cultural afeta e reforça o princípio da superioridade dos homens sobre as mulheres (Nathan, 1986, p.235-260).

Além disso, na perspectiva cultural é considerado que o desenvolvimento do género tem uma relação com o processo de socialização. Como nós sabemos, a socialização refere-se ao processo de aprender ou adquirir a própria cultura e língua. Um dos propósitos da socialização é levar as pessoas a conhecer e aceitar essas convenções estabelecidas, para se adaptarem à sociedade:

“Geralmente, os sociólogos e outros cientistas sociais atribuem muitas diferenças comportamentais entre os géneros à socialização. A socialização é o processo da transferência de normas, valores, crenças e comportamentos para membros do grupo no futuro. Na socialização de género, os grupos de pessoas são as categorias de género, os homens e as mulheres. Assim, a socialização de género é o processo de educar e instruir potenciais homens e mulheres quanto às normas, comportamentos, valores e crenças da associação de grupo” (Lasisi, 2012, p.143).

Por consequência, através do processo da socialização, as pessoas aceitam inconscientemente as práticas convencionais e internalizam gradualmente essas convenções, as quais exercem influência sobre as suas vidas. Assim acontece com a noção convencional da superioridade dos homens sobre as mulheres. Podemos compreender bem este fator cultural de convenção através dos provérbios chineses e portugueses:

Chinês:

1. 女子上不了战场。

Mulher nunca vai ao campo de batalha.

2. 饿死事小，失节事大。

Morrer-se de fome é mau, perder-se a castidade é péssimo.

3. 养儿防老，养女赔钱。

Crie o filho para prover contra a velhice, crie a filha só para gastar dinheiro.

4. 沙子打不了墙，女儿养不了娘。

Areia não pode perfurar a parede, filha não pode sustentar os pais.

5. 女子无才便是德。

A ignorância é a virtude de mulher.

Português:

1. À mulher, roca, e ao marido, espada.

给女人纺轮，给男人剑。

2. Quando há homens, nunca se confessam mulheres.

男人永远不会认同女人。

3. Segredo em mulher, não pode ser.

女人守不住秘密。

4. A mulher consegue-se com o desdém.

女人天生看不起人。

5. A mulher e a galinha são bichos interesseiros: a galinha pelo milho e a mulher pelo dinheiro.

女人和母鸡都是自私的：母鸡迷恋玉米，女人迷恋钱。

Segundos os provérbios referidos, na cultura tradicional, as mulheres são consideradas piores do que os homens desde o nascimento e elas não têm capacidade de cumprir o que os homens fazem.

Em suma, podemos concluir que as convenções também contribuíram para a

construção da desigualdade de género e para a veiculação do sexismo na língua. Esses costumes estabelecidos apontam para a inferioridade de mulher e para uma posição subordinada, enquanto seres humanos. Como as práticas convencionais foram internalizadas pelas pessoas através do processo de socialização, elas tomam como certo que os homens são superiores e que as mulheres são sua posse. Na China, existe uma forte tendência para tratar as mulheres como inferiores aos homens. Na visão chinesa tradicional, acreditamos que somente os homens podem continuar a árvore genealógica⁶². Antigamente, nas áreas rurais da China, as pessoas não tinham filhos e nomeavam convencionalmente as suas filhas como "来弟"⁶³, "招弟"⁶⁴ e assim por diante, e todas estas expressões significam a preferência por trazer um filho masculino para a família (Jaschok, 1994, p.165-171). Através destas expressões convencionadas, os pais esperam poder ser ajudados a possuir um filho, o que é obviamente uma superstição. Estas convenções duraram por longo tempo e foram impressas na mente das pessoas, o que influenciou seriamente a construção da desigualdade e do preconceito de género, tanto ao nível dos usos da língua como na formação de provérbios. Por exemplo, em vários provérbios, quer portugueses, quer chineses, é enfatizado a menor importância de mulher. Expressões como: «养男不养女, 养女要受苦»⁶⁵ em chinês, e «Ao peixe fresco, gasta-o cedo; e sendo tua filha crescida, dá-lhe marido» em português, espelham representações sobre a mulher, que se foram generalizando e enraizando nas mentalidades e práticas sociais.

4.4. Papel social de género

Quando um bebé nasce, a primeira pergunta que as pessoas vão fazer é: “é um

⁶² Uma *árvore genealógica* é um histórico de certa parte dos antepassados de um indivíduo ou família. Mais especificamente, trata-se de uma representação gráfica genealógica para mostrar as conexões familiares entre indivíduos, trazendo seus nomes e, algumas vezes, datas e lugares de nascimento, casamento, fotos e falecimento.

⁶³ “vir à luz um filho”.

⁶⁴ “atrair um filho”.

⁶⁵ «Cria o filho, não a filha».

menino ou uma menina?” O género desempenha um papel central na formação da nossa identidade. No que diz respeito às crianças, as cores das suas roupas e dos brinquedos são geralmente a primeira forma de as dividir em duas classes: a masculina e a feminina. Quando crescem, os pais, professores, padres e amigos ensinam-lhes as características específicas dos dois géneros: “*os homens nunca choram*”, ou “*as mulheres devem ser simpáticas e macias*” são os exemplos das personalidades atribuídas a cada género.

Este estereótipo de género é formado em um contexto cultural, que estabelece os padrões do masculino e do feminino por meio de processos educacionais no meio social e, dentre estes vários meios sociais, um deles é a família. Em diferentes culturas e períodos históricos, a sociedade atribui características estabelecidas para homens e mulheres, como sendo em um padrão biológico de seres masculinos e femininos. A partir dessas características forma-se um padrão de conduta, que influencia na formação valores, crenças, traços de personalidade, comportamentos e habilidades, na representação do papel a ser desempenhado (Maia, 2001, p.45-48).

Pense-se em certas séries televisivas antigas, a preto e branco. Como sabemos, é do tipo: a esposa estava em casa, fazendo o jantar; as crianças brincavam ou assistiam televisão no salão; o marido voltava para casa do trabalho com a pasta na mão. Ele dava um beijo à esposa e perguntava o que eles iriam jantar, e ela pergunta ao marido como foi o dia. Depois, eles jantam e vão dormir. Os filmes e séries de televisão antigos tinham uma certa maneira de retratar a família, especialmente as imagens de homem e mulher. O homem era o suporte ou pilar que sustenta a família, enquanto a esposa cuidava amorosamente das crianças e cumpria os deveres domésticos. O que era mostrado na televisão retratava o que se passava na vida real de uma forma generalizada: os comportamentos de homens e mulheres que são considerados socialmente apropriados, ou seja, papéis de género, eram (e continuam a ser) reforçados (Goldberg, 1975, p.86-123).

A palavra "*papel*" refere-se principalmente ao comportamento social esperado de um indivíduo. Existem muitos tipos de papéis, tais como professores, trabalhadores, e assim por diante. Também relativamente aos machos ou fêmeas, o papel de género é

definido socioculturalmente. Em outras palavras, o papel de género refere-se ao comportamento social, atribuído de acordo com o sexo biológico das pessoas. Especificamente, refere-se às responsabilidades, aos comportamentos e aos direitos sociais que os homens e as mulheres possuem, sendo estabelecidas de acordo com os seus sexos biológicos, como por exemplo, a divisão de trabalho na esfera social, ou as responsabilidades e os direitos de mãe e de pai dentro uma família (Oakley, 1972, p.215-219). De acordo com Lin Juren, os papéis sociais de género determinam as expectativas do comportamento adequado dos dois géneros, sendo definidos culturalmente (Lin, 2003, p.44). Durante toda uma longa história, os homens e as mulheres foram dotados, pelas tradições sociais, de diferentes papéis sociais de género.

A teoria de género afirma que a construção social e cultural do género começa no momento em que se nasce, e os sujeitos continuarão a reformar o comportamento social ou os papéis de género de acordo com as tradições socioculturais, em que foram educados. Como um ser social, todos acabam por adquirir os símbolos de género, obtendo assim a "*identidade apropriada de género*". Esse ponto teórico coincide com a ideia de género na perspetiva da sociolinguística. Ou seja, a aquisição e o desenvolvimento da identidade de género têm uma correlação com o processo de socialização. Com o objetivo de adquirir a identidade apropriada de género, considera-se, muitas vezes de forma imediata, que o melhor é proceder a uma divisão em diferentes géneros desde a infância (Azeredo, 1993, p.39-50). Assim, os meninos e as meninas são ensinados a aprender coisas diferentes e comportam-se de maneira diferente. Ao longo da história, as normas socioculturais reconhecem os diferentes papéis sociais para os dois géneros. Especificamente, os homens devem participar nos assuntos sociais, enquanto as mulheres tomam a responsabilidade de cuidar das crianças e fazer os trabalhos domésticos. Como as mulheres são consideradas sem capacidade de ganhar dinheiro, elas dependem economicamente do seu marido, tornando-se assim o acessório e a propriedade privada do seu marido. Além disso, a desigualdade económica entre os dois géneros faz com que o domínio masculino se torne mais natural, o que mais uma vez é confirmado pela perspetiva sociolinguística.

A desigualdade de género resulta de uma tendência específica da cultura e da história e também das desigualdades socioeconómicas. Portanto, é bastante evidente que as questões económicas também são responsáveis pela desigualdade de género e pelo sexismo na sociedade, bem como na língua e nos provérbios. Em outras palavras, podemos dizer que a divisão dos papéis de género é uma causa basilar do sexismo. Como os homens e as mulheres são economicamente desiguais, a desigualdade de género e a discriminação contra as mulheres são as consequências inevitáveis.

Nos provérbios, há abundantes preconceitos sobre os papéis de género, incluindo a desigualdade de género e a discriminação contra as mulheres. Por exemplo: «Choro de mulher é água de chuva», «*女儿是朵花总在灶前爬, 男人生的丑总在外面走*»⁶⁶, e assim por diante.

Em suma, ao traçar esses fatores culturais, podemos concluir que o sexismo na língua não é determinado pelos símbolos da língua, mas sim por uma representação da desigualdade e do preconceito de género nas esferas sociais. Como parte essencial da cultura, a língua também incorpora a construção cultural de género. Os fatores culturais influenciam o estatuto de inferioridade das mulheres em relação aos homens, o que, sem dúvida, conduz com evidência a uma discriminação desfavorável das mulheres. A língua, nos seus usos, nunca é neutra, ela é atravessada por valores sociais e culturais das pessoas que a usam na prática. O sexismo, nos usos da língua, é verdadeiramente construído pela desigualdade de género e também pelo preconceito de género nas esferas sociais e culturais. Ao mesmo tempo, o sexismo nos provérbios compartilha a mesma condição. Os fatores culturais contribuem assim, de uma forma decisiva, para a construção do sexismo também presente nos provérbios.

⁶⁶ «*A mulher bonita tem de ficar em casa, mas o homem feio pode sair de casa*».

Capítulo V As mudanças no papel da mulher portuguesa e chinesa

A partir do que vimos no último capítulo, ficou claro que o sexismo nos provérbios, tem uma relação estreita com as tradições culturais. Especificamente, o sexismo nos usos da língua é uma encarnação da discriminação sexual contra as mulheres, a qual é construída por fatores sociais e culturais, tais como convenções, sistema patriarcal, controlo religioso, ideologia tradicional e papel de género. Como um portador essencial da cultura, os provérbios descrevem o retrato vívido da posição subordinada das mulheres durante um período bastante longo da história. No entanto, os provérbios mostram apenas um aspeto da cultura, não um panorama de toda a sociedade. Além disso, é universalmente reconhecido que língua e cultura estão relacionadas, assim como os provérbios e a cultura. Como um componente essencial da língua, os provérbios são uma parte da cultura, e são considerados um portador com representatividade cultural, ou seja, os provérbios são um concentrado de sentido. Durante um longo período, os provérbios representaram principalmente as conceções e ideias tradicionais das pessoas e, também as experiências da sua vida quotidiana, oferecendo orientações comportamentais (Amaral, 1948, p.215-264). Porém, a cultura também exerce uma influência sobre os provérbios, havendo aqui uma relação dialética. Os diferentes contextos culturais podem resultar em expressões únicas ou específicas de provérbios em diversas culturas. Como a cultura exerce uma influência sobre os provérbios, é óbvio que os provérbios vão sofrendo mudanças, no sentido de uns saírem de uso e serem substituídos por outros com mais atualidade, ao longo do desenvolvimento cultural. Isso quer dizer que, com o avanço sociocultural, as mudanças na língua, e também nos provérbios, vão acompanhar as mudanças sociais e culturais (ibidem). Por exemplo, hoje em dia, com o desenvolvimento social e científico, muitas palavras são cunhadas para representar as coisas e conceitos recém-emergidos:

“Dentre expressões que já entraram no vocabulário de muita gente, Rosa cita bistronomie (simples e pequeno como um bistrô), foodiot (junção de “food” =

comida e “idiot” = idiota), locavorism (locavorismo, uma corrente da alimentação que procura consumir alimentos cultivados a poucos quilómetros de sua cidade) e gastropub (originalmente, pubs, cujo foco são as bebidas. Os que começaram a inserir pratos mais elaborados adotaram este termo)” (Flávia, 2016).

Ou seja, como Malinowski destacou, *“os atos linguísticos, como os atos sociais, estão sob o controlo da cultura” (Malinowski, 1939, p.942).*

Nos últimos anos, com o desenvolvimento social, grandes mudanças relativas à mulher ocorreram tanto na China quanto em Portugal, por isso levaram as mulheres a terem algumas oportunidades de igualdade económica, política e social, como os homens. No entanto, não podemos dizer que as mulheres são realmente iguais como os homens nas todas as áreas, ou seja, as mudanças das mulheres não são completas.

5.1. O despertar da mulher portuguesa e chinesa

5.1.1. As mudanças no papel da mulher chinesa

A guerra civil chinesa terminou com a vitória do Partido Comunista Chinês (PCC) contra Kuomintang e, depois, no primeiro dia de outubro de 1949, a República Popular da China foi proclamada em Pequim. O líder do novo governo, Mao Tse-tung⁶⁷, exigiu colocar o final para a subjugação das mulheres chinesas, considerando a subjugação desta como uma parte inaceitável das relações familiares do confucionismo. Assim, ele considerou que as mulheres chinesas, que podem “sustentar metade do céu”, têm de gozar de igualdades em relação aos homens (Parish e Whyte, 1978, p.215). Segundo Parish e Whyte:

“Na verdade, Mao mostrou maior preocupação em melhorar o papel das mulheres do que em relação à reforma geral das relações familiares. Esta ênfase

⁶⁷ Mao Tsé-tung foi um líder político que governou a China de 1949 a 1976. Ele liderou o Partido Comunista Chinês e promoveu mudanças fundamentais no país, algumas das quais levaram a períodos de grandes convulsões sociais.

foi incorporada a uma série de políticas e programas, da Lei de Casamento de 1950 e mais recentemente na igualdade de remuneração igual para o trabalho igual e na promoção das mulheres a cargos de liderança (Parish e Whyte, 1978, p.236)”.

Portanto, o novo governo compromete-se explicitamente a redefinição e melhoria a posição das mulheres na sociedade. Em setembro de 1949, na véspera do nascimento da “nova China”, o Programa Comum da Conferência Consultiva Política do Povo chinês declarou:

“A República Popular da China abolirá o sistema feudal, libertando as mulheres na escravidão. As mulheres devem gozar de igualdade de direitos com os homens na vida política, económica, cultural, educacional e social. A liberdade de casamento para homens e mulheres deve ser aplicada (Ma, 1980, p.12)”.

Em 1 de maio de 1950, o Governo Popular Central legislou “A Lei de Casamento da República Popular da China” que, nos seus princípios, estipula:

“O sistema de casamento feudal baseado em arranjos arbitrários e compulsórios e a supremacia do homem sobre a mulher, desconsiderando os interesses das crianças, é abolido. O novo sistema de casamento democrático, baseado na livre escolha dos parceiros, na monogamia, na igualdade de direitos para ambos os sexos, e na proteção dos legítimos interesses das mulheres e das crianças, é implementado (Chao, 1977, p.71)”.

Configurando-se em oposição aos costumes e práticas más ligadas ao sistema de casamento feudal na antiga China, tais como: a bigamia, o casamento infantil, a interferência com o novo casamento das viúvas e a exigência de dinheiro ou presentes em conexão com o casamento, também estabeleceu a idade mínima para casamento em vinte para homem e dezoito para mulher (desde 1980 até agora, corrigiu a idade

mínima em vinte e dois para homem e vinte para mulher) (Croll, 1983, p.77-85).

Os artigos que tratam o divórcio estabeleceram um sistema em que o divórcio é uma questão simples de registro dos papéis adequados quando ambas as partes concordam em se divorciar e, nos casos em que o marido ou a esposa querem o divórcio, ele só pode ser concedido quando a mediação do governo do povo do distrito e o órgão judicial não conseguem realizar uma reconciliação. A lei revista, no entanto, afirma que “em caso de alienação completa do afeto mútuo, e quando a mediação falhou, um divórcio deve ser concedido” (ibidem, p.97-105).

A resposta imediata à Lei de Casamento de 1950 foi evidente. Por exemplo, em Xangai, quase 91 por cento dos casos de divórcio em 1950 foram iniciados por mulheres. A forte campanha para estimular o divórcio das mulheres descontentes provocou “um total de 409 mil divórcios em 1951” (Snow, 1971, p.293). No entanto, deve notar-se que os costumes antigos morreram mais lentamente do que esperamos. Segundo Teng Ying-Shao, vice-presidente da Federação das Mulheres Democráticas da China: *«em algumas áreas rurais, a resistência aos novos conceitos de igualdade das mulheres no casamento era tão forte que "ainda há muitos casos de mulheres mortas ou suicidas como resultado da ausência de liberdade de divórcio»* (ibidem, p.326).

Em 1951 e 1952, a campanha de propaganda para o casamento e a reforma familiar estavam no auge. Aliás, tendo visto reações violentas, como citado acima, o CCP percebeu gradualmente que a reforma do casamento seria uma tarefa de longo prazo. As novas leis de casamento eram muitas vezes opostas ou subvertidas por maridos com um pensamento tradicional, incluindo quadros dirigentes do CCP. De acordo com um relatório oficial publicado no Diário do Povo em novembro de 1953, o vice-presidente do Regulamento do Movimento do Direito Matrimonial admitiu que “15 por cento da população aceitou o casamento e a reforma familiar, 60 por cento estão relutantes, 20 por cento não foram afetados pelas campanhas de propaganda e o restante 5% não foram contabilizados” (ibidem, p.330-347).

Em comparação com as áreas rurais, as mudanças nos costumes tradicionais são mais rápidas nos contextos urbanos, onde essas novas ideias infiltraram-se mais

rapidamente. De acordo com uma pesquisa de onze cidades grandes e médias, por exemplo, foi mostrado que “cerca de 97,6 por cento dos casamentos de 1954 foram baseados na escolha livre” (David e Vera, 1960, p.38). No entanto, ao mesmo tempo, a venda de mulheres para ganhar dinheiro ainda aconteceu em várias formas nas áreas rurais, onde as tradições tenazes resistiram aos novos conceitos (ibidem).

Com exceção das medidas nas mudanças do casamento, a igualdade das mulheres no direito à educação vai paulatinamente melhorando a sua independência. O PCC foi confrontado com um enorme problema de analfabetismo, particularmente, entre as mulheres rurais. Antes da revolução, nenhum censo sistemático tinha sido realizado na China, por isso, não há dados precisos disponíveis sobre analfabetismo e a estimativa oficial varia de oitenta e cinco por cento a noventa e cinco por cento. É provável que mais de noventa por cento da população rural fosse analfabeta, enquanto na maioria das cidades, o que fosse possivelmente, de setenta por cento (Yi, 1980, p.228-243).

Depois de 1949, as campanhas de alfabetização foram lançadas para combater este problema. Com referência às aulas de alfabetização, Elisabeth Croll observa:

“Uma grande desvantagem para a entrada das mulheres na produção social foi o analfabetismo e a falta de habilidades técnicas. As aulas de alfabetização foram muitas vezes o primeiro passo na vida pública e as mulheres foram encorajadas a aproveitar as oportunidades apresentadas pela noite e pelo tempo livre. Segundo os números publicados em 1951, 56 milhões de camponeses de ambos os sexos que frequentam escolas de noite e de tempo livre, cerca de metade são mulheres” (Croll, 1978, p.249).

Com o correr do tempo, a China mostrou resultados muito impressionantes de alfabetização, mesmo nas áreas rurais. Por exemplo, em 1970, a alfabetização entre adultos rurais em Cantão (uma província da China) atingiu 72%. Desta figura, 83 por cento dos homens e 61 por cento das mulheres mostraram ser alfabetizados (Parish e Whyte, 1978, p.172).

Quanto à proporção de mulheres nas escolas, ela aumentou de 25% em 1949 para 30% em 1958 no nível primário, de 20 para 31% no nível técnico do ensino médio e de 18% para 23% nas instituições de ensino superior. Estes números não mostram aumentos drásticos, mas há aumentos sensíveis das estudantes do sexo feminino nas escolas no final da primeira década da República Popular da China (Liu, 1980, p.50-54).

A educação, particularmente, ao nível da universidade, foi drasticamente reduzida durante a Revolução Cultural (1966-1969), o que colocou um fim temporário na educação organizada. Com referência à situação educacional durante a Revolução Cultural, os estudos de Edgar Snow concluiu que:

“Todas as universidades e escolas secundárias foram fechadas, para enviar milhões de adolescentes para campo, e os rebeldes, que insistem em “monopolização de poder dentro do Partido e a estrada capitalista”, foram reprimidos. Um grande tema de propaganda do Grande Revolução Cultural Proletária foi a reforma educacional. “As coisas antigas, pensamentos antigos, cultura antiga, ideias antigas” e todas as influências burguesas deveriam ser substituídas por ensinamentos de conteúdo, métodos e ideais de proletários puros (Edgar, 1968, p.247)”.

As universidades foram os primeiros alvos de reforma quando a Revolução Cultural começou em 1966. Até 1970 as instituições de ensino superior começaram gradualmente a retomar a instrução. Até aí, os resultados, embora não visarem especialmente as mulheres, reduziram as oportunidades consideráveis da educação para todos os jovens chineses (ibidem, p.285).

Em suma, por um lado, em comparação com a sociedade feudal chinesa, a situação social das mulheres tem sido alterada em muito sob o regime comunista. Os fenómenos como casamento infantil, ou bebé afogada de sexo feminino, agora praticamente não existem (ibidem, p.290-294). A igualdade entre homens e mulheres é garantida por lei. As mulheres estão desempenhada um papel maior na política, na

produção industrial e agrícola, na cultura e na educação, e têm uma maior participação nos assuntos familiares. Para as mulheres de mais idade que foram educadas nas sociedades antigas e novas, as mudanças experimentadas em suas próprias vidas são poucas (Luo e Hao, 2007, p.281-298).

Por outro lado, aliás, na China atual também é reconhecido que as mulheres ainda não atingiram todas as potencialidades. As mulheres chinesas ainda estão confrontadas com problemas tão reais como: o problema da igualdade de remuneração das mulheres nas áreas rurais; a representação insuficiente das mulheres nas posições políticas e de liderança; a persistência dos costumes tradicionais no casamento e a divisão do trabalho doméstico dentro de casa. Hoje, pode-se notar que, apesar das mudanças de longo alcance no papel da mulher, muitas atitudes tradicionais ainda persistem, especialmente na China rural (ibidem).

Não há também como esconder o facto de que ainda existem mulheres e homens que resistem à igualdade entre os dois sexos, seja pela cultura tradicional ou seja pelo egocentrismo. Com objetivo de minimizar essas desigualdades, é importante reconhecer que a libertação das mulheres faz parte da revolução contínua na China, que procura dar mais atenção nas realizações delas nas várias esferas de vida.

5.1.2. As mudanças no papel da mulher portuguesa

Ao longo dos últimos 40 anos, o papel que as mulheres desempenham na sociedade e na economia de Portugal foi sofrendo uma grande mudança. De um modo geral, as mulheres portuguesas do século XXI passaram a viver as suas vidas de forma mais independente dos homens do que no passado.

As mulheres na sociedade portuguesa podem ser divididas em dois grupos: as que vivem em contextos urbanos e as que provêm de contexto rural. As mulheres portuguesas alcançaram as posições de poder nos campos da política, do direito e da engenharia, e essas mulheres geralmente vêm de áreas urbanas. No entanto, muitas mulheres ainda se consideram socialmente subordinadas aos homens. Com objetivo de promover a igualdade de género, uma comissão sobre “*a posição social da mulher*” foi fundada em 1977 para defender os direitos das mulheres.

Há uma expressão popular em Portugal que diz: “*A mulher em casa, o homem na praça.*” Também até 1969 o marido poderia recusar a permissão caso a sua esposa quisesse obter o seu próprio passaporte. A família e a sociedade eram tradicionalmente dominadas pelos homens e por isso eram precisos movimentos de emancipação da mulher (Jay, 2005, p.69-70).

Durante séculos, as mulheres portuguesas eram obrigadas pelas leis e pelos costumes a serem subordinadas aos homens. As mulheres tinham poucos direitos de natureza jurídica ou financeira e eram forçadas a confiar na benevolência dos seus parentes masculinos (principalmente, pai e marido). No final do século XIX e início do século XX, algumas pessoas educadas viram a necessidade da igualdade e emancipação das mulheres. Com as sufragistas portuguesas formou-se um pequeno movimento e algumas jovens começaram a ter acesso à educação superior. Logo, após a proclamação da Primeira República, no outono de 1910, as leis foram promulgadas para estabelecerem a igualdade jurídica no casamento, exigindo os casamentos civis, liberando as mulheres da obrigação que tinham de permanecerem com seus maridos para toda a vida, permitindo o divórcio. No entanto, as mulheres ainda não tinham permissão para possuir bens ou votar (Monteiro, 2009, p.11-13).

Antes do 25 de abril as mulheres eram alvo de inúmeras restrições sociais, desde o direito de voto ao impedimento de divórcio. A Revolução de 1974 trouxe reformas destinadas a melhorar a posição das mulheres portuguesas. A Constituição de 1976 conferiu-lhes o direito completo de votar. Em 1979, Maria de Lourdes Pintasilgo⁶⁸ foi nomeada primeira ministra de Portugal, tendo sido ela a primeira mulher a ocupar tal cargo. Em 1984, o aborto foi tornado legal em situações excepcionais, como a violação ou malformação fetal grave. Cada vez mais mulheres portuguesas tiveram acesso à educação superior. No entanto, apesar destas mudanças, apenas 8,3% das mulheres casadas trabalhavam a tempo integral em 1993, contra o número de 80% nos

⁶⁸ *Maria de Lourdes Ruivo da Silva de Matos Pintasilgo* (Abrantes, São João, 18 de Janeiro de 1930 - Lisboa, 10 de Julho de 2004) foi uma engenheira química, dirigente eclesial e política. Foi a única mulher que desempenhou o cargo de primeiro-ministro em Portugal, tendo chefiado o V Governo Constitucional, em funções de Julho de 1979 a Janeiro de 1980. Maria de Lourdes Pintasilgo foi a terceira mulher a desempenhar o cargo de primeiro-ministro na Europa.

Países Baixos. Apesar da lei proclamar igualdade de direitos, eram os homens que ainda tinha os melhores ordenados e eram prioritários no mundo do trabalho, ainda que isso também tendesse a mudar gradualmente (Jay, 2005, p.69).

Quanto à educação da mulher portuguesa, ao contrário das gerações anteriores, as quais assumiram principalmente as funções domésticas dentro da família, hoje em dia, mais mulheres portuguesas estão a seguir uma educação superior ou universitária e a juntar-se à força de trabalho que antes tinha sido dominada pelos homens. Enquanto na maioria dos outros países europeus os homens tinham os níveis de educação mais elevados do que as mulheres, esta tendência foi invertida em Portugal. Em 2010, as mulheres superaram os homens em taxas de graduação no ensino secundário, médio ou superior (Miguel, 2010), e a maior parte delas são estudantes universitárias (Dina e Santos, 2010, p.17). Em termos de nível universitário, a percentagem das mulheres que completaram o ensino superior, aumentou de apenas 3% em 1988 para 17% em 2008 (Carvalho, 2010). Além disso, a partir de 2008, 60,4% dos estudantes matriculados nas universidades eram do sexo feminino. Pela primeira vez na história portuguesa, estes aumentos foram tão grandes que as mulheres obtiveram mais diplomas universitários do que os homens. Além disso, o número das mulheres em áreas tradicionalmente dominadas pelos homens, com formação também, é mais alto do que antes. As mulheres representaram 64,7% dos graduados em ciências sociais, estudos de negócios e direitos e 56,5% dos graduados em ciências, matemática e informática em 2010 (ibidem, p.17-20). Mesmo nas especialidades consideradas para os homens (por exemplo, engenharia), as mulheres portuguesas ainda representaram 28,1% dos graduados. Em média, elas tinham mais formação do que os homens e estavam a ganhar uma posição forte nas especialidades tradicionalmente masculinas (ibidem).

Segundo Coelho (Coelho, 2006, p.243), a inserção da mulher no mercado de trabalho e sua luta por direitos iguais aos dos homens é fruto das mudanças ocorridas principalmente na família. Embora a mulher ainda sofra de alguns preconceitos, não podemos negar as mudanças surpreendentes no campo do trabalho. Entre 1988 e 2008, a percentagem de empregadas femininas no mercado de trabalho português aumentou

de 34,6 por cento para 44,2 por cento (Carvalho, 2010). Em comparação com outros países europeus, as mulheres portuguesas estão melhor cobertas do que as outras no que diz respeito à taxa de emprego. Algumas delas com um nível de educação baixo tinham um índice de emprego de 57,6% (Tavora, 2012, p.93-118). Isto é bastante elevado em comparação com Espanha (41,3 por cento), Itália (33,8% por cento) e a média europeia (39,1%). Do mesmo modo, a taxa geral de emprego feminino em Portugal situa-se em 61,9 por cento, o que é também mais alto do que Espanha (54,7 por cento), Itália (47,9 por cento) e a média da Europa (58,9 por cento) (ibidem). Além disso, as mulheres portuguesas representam mais de 40% de todos os investigadores nos domínios da ciência e da tecnologia, o que excede Espanha, Itália, Noruega, Irlanda e Finlândia em 2011 (Agência De Inovação, 2011). Devido ao nível de educação crescente, o número das mulheres com diplomas universitários já superou o dos homens, por isso, há cada vez mais mulheres a fazerem parte do mercado de trabalho e a procurar as posições adequadas. A partir de 2008, há 16,7% das mulheres no campo do trabalho com diploma universitário, em comparação com 11,8 % dos homens. Isso representa um aumento significativo em relação a 1988, quando apenas 2,5% das trabalhadoras tinham diploma universitário, contra 3,7% dos homens (Carvalho, 2010).

Embora as mulheres portuguesas tenham feito os grandes progressos na obtenção de mais educação e envolvimento na força de trabalho, é claro que ainda existe desigualdade de género. Com o objetivo de resolver essa desigualdade, algumas ideias foram estabelecidos no século anterior. Como em outros países, o movimento feminista surgiu em Portugal no início do século XX. As organizações como o Grupo de Estudos Feministas Portugueses, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas estimularam o movimento feminista à medida que ganharam reconhecimento (Nougeira, 2009, p.70-88).

Todos esses avanços contrastam com o regime de António de Oliveira Salazar em 1926 (Cova, 2001, p.129). O "*Estado Novo*"⁶⁹ de Salazar era uma ditadura que

⁶⁹ O *Estado Novo* designa-se como sendo um regime político autoritário corporativista que vigorou em Portugal durante 41 anos sem qualquer tipo de interrupção. Foi criado em 1933 através da aprovação da

limitava os direitos das mulheres. Ao contrário de outros presidentes de ditaduras, Salazar foi menos impetuoso em sua denúncia do movimento feminista florescente, tendo mesmo sido chamado de “antifeminista elegante” por António Ferro⁷⁰, o diretor do Secretariado Nacional de Propaganda (Chokova, 2013, p.94). Em vez de proibir totalmente os movimentos de direitos das mulheres existentes, Salazar criou uma atmosfera hostil aos direitos sociais e civis das mulheres, o que justificaria moderadamente as suas decisões sexistas. Por exemplo, numa entrevista com Ferro em 1932, ele afirmou:

“«...a mulher casada, como o homem casado, é uma coluna da família, base indispensável de uma obra de reconstrução moral» e «a sua função de mãe, de educadora dos seus filhos, não é inferior à do homem». Segundo ele, devia-se deixar «o homem a lutar com a vida no exterior, na rua... E a mulher a defendê-la, no interior da casa». Para Salazar, os homens e as mulheres não eram encarados como indivíduos mas como membros da família, o núcleo primário «natural» e «orgânico» do Estado Novo corporativo. As mulheres, que constituíam o «esteio» dessa família tradicional defendida pela ideologia salazarista, tinham sido atiradas pelo regime liberal para o mercado de trabalho onde entravam em concorrência

nova constituição e perdurou até 1974 onde foi derrubado pela Revolução do 25 de Abril. Este regime era designado de Estado Novo, essencialmente por razões ideológicas e propagandísticas, tendo como objectivo entrar numa nova era, lançada pela Revolução Nacional de 28 de Maio de 1926, marcada por uma concepção antiparlamentarista, antiliberalista, anticomunista e colonialista do Estado. Assim, caracteriza-se como sendo um regime autoritário, conservador, nacionalista e corporativista. Diz-se também que ao Estado Novo são atribuídos aspetos da doutrina e prática do fascismo italiano, adoptando o modelo de partido único e o corporativismo do estado. A sua inspiração fascista era essencialmente católica e tradicionalista. Podemos dizer então, que o Estado Novo encerrou o período do liberalismo em Portugal. Apesar das diversas características fascistas também presentes no governo de Salazar, como a existência de um único chefe, um único partido, uma polícia política, censura, campos de concentração, a proibição dos sindicatos, a milícia armada, e o culto ao chefe, António de Oliveira Salazar sempre se destacou como sendo uma personalidade bastante conservadora. Desta forma, o estado novo, entre todos os outros regimes políticos, foi o que mais se destacou, devido ao seu carácter verdadeiramente conservador e tradicionalista. Assim, este regime assentava em valores como: Deus, Pátria, Família, a Autoridade, Paz Social, Hierarquia, Moralidade e Austeridade.

⁷⁰ António Joaquim Tavares Ferro (Lisboa, 17 de Agosto de 1895 - 11 de Novembro de 1956), conhecido por António Ferro, foi um escritor, jornalista e político português.

com os homens e por isso, com o novo regime, deveriam regressar ao «lar». Para defender esse regresso à família e à separação de esferas de atuação entre homens e mulheres, Salazar aparentemente valorizou o papel de mãe e de esposa” (Ferro, 2013, p.57).

Durante esta entrevista, as ideias antifeministas de Salazar parecem menos extremas, afirmando que o papel das mulheres na sociedade era igualmente importante ao dos homens, no entanto, elas não deveriam interferir com os trabalhos tradicionais masculinos. Salazar optou por uma abordagem mais suave em que o seu governo glorificava a dimensão doméstica das mulheres. Durante o seu domínio, ele enfatizou a importância da "*construção da família*" para a sociedade portuguesa. Ele afirmou que as famílias bem unidas e estruturadas eram uma chave para o sucesso, e isso também apontava para o papel importante da mulher nas famílias. Na verdade, o que ele viu como progresso eram passos na direção oposta aos movimentos feministas. Veja-se, por exemplo, a introdução de Salazar à Constituição de 1931 (Chokova, 2013, p.57). A Constituição declarava que todos os cidadãos portugueses eram iguais perante a lei, mas havia exceções baseadas no género. Assim, descreviam-se como importantes “*as diferenças resultantes da natureza feminina e do interesse da família*” (*ibidem*, p.30).

“Quanto ao direito ao voto, a Ditadura estabeleceu, em 1931 que «as mulheres, chefes de família viúvas, divorciadas ou separadas judicialmente e as mulheres casadas cujo marido está ausente nas colónias ou no estrangeiro» podiam pertencer às juntas de freguesia e, em 1933, o direito de voto das mulheres foi estendido às eleições para as câmaras. Note-se que a capacidade eleitoral das mulheres, tal como a dos homens era determinada em função da chefia da família. Em 1934, novo diploma possibilitou o sufrágio e a elegibilidade para a Assembleia Nacional e para a Câmara Corporativa, às mulheres com mais de vinte e um anos, solteiras com rendimento próprio, assim como às casadas e às chefes de família com diploma do ensino secundário ou que pagassem determinada contribuição

predial” (Irene, 2008).

Salazar também abraçou os ideais da Igreja Católica daquela época, incluindo as suas opiniões radicalmente conservadoras sobre o papel das mulheres, enfatizando que as mulheres devem ficar em casa para criar as crianças e executar o trabalho doméstico (Chokova, 2013, p.31-32). Essas ideias desempenharam um papel importante na publicação da “Economia Doméstica” de Salazar, em 1945. Neste documento, ele procurava convencer as mulheres de que eram valiosas para o Estado português, tal como os homens. Ele traçou os paralelos entre administração doméstica e governação do Estado. A sua declaração glorificou as mulheres, mas apenas por seus papéis domésticos, e enfatizou as diferenças entre os dois géneros: masculino e feminino. Ao invés de pregar a ideia de igualdade, essas declarações separaram os géneros e, mais ainda, declararam que os homens e as mulheres têm papéis diferentes na sociedade (ibidem, p.33-36).

Algumas políticas de Salazar levaram às desigualdades entre os dois géneros na sociedade portuguesa ainda hoje. Devido à opressão que enfrentaram durante quase todo o século XX, as mulheres continuam a confrontar-se com a discriminação no campo do trabalho. Essa discriminação é outro fator importante, que contribui para a desigualdade salarial. O que é particularmente perigoso, entretanto, é que muitas pessoas portuguesas não reconhecem facilmente essa discriminação. Isso é problemático porque os indivíduos devem ser capazes de identificar corretamente os atos da discriminação, evocar a mudança e promover a igualdade de género, como a seguir se mostra:

“Por exemplo, segundo um inquérito aleatório realizado em 2002 como uma parte do Programa Internacional da Pesquisa Social, 93,3% dos portugueses concordaram com a afirmação de que "tanto o homem como a mulher devem contribuir para o rendimento familiar". Do mesmo modo, 86,2% concordaram que "os homens deveriam dar mais assistência à criança do que agora" e 85,3% concordaram que "os homens devem fazer uma maior parte do trabalho doméstico

do que fazem até agora". Finalmente, 75,4% concordaram que "ter um emprego é a melhor maneira de ser uma mulher independente (Santos, 2013, p.221)".

Muitos estereótipos de gênero foram fomentados pela ditadura de Salazar e continuam a divergir dos ideais estabelecidos quanto ao esforço global para a igualdade de gênero. Embora Portugal esteja a avançar para a igualdade dos dois gêneros, como pode ser atestado por várias evidências, o conceito de Salazar da "Economia Doméstica" ainda está profundamente enraizado na cultura portuguesa. Hoje em dia, a maior parte dos portugueses está a começar a aceitar as mudanças do papel das mulheres, porém, algumas pessoas ainda consideram que o papel doméstico é a posição ideal e social para mulher (Chovoka, 2013, p.167-170). Portanto, essas opiniões levam a dificuldades, como: as mulheres não são consideradas sérias no campo do trabalho ou são impedidas as suas promoções na carreira profissional.

Em suma, em comparação com as mudanças chinesas, as portuguesas começaram mais tarde, mas têm melhores efeitos do que as chinesas, embora ainda tenham algumas imperfeições, pois não é fácil eliminar os estereótipos profundamente radicados. Uma revolução para libertar as mulheres da opressão e lutar por direitos iguais, isso é algo de longo curso para a China e Portugal.

Os provérbios que diretamente desprezavam as mulheres desaparecem gradualmente. Diante do novo mundo, as pessoas vão acumulando as novas experiências da vida quotidiana, o que resultará a formação dos novos provérbios que refletem o melhor papel da mulher na sociedade. Além disso, as mulheres possuem atualmente cada vez mais direitos em igualdade com os homens e tornam-se quase iguais em muitos aspetos sociais (Hall, 1997, p.235-240). À medida que se vai verificando o desenvolvimento social e a melhoria do papel social da mulher, as pessoas tendem a tomar a linguagem sexista como um tabu ou como reveladora de preconceitos inaceitáveis. Portanto, esses fatores influenciam a formação dos novos provérbios. De acordo com a teoria de gênero, o sexismo nos provérbios incorpora a discriminação contra as mulheres, o que se liga a fatores sociais e culturais. Com o progresso social e a melhoria das posições sociais, novas imagens das mulheres são

criadas e refletidas nos usos da linguagem, bem como nos provérbios. Ao mesmo tempo, os usos da linguagem mudarão de acordo com as mudanças sociais (McRobbie, 2009, p.147-160).

No entanto, há ainda um longo caminho para realizar a igualdade real entre os homens e as mulheres e também para eliminar completamente o sexismo presente em vários usos da linguagem, bem como nos provérbios. Então, apesar das dificuldades, é sábio para as mulheres melhorar a sua condição e tornarem-se mais independentes. Elas devem aprender a abraçar a vida, defender as suas características e contribuir para a sociedade. Quanto à sociedade, também devem ser feitos muitos esforços para melhorar a situação da mulher. Por exemplo, a sociedade deve oferecer mais oportunidades e confiar mais no sentido das mulheres participarem nas atividades sociais, fazendo com que elas fiquem num patamar de igualdade com os homens devido às suas grandes contribuições para as realizações sociais. A importância nas esferas sociais é sempre a medição dos valores de uma pessoa. Assim, assegurar as posições sociais das mulheres e a sua participação nos assuntos sociais, políticos e económicos é muito necessário. Quando as mulheres desempenham papéis mais importantes na sociedade, elas ganham mais direitos e paridade perante os homens e também fazem surgir uma nova imagem. Somente desta maneira, os novos provérbios aparecerão para elogiar verdadeiramente as mulheres e, ao mesmo tempo, apresentar uma atitude de respeito e de admirações por delas.

No entanto, devido aos esforços e contribuições das líderes femininas de todas as áreas, creio que as mulheres do todo mundo irão alcançar a igualdade verdadeira e completa.

Considerações finais

Ao longo dos tempos, o sexismo tem sido um problema e reflete-se nas práticas sociais. Trata-se de um problema complexo e sério, pois afeta direta e globalmente a vida das mulheres. As atitudes do sexismo estão diretamente ligadas à determinação do papel e da posição da mulher. Quando observamos a história humana, a transição da sociedade matriarcal para a patriarcal e, depois para a sociedade atual, verificam-se grandes mudanças no papel da mulher.

Através da análise feita anteriormente, podemos dizer que ainda existe sexismo em si mesmo na sociedade, com origem de fatores culturais e sociais que o configuram e o se infiltram gradualmente nos usos da língua e nos provérbios. De acordo com a teoria de género, não devemos tomar o sexismo como um fenómeno isolado. Em outras palavras, a consciência do sexismo nos usos da língua não deve ser separada dos contextos sociais e culturais.

No entanto, a sua função como o meio principal de comunicação permite-lhe representar e encarnar o sexismo na mentalidade humana e nas instituições sociais, normalizando determinados usos. Ou seja, o sexismo não se liga ao funcionamento da língua enquanto sistema de signos, mas aos usos que desse sistema é feito quando as pessoas expressam as suas opiniões, pensamentos ou sentimentos; aí, elas frequente e involuntariamente, utilizam representações sexistas correntes na língua quotidiana.

De acordo com as visões do patriarcado, o sexismo é a discriminação dos homens contra as mulheres, acreditando-se que as mulheres são inferiores aos homens e incompetentes na inteligência. Por exemplo, o sexismo nos provérbios portugueses apresenta uma dependência das mulheres em relação aos homens, enquanto o sexismo nos provérbios chineses revela a posição inferior das mulheres, ou seja, tanto os provérbios portugueses quanto os chineses são mais prováveis aos homens.

Como o sexismo está enraizado na mentalidade das pessoas e das instituições sociais, é necessário eliminar gradualmente as conceções preconceituosas das ideologias tradicionais e desenvolver o sentimento de igualdade entre os homens e as mulheres na sociedade. Somente quando as mulheres tiverem um papel igual ao dos

homens e direitos dignos é que a discriminação terminará. Ao mesmo tempo, como veículo de um fenómeno social e cultural, a língua muda à medida do desenvolvimento social e cultural. Assim, com a melhoria do papel social da mulher, o sexismo nos usos da língua diminuirá ou até poderá desaparecer. Em relação aos provérbios, os que são sexistas ficarão fora de uso ou desaparecerão gradualmente. Por outro lado, aparecerão cada vez mais novos provérbios usados para mostrar a admiração e o respeito para com as mulheres devido ao seu papel cada vez mais importante na sociedade.

No entanto, a presente tese ainda tem algumas limitações. Em primeiro lugar, é muito difícil para a autora⁷¹ encontrar todos os provérbios portugueses e chineses que contêm discriminação contra as mulheres. A falta de parte dos provérbios sexistas reduz os materiais que podem ser usados para fazer uma análise mais detalhada. Além disso, também é muito difícil entender alguns provérbios portugueses, apesar da ajuda de professores, amigos portugueses e livros. O facto é que, em alguns casos, não conseguimos entender completamente o significado dos provérbios, pelo que, por vezes, por causa dos fatores culturais e das expressões populares, optámos por uma tradução literal, o que nem sempre resulta bem em alguns provérbios. Quanto a alguns provérbios chineses mais complicados, optámos por paráfrases, ou seja, uma maneira adicional de expressar-se, a fim de melhorar e facilitar a compreensão. Além disso, devido à nossa limitação de conhecimentos e de tempo, a análise e a investigação não puderam ser mais abrangentes e as conclusões cingem-se à investigação realizada no exclusivo âmbito do presente trabalho. No que diz respeito às análises específicas que desenvolvemos, procuramos que as nossas interpretações fossem o melhor fundadas possível, mas sabemos que pode haver outro tipo de leituras e interpretações.

Em síntese, este trabalho procurou investigar o sexismo nos provérbios portugueses e chineses a partir de uma perspetiva cultural. Através da investigação, concluímos que os fatores culturais contribuíram para a construção da desigualdade de género e também para a infiltração da discriminação contra às mulheres nos correspondentes usos da língua, nomeadamente nos provérbios. Por um lado, os provérbios, quer em

⁷¹ Trata-se da própria autora. O mesmo vale para as referências a seguir.

chinês, quer em português, refletem-se diretamente o facto, de que as mulheres são submissas aos homens e ficam no papel baixo na sociedade. Por outro lado, segundo os contextos culturais diferentes, as maneiras apresentadas são diversas. Por exemplo, há uma metáfora de mulher: os portugueses sempre tomam as mulheres como galinha, e os chineses tomam-nas como patos. Por outro exemplo, alguns os provérbios portugueses são baseados na conceção religiosa, e alguns os chineses são baseados na conceção de Confúcio. Portanto, isso também certificar-se de que os provérbios são o concentrado da cultura e da sabedoria de povo de geração em geração.

Através dos nossos esforços, esperamos sinceramente que esta tese possa oferecer referências e informações na esfera da investigação do sexismo e, ao mesmo tempo, chamar mais a atenção para o papel social das mulheres ainda objeto de discriminação e melhorar a sua situação e vida.

Bibliografia

- ABRAHAMSON, Naomi. (1996). *Negotiating Power, Identity, Family and Community; Women's Community participation*. Chicago, The University of Chicago.
- ALMEIDA, C. A. F. (1974). *Paganismo: sua sobrevivência no Ocidente peninsular*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura. p. 17-37
- ÁLVAREZ, Ana de Miguel. (2002). *O feminismo de ontem e de hoje*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura.
- ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. (1981). *O que é feminismo*. São Paulo, Brasiliense.
- AMARAL, Amadeu. (1948). *Tradições populares*. Porto, Instituto Progresso Editorial. p.15; p.215-264
- AMARAL, Vasco Botelho. (1950). *Maravilhas da Língua Portuguesa*. Porto, Livraria Simões Lopes.
- ANDORS, P. (1983). *The unfinished liberation of Chinese women 1949-1980*. Bloomington, Indiana University Press.
- ANTHONY, Giddens. (1989). *Sociologia*. Cambridge, Polity.
- AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. (2010). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto, Positivo.
- AZEREDO, R. H. S. (1993). *Identidade sexual*. In: RIBEIRO, M. (Org.). *Educação sexual: novas ideias, novas conquistas*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos. p.39-50
- BARRIE, Thome e NANCY, Henley. (1975). *Language and Sex: Difference and Dominance [M]*. Rowley, Newbury House Publishers. p.157-162
- BASU, Amrita (ed.). (1995). *The Challenge of Local Feminisms: Women's Movements in Global Perspectives*. Boulder, Westview Press.
- BAUMGARDNER, JENNIFER e AMY, Richards. (2000). *Manifesta: Young Women, Feminism, and the Future*. New York, Farrar, Straus and Giroux.
- BHASIN, Kamala. (2000). *Understanding gender*. New Delhi, Kali for women. p.46-52
- BILEZIKIAN, G. (2006). *Beyond Sex Roles: What the Bible says about a Woman's Place in Church and Family*. New York, Baker Academic.
- BOSSON, L. (2008). *Women and development*. In R. E. Gamer (Ed.), *Understanding*

- contemporary China*. Boulder, Lynne Rienner Publishers.
- BRIERE, J. e LANKTREE, C. (1983). *Sex-role related effects of sex bias in language*. New York, The University of Manitoba. p.625-632
- BROWNMILLER, Susan. (2000). *In Our Time: Memoir of a Revolution*. New York, Dial Press. p.109-110
- CAMERON, Deborah. (1998). *The Feminist Critique of Language: A Reader*. London and New York, Psychology Press. p.15-18
- CAMILO, Castelo Branco. (2012). *Um Homem de Brios*. Centaur, Edições Vercial.
- CANÇO, Dina e FERNANDA, Santos. (2010). *Women and Men in Portugal. Commission for Citizenship and Gender Equality (CIG)*. Lisboa.
- CHANDLER, D. (2002). *Semiotics: The Basics*. London, Routledge. p.47-51
- CHANG, J. Wild Swans. (1993). *Three Daughters of China*. Glasgow, Flamingo.
- CHAO, Paul. (1977). *Women Under Communism: Family in Russia and China*. New York, General Hall.
- CHEN, P. (2009). *The gendered reality of migrant workers in globalized China*. In E. Mendes, & S. Srighanthan (Eds.), *Confronting discrimination and inequality in China: Chinese and Canadian perspectives*. Ottawa, University of Ottawa Press. p.171-180
- CHOMSKY, Noam. (1994). *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa, Editorial Caminho.
- CHU, C. Y. (2010). *Cyrus and Ruoh-rong Yu. Understanding Chinese Families*. Oxford, UK, Oxford University Press.
- COBUILD, C. (2010). *Advanced Illustrated Dictionary*. Harper Collins Publishers Ltd. London, Great Britain. p.1559
- CORBETT, G. G. (1991). *Gender*. Cambridge, Cambridge University Press. p.256-257
- COVA, Anne e ANTÓNIO, Costa Pinto. (2002). *Women under Salazar's Dictatorship*. Vol. 1, No. 2. Portuguese Journal of Social Science. p.129
- COWARD, Rosalind. (1983). *Patriarchal precedents: sexuality and social relations*. Londres, Routledge and Kegan Paul.
- CROLL, E. (1978). *Feminism and Socialism in China*. Boston, Routledge & Kegan Paul. p.249
- CROLL, E. (1983). *Chinese women since Mao*. London, Zedd Books. p.77-85

- CUI, Xiliang. (2013). *Os Provérbios chineses: A cultura chinesa e o desenvolvimento da China*. Xangai, Povo.
- DAVID, Vera Mace. (1960). *Marriage: East and West*. New York, Doubleday & Co. p.38; p.67; p.75-80
- DAVIN, D. (1975). *The Women's Movement in the People's Republic of China*. In R. Rohrlich-Leavitt (ed.), *A Survey in Women Cross-culturally*. Hague, Mouton Publishers. p.457-469
- DENYS, Cucho. (1999). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Brasil, Universidade de Sagrado Coração. p.33-48
- DIX, S. (2008). *Roman catholicism and religious pluralities in Portuguese (Iberian) history*. Porto, Journal of Religion in Europe. p.60-84
- EDWARDS, L. (1990). *Women in Honglou Ming: Prescriptions of Purity in the Femininity of Qing Dynasty China*. Beijing, Modern China.
- ENGELS, F. (2002). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo, Centauro. p.77-81
- FERRO, António. (1932). *Salazar: O homem e a sua obra*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- FILHO, Eduardo Vargas de Macedo Soares. (2016). *Como pensam os humanos - Frases Célebres*. Brasil, LEUD.
- FIORIN, J. L. (1997). *Linguagem e ideologia*. São Paulo, Ática. p.67-94
- FLANDRIN, J. (1992). *Família: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa, Estampa. p.60; p.211-216
- FRANÇA, L. (1981). *Comportamento Religioso da População Portuguesa*. Lisboa, Moraes Editores.
- FREEDMAN, Estelle. (2003). *No Turning Back: The History of Feminism and the Future of Women*. New York, Ballantine Books. p.71-76; p.95-112
- GARDINER, J. e GLENN, E. N. (2001). *Second wave. Feminist Studies. Vol. 27*, LERNER, G. *Rethinking the second wave*. New York, The Nation. p.213; p.248-263
- GOLDBERG, M. A. A. e Baptista, M. T. D. S. e Arruda, N. C. E. S. (1975). *Mulher no trabalho, na política e na família*. São Paulo, Cadernos de Pesquisa. p.86-123
- HALL, C. (1997). *Daughters of the dragon: Women's lives in contemporary China*.

- London, Scarlet Press. p.235-240
- HE, Jin. (2000). *História da China*. Pequim, Povo. p.267-278
- HE, Ziran. (2006). *Estudos da língua conhecida e Comunicação das palavras*. Xangai, Educação da língua estrangeira de Shanghai.
- HERSHATTER, G. (2007). *Women in China's long twentieth century*. Berkeley, Global, Area, and International Archive.
- HU, Zhuangling. (2002). *Curso de Linguística*. Pequim, Peking University Press. p.120-125
- IMELDA, Whelehan. (1995). *Modern Feminist Thought*. Edinburgh, Edinburgh Univ. Press.
- JAGGER, M. A. e ROSENBERG S. P. (ed). (1984). *Feminist Frameworks*. New York, MC Grew-Hill.
- JASCHOK, Maria. (1994). *Women and Chinese Patriarchy: Submission, Servitude and Escape*. London, Zedd Books. p.80; p.110-117; p.165-171
- JAY, Heale e ANGELINE, Koh. (2005). *Portugal: Cultures of the world*. New York, Marshall Cavendish. p.69-70
- JONES, Deborah. (1990). *Gossip: notes on women's oral culture in The Feminist Critique of Language: A reader*. London, Routledge. p.245-251
- JOSÉ, Luís dos Santos. (1996). *O Que é Cultura?*. 16 edição. São Paulo, Brasiliense. p.7-11
- KERNER, Ina. (2012). *Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo*. São Paulo, Novos estud. CEBRAP.
- LASISI, Hairi. (2012). *Destiny 2: Destiny*. Bloomington, iUniverse.
- LEI, Xiaolian. (2006). *Sexism in Language*. Xi'an, Northwest Polytechnic University. p.17-19
- LERNER, G. (1989). *The Creation of Patriarchy*. New York, Oxford University Press.
- LI, Ping. (2001). *Homem, Família e Sociedade*. Porto, Comercial. p.147-149
- LIN, Juren. (2003). *As visões diferentes para o género social*. Guang Zhou, Jornal da Noite, Cidade de Yang.
- LIU, Fen. (1980). *The Education of Women - A Problem since The Revolution*. China,

Industrial. p.66-71

LIU, Xiang. (1994). *Mulher no Inferno*. Pequim, Cultural e Comercial. Pequim.

LOURO, Guacira Lopes. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes. p.60-78

LUÍS, Miguel Queirós. (2012). *Um Mar De Palavras*. Lisboa, Jornal Público.

LUO, Y. J., & HAO, X. M.. (2007). *Media portrayal of women and social change: A case study of women of China*. Pequim, Feminist Media Studies, 7(3). p.281-298

MA, Yingqin. (1980). *China's Marriage Law: Past and Present, Women of China*. Pequim, Industrial. P.42-44

MAIA, A C. B. (2001). *Sexualidade: reflexões sobre um conceito amplo*. London, SBPN-Scientific Journal. p.45-48

MANN, M. (1994). *Persons, Households, Families, Lineages, Genders, Classes and Nations. The Polity Reader in Gender Studies*. Cambridge, Polity Press.

MARGERY, Wolf e ROXANE, Witke. (1995). *Women in Chinese Society*. Stanford, Stanford University. p.27-35; p.175-192

MATOS, M. (2008). *Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências*. Florianópolis, Revista Estudos Feministas. p.333-357

MCROBBIE, Angela. (2009). *The aftermath of feminism: gender, culture and social change*. London, Sage. p.63; p.147-160

MIEDER, Wolfgang. (1993). *Proverbs are never out of season: Popular wisdom in the modern age*. New York, Oxford University Press. p.71-85

MILLETT, K. (1977). *Sexual Politics*. London, Virago. p.35; p.66

MITCHELL, J. (1971). *Women's Estate*. Bloomington, Harmondsworth.

MONTEIRO, Joaquim Gomes e COSTA, António. (1944). *A vida misteriosa de palavras: origem e explicação de neologismos, dizeres comuns e frases-feitas*. Lisboa, Portugal. p.17-25

MONTEIRO, Rosa e FERREIRA, Virgínia. (2009). *The political process of gender mainstreaming in Portugal: actors and instruments*. Potsdam, The University of Potsdam. p.11-13

MURARO, Rose Marie. (1992). *A Mulher no Terceiro Milênio*. 2.ed. Rio de Janeiro, Osa dos Tempos.

- NATHAN, A. (1986). *Sources of Chinese Rights Thinking in Chinese Constitutions*. In R. Edwards, L. Henkin, and A. Nathan (eds.), *Human Rights in Contemporary China*. New York, Columbia University Press. p.138; p.235-260
- NETO, V. (1993). *O Estado e a Igreja*. Rio de Mouro, Círculo de Leitores. p.265-283
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. (1991). *Bruxaria e História – As práticas mágicas no ocidente Cristão*. São Paulo, Ática.
- NOGUEIRA, M. Conceição. (2009). *Women in Positions of Power in Portugal*. Vol. 30, No. 1. Lisboa, Journal of Women, Politics & Policy.
- OAKLEY, Ann. (1972). *Sex, Gender, and Society*. New York, Harper and Row. p.125-127; p.215-219
- ONDINA, Maria. (1991). *A China fica ao lado*. Macau, Instituto Cultural.
- PARAFITA, Alexandre e FERNANDES, Isaura. (2007). *Os Provérbios e a Cultura Popular: A ética e a estética da vivência rural*. Serzedo, Gailivro. p.46; p.51-69
- PAULO, G. M. DE MOURA. (2007). *Sociedade E Contemporaneidade*. São Paulo, IESDE BRASIL.
- PENELOPE, Eckert e SALLY, McConnell-Ginet. (2003). *Language and gender*. Cambridge, Cambridge Universtiy Press.
- PURVIS, Jennifer. (2004). *Girls and Women Together in the Third Wave: Embracing the Challenges of Intergenerational Feminism*. The United States, NWSA Journal. p.93-123
- QIAN, Honglong. (1993). *Chinese Proverbs: The wisdom of people*. Jilin, Jilin University. p.34-38
- QIN, Wang. (2015). *As imagens de mulher nos porvérbios chineses*. Pequim, Universidade de Bejing.
- RAI, S. (1992). *Watering Another Man's Garden: Gender, Employment and Education Reforms in China*. In S. Rai, H. Pilkington, and A. Phizacklea (eds.), *Women in the Face of Change: The Soviet Union, Eastern Europe and China*. London, Routledge.
- REIS, J. A. (1995). *Provérbios e Ditos Populares*. Lisboa, Litexa Editora. p.71-76; p.85-90
- RHIM, Soon Man. (1982). *THE STATUS OF WOMEN IN CHINA: YESTERDAY AND TODAY*. Cambridge, Jornal de ASIAN STUDIES. p.18-20; p.35-37

- ROBERT, Lado. (1964). *Language Teaching: A Scientific Approach*. New York, McGraw-Hill, Inc.
- ROFEL, L. (1994). *Liberation Nostalgia and a Yearning for Modernity*. In C.K. Gilmartin, G. Hershatter, L. Rofel, and T. White (eds.), *Engendering China*. Cambridge, Harvard University Press.
- RUETHER, Rosemary Radford. (1975). *New women, new earth. Sexist ideologies and human liberation*. New York, Seabury Press.
- RUETHER, Rosemary Radford. (1993) . *Sexism and God-talk*. Boston, Beacon Press. p.65-66
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo. p.101-121
- SANTOS, Ana Cristina, e MARIA, Mar Pereira. (2013). *The Policy on Gender Equality in Portugal*. Brussels, European Parliament.
- SAPIR, Edward. (1958). *Cultura, Língua e Personagem*. Berkeley, University of California Press.
- SI, Maqian. (2000). *Registros do Historiador*, capítulo 122. China, Zhong Hua. p.3144-p.3145
- SILVA, Adalberto Prado e et al. (1977). *Dicionário da Língua Portuguesa*. 8ª ed. São Paulo, Edições Melhoramentos. p.375-666
- SIN, Y. M., & YAU, H. M. (2004). *Female role orientation of Chinese women*. Hong Kong, The University of Hong Kong. p.42-44
- SNOW, Edgar,. (1968). *Red Star Over China: The Classic Account of the Birth of Chinese Communism*. New York, Grove Press.
- SNOW, Edgar. (1971). *Red China Today*. New York, Vintage Books.
- STEFFEN, Dix. (2010). *As esferas seculares e religiosas na sociedade portuguesa*. Lisboa. p.46-48; p.132-140
- TAVORA, Isabel. (2012). *Understanding the High Rates of Employment among Low-educated Women in Portugal: A Comparatively Oriented Case Study*. *Gender, Work & Organization*. Vol. 19, No. 2. Cambridge. p.93-118
- TEIXEIRA, Nílson Carlos. (2000). *O Grande Livro dos Provérbios*. Brasil, Belo Horizonte.

- VILARINHO, Manuel Eduardo Leal. (1985). *Alguns Aspectos da Paremiologia: a Influência da Expansão Marítima nos Provérbios Portugueses*. Lisboa, Academia da Marinha.
- WALBY, S. (1990). *Theorizing Patriarchy*. UK and Cambridge USA, Blackwell Publishers Ltd. Oxford.
- WANG, Q. S. (2004). *The history and current status of Chinese women's participation in politics*. In B. J. - Zheng, J. Tao, & S. L. Mow (Eds.), *Holding up half the sky: Chinese women past, present, and future*. New York, Feminist Press at the City University of New York.
- WEAVER, M J. (1985). *New Catholic Women*. San Francisco, Harper & Row.
- WILLIAM, Shakespeare. (1947). *A Trágica História de HAMLET*. Edição Ridendo Castigat Mores.
- WOLF, M. (1985). *Revolution Postponed: Women in Contemporary China*. Stanford, Stanford University Press.
- XUE, Xinran. (2007). *As Boas Mulheres da China*. Lisboa, Bolso. p.22; p.59
- YANG, C. K. (1959). *Chinese Communist Society: The Family and the Village*. Massachusetts, Combridge. Massachusetts. p.117; p.178
- YANG, M. M. H. (1999). *From gender erasure to gender difference: State feminism, consumer sexuality, and women's public sphere in China*. In M. M. H. Yang (Ed.), *Spaces of their own: Women's public sphere in transnational China*. Minneapolis, University of Minnesota Press. p.89-101
- YANG, Weisheng. (2008). *Complexo da riqueza material e espiritual criada na prática pela história humana: História de Dinastia Song*. Zhejiang, Universidade de Zhejiang.
- ZHANG, Hong. (2005). *Mulheres depois da Abertura económica*. Xangai, Povo. p.57-66
- ZHAO, Yanping e LI, Jielian. (1999). *Cultura e Comunicação*. Pequim, Universidade do povo da China.
- DANA, Bisignai. "History of Feminism in the U.S.: The First Wave". in <https://genderpressing.wordpress.com/2015/01/23/feminism-the-first-wave-2/> acessado a 15 de abril de 2017.

TÚLIO, Vilela. “Napoleão (1): Depois da Era Napoleônica, a Europa nunca mais foi a mesma”.in <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/napoleao-1-depois-da-era-napoleonica-a-europa-nunca-mais-foi-a-mesma.htm> acessado a 15 de abril de 2017.

“*O Segundo Sexo*, de Simone Beauvoir, ganha caixa especial com dois volumes”, in <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2016/04/1752688-o-segundo-sexo-de-simone-de-beauvoir-ganha-caixa-especial-com-dois-volumes.shtml> acessado a 16 de abril de 2017.

LUCAS. (2016). “Pés-de-lótus: Fotos chocantes revelam tradição chinesa milenar” in <https://misteriosdo mundo.org/pes -de-lotus/> acessado a 16 de abril de 2017.

DULCE, Rebelo. (2016). “As Conquistas Democráticas da Mulher Portuguesa” in <http://www.25abril.org/a25abril/docs/congresso/democracia/00.07-Dulce%20Rebelo.pdf> acessado a 16 de abril de 2017.

ANA, Paula Conçalves. “O papel da mulher na idade média” in https://www.academia.edu/13724598/O_papel_da_mulher_na_idade_m%C3%A9dia acessado a 16 de abril de 2017.

PHADA. (2015) “7 Grounds For Divorce (七出之条) In Ancient China” in <https://collaborativechinesechat.wordpress.com/2015/10/15/7-grounds-for-divorce-%E4%B8%83%E5%87%BA%E4%B9%8B%E6%9D%A1-in-ancient-china/> acessado a 20 de abril de 2017.

MARIA, Manuel de Costa. (2012). *O Casamento* in <http://www.ispsn.org/sites/default/files/magazine/articles/N1%20art4.pdf> acessado a 20 de abril de 2017.

JAMES, Legge. (1893). “Confucian Analects” in http://www.cnculture.net/ebook/jing/sishu/lunyu_en/17.html acessado a 24 de abril de 2017.

MARCELO, Derani Valente. (2012). “Caça, coleta e nomadismo” in <http://histememo.ria.blogspot.pt/2012/05/caca-coleta-e-nomadismo.html> acessado a 24 de abril de 2017.

SHEN, Lijuan. “Gender in Chinese Philosophy” in <http://www.iep.utm.edu/gender-c/> acessado a 26 de abril de 2017.

JOSÉ, Carlos Fernández. (2013). “Mêncio, Um Filósofo Chinês” in http://nova-acropole.pt/a_mencio.html acessado a 3 de maio de 2017.

FLÁVIA, Schiochet . (2016). “Conheça as novas palavras gastronômicas que estão na moda” in <http://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/voce-e-um-climatario-ja-uso-u-um-zarf-conheca-as-palavras-gastronomicas-que-estao-na-moda/>

CARVALHO, Margarida. “Studies: The Persistence of Gender Salary Inequality in Portuguese Companies: 1988-2008” Observatório Das Desigualdades [Observatory of Inequalities], 2010. in observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=117 acessado a 11 de maio de 2017.

MIGUEL, do Carmo. Inequalities in Portugal: Recent and Structural Trends. Observatório Das Desigualdades [Observatory of Inequalities], 2010. in observatorioidas-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=126 acessado de 11 de maio de 2017.

AGÊNCIA, De Inovação. Portugal Grows in Innovation Performance: Portugal Overcomes Scientific and Technological Backwardness. ADI/Agência De Inovação. 2011:1. in www.adi.pt/docs/ADI_InnovationQuickView.pdf acessado a 13 de maio de 2017.

IRENE, Pimental. (2008). “A situação das mulheres no século XX em Portugal (1)” in <https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1/> acessado a 15 de maio de 2017.